



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SILVANA ALVES CARDOSO

A DIMENSÃO SIGNIFICANTE DA LIBRAS: observações terminológicas

Recife

2020

SILVANA ALVES CARDOSO

A DIMENSÃO SIGNIFICANTE DA LIBRAS: observações terminológicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Vicente Masip Viciano

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

C268d Cardoso, Silvana Alves
A dimensão significativa da Libras: observações terminológicas / Silvana Alves Cardoso. – Recife, 2020.
119f.: il.

Orientador: Vicente Masip Viciano.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências.

1. Terminologia. 2. Fonema. 3. Fonologia. 4. Libras. I. Viciano, Vicente Masip (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-74)

SILVANA ALVES CARDOSO

A DIMENSÃO SIGNIFICANTE DA LIBRAS: observações terminológicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 20/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Vicente Masip Viciano (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Dr. José Alberto Miranda Poza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Dr. Carlos Antonio Fontenele Mourão (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

A minha mãe Eliane Rêgo e ao meu pai Josino Quaresma (in memoriam), pais de criação, sem os quais não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pela oportunidade de estar viva para concretizar esta etapa da minha vida.

A minha mãe, *Eliane Rêgo*, que, mesmo sem achar tão legal a ideia da minha saída de casa para estudar “fora”, sempre me incentivou com os seus valiosos “dizeres”. Mãe, não se preocupe, pois não deixei “o cavalo passar selado”, e, diante da possibilidade de ser um “rio caudaloso”, não me contentei em ser “apenas um riacho”!

Aos meus familiares e colegas em geral, que, de alguma forma, me ajudaram a prosseguir nesta caminhada.

A *Patrícia Dayana*, minha companheira de todas as horas, por me aturar as “vinte e quatro horas do dia” durante este período.

A *Masé* e *Erica*, por terem aceitado cuidar, durante a minha ausência, do meu cachorro *Caputino*, e pelo apoio de maneira geral.

A todos (as) os (as) professores (as), aqui representados (as) pela Professora *Edna Maria Carvalho* (História e Geografia/4ª série [hoje, 5º ano] do Ensino Fundamental/Unidade Escolar Padre Freitas) e pelo Professor *Hermínio Damasceno* (Língua Portuguesa/3º Ano do Ensino Médio/Unidade Escolar José Narciso da Rocha Filho), que passaram por minha vida durante a Educação Básica. Foram os ensinamentos de vocês que me deram suporte para chegar até aqui.

Aos professores da graduação em Letras Português, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), no *campus* de Piriipiri, que, de forma particular, acreditaram na minha capacidade, em especial ao Professor recifense Dr. *Márcio Queiroz*, meu maior exemplo, a quem conheci ainda em Piriipiri (PI) por obra do destino, e à Professora Dr.^a *Adriana Paula*, a qual também contribuiu com suas valiosas dicas em meio ao processo de seleção desta etapa.

Ao Professor Me. *Raimundo Isídio*, pelo incentivo incansável e por confiar no meu potencial.

Ao Professor Dr. *Anderson Almeida*, fonte de inspiração, de quem tive a sorte de receber orientações durante o curso de *Especialização em Libras*, pela UESPI - EAD/Piriipiri. Também à Professora Me. *Joselita Izabel*, coordenadora no referido curso, que tanto me estimulou na trajetória dos estudos.

Ao meu orientador, Professor Dr. *Vicente Masip*, por, gentilmente, ter acolhido a minha proposta de pesquisa, e, com sua vasta bagagem teórica e experiência profissional, ter me guiado pelos mais sábios caminhos acadêmicos.

Aos professores de Pós-Graduação em Letras da UFPE – Professor Dr. *Marcelo Sibaldo*, Professor Dr. *Antônio Carlos Xavier*, Professora Dr.^a *Evandra Grigoletto* –, aos quais tive o privilégio de conhecer e de participar das suas aulas. E, de forma específica, à Professora Dr.^a *Suzana Cortez*, por me conceder, também, a oportunidade de participar da equipe editorial da *Revista Investigações*, em que obtive grandes aprendizados; e por, muitas vezes, ouvir minhas angústias de vida, dando-me força. Também à Professora Dr.^a *Siane Goes*, de quem tive a satisfação de participar de um minicurso ministrado por esse ser humano iluminado.

A todos que compõem a equipe técnico-administrativa do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pelo, sempre, e pronto atendimento. De modo particular, a *Claudyvanne Silva*, que me orientou desde a minha aprovação neste programa, colocando-se à disposição e me dando suporte à longa distância, via *whatsApp*. Isso foi fundamental! Muito obrigada!

À agência de fomento à pesquisa CNPq, por meio do processo nº 132114/2018-6, por financiar este estudo e custear toda a minha estadia em Recife-PE.

Ao Professor Dr. *Carlos Mourão*, membro da banca de qualificação e de defesa deste trabalho, pelas valiosas contribuições, e ao Professor Dr. *Alberto Poza*, componente da banca de defesa, por suas sábias e pertinentes colocações.

A todos os meus colegas do curso de Mestrado/Doutorado, aqui representados pelos nomes *Fernandes*, *Josicléia*, *Laryssa*, *Aucilane*, *Serquiz* e *Michelle*, pelos diversos momentos de partilha em sala de aula e fora dela. E, de modo especial, a *Lindilene*, também professora da UFPE, do curso de Letras Libras, por aceitar a minha participação em suas aulas de Libras nos cursos de graduação, e por dividir comigo alguns dos anseios da comunidade surda.

Aos colegas surdos que encontrei/convivi nos espaços da UFPE, pela troca de experiências sinalizadas e por me permitir adentrar em sua comunidade, ainda que esporadicamente.

Aos meus colegas de trabalho de Piri-piri – PI (*Ceti Arimathea Tito*, *CAPSad*, *UESPI - Ead*), os quais “abandonei” em meio a nossa curta convivência profissional, que mesmo achando (há exceções) uma “loucura” os meus pedidos de exoneração/afastamento, impulsionaram-me a chegar até aqui.

A Cleudemar Souza, pela torcida constante, mesmo quando eu nem imagina submeter-me a este nível de formação, e por vibrar a cada desafio superado.

Ao Senhor Rivaldo e família, proprietários da minha moradia temporária, por acolher e atender, prontamente, as exigências de uma inquilina piri-piriense.

Enfim, a todos, a minha eterna gratidão!

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência (BENVENISTE, 1989, p. 252).

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) faz-se cada dia mais presente na sociedade brasileira como um todo e vem, progressivamente, ganhando relevância nos mais diferentes contextos de atuação social e científica. Notoriamente, o que diferencia, antes de tudo, as línguas sinalizadas das línguas orais diz respeito à modalidade de produção e de recepção na qual cada uma dessas línguas se organiza. Nessa direção, este estudo, de caráter teórico-bibliográfico e de valor qualitativo, propõe uma reflexão acerca das terminologias tradicionais e de natureza oralizada, *Fonema* e *Fonologia*, empregadas, respectivamente, para nomear as unidades mínimas e o campo de estudo de tais unidades da Libras, objetivando, de forma geral, discutir o uso de nomenclaturas condizentes com a realidade linguístico-modal dos elementos mínimos da Libras, bem como com o campo de estudo destinado à disposição e compreensão desses constituintes menores sinalizados. Para tanto, retoma: a) questões contextuais, históricas, linguístico-estruturais e do signo linguístico da Libras por meio das pesquisas de Quadros (2019), Oliveira (2012), Frydrych (2013), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), Liddell (2003), Klima e Bellugi (1979), Stokoe (1960), entre outros pesquisadores; b) fatos concernentes às línguas orais, no que confere à concepção de signo linguístico, defendida por Saussure (2012); e c) considerações gerais sobre *Fonema* e *Fonologia*, a partir das contribuições de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), Masip (2014), Silva (2003), dentre outros. E como base de dados para a investigação de perspectivas de mudança e/ou ampliação das nomenclaturas referentes às unidades mínimas da Libras e do seu campo de estudo, faz uso das investigações de Masip (2019), Nóbrega (2016), Capovilla (2015), Barros (2008), Costa (2013), Xavier (2006), Stokoe (1960). Assim, defende a ideia de uma renovação terminológica no que confere à intitulação dos elementos mínimos da Libras e da sua referida área de estudo – tradicionalmente conhecidos por *Fonema* e *Fonologia* da Libras, respectivamente – que melhor se adéque à natureza linguística da Libras e às particularidades organizacionais dessa língua, pois entende que, por se tratarem de línguas características da modalidade visuoespacial, as suas unidades mínimas e seus ramos de estudo necessitam ser nomeados e reconhecidos por nomenclaturas que revelem a natureza da realidade linguística dessas línguas.

Palavras-chave: Terminologia. Fonema. Fonologia. Libras.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (Libras) is increasingly present in Brazilian society as a whole and has progressively gained relevance in the most different contexts of social and scientific action. Notoriously, what differentiates, first of all, the signposted languages of oral languages concerns the mode of production and reception in which each of these languages is organised. In this direction, this study, of theoretical-bibliographic character and qualitative value, proposes a reflection on traditional terminologies and oralized nature, Phoneme and Phonology, employed, respectively, to name the minimum units and field of study of such Units of Libras, aiming, in general, to discuss the use of nomenclatures consistent with the linguistic-modal reality of the minimum elements of Libras, as well as with the field of study intended for the disposition and understanding of these signaled smaller constituents. To do so, it resumes: a) contextual issues, historical, linguistic-structural and the linguistic sign of Libras through the research of Quadros (2019), Oliveira (2012), Frydrych (2013), Ferreira (2010), Quadros and Karnopp (2004), Gesser (2009), Liddell (2003), Klima and Bellugi (1979), Stokoe (1960), among other researchers; b) facts concerning oral languages, as regards the conception of linguistic sign, defended by Saussure (2012); and c) general considerations on Phonema and Phonology, based on the contributions of Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2019), Masip (2014), Silva (2003), among others. And as a database for the investigation of prospects for change and/or expansion of nomenclatures related to the minimum units of Libras and its field of study, makes use of MASIP (2019), Nóbrega (2016), Capovilla (2015), Barros (2008), Costa (2013), Xavier (2006), Stokoe (1960) investigations. Thus, it defends the idea of a terminological renewal in which it confers the entitler of the minimum elements of Libras and its area of study – traditionally known as Fonema and Phonology of Libras, respectively – which best adheres to the linguistic nature of Libras and the organisational particularity of that language, because it believes that, because they are characteristic languages of the visuospatial modality, its minimum units and their branches of study need to be appointed and recognised by nomenclatures that reveal the nature of the linguistic reality of these languages.

Keywords: Terminology. Phoneme. Phonology. Libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diferenças entre as Línguas Orais e as Línguas de Sinais.....	23
Figura 2 - Sinal ACOMPANHAR.....	33
Figura 3 - Sinal LIVRO.....	40
Figura 4 - Sinal FEIO.....	42
Figura 5 - Iconicidade do sinal.....	43
Figura 6 - Sinal AVIÃO.....	44
Figura 7 - Parâmetros da Libras.....	45
Figura 8 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Pimenta.....	49
Figura 9 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Felipe e Monteiro.....	50
Figura 10 - Sinal OI.....	51
Figura 11 - Sinal ACAMPAMENTO.....	53
Figura 12 - Sinal BARRACA.....	54
Figura 13 - Sinal ROUBAR.....	54
Figura 14 - Sinal FACA.....	56
Figura 15 - Espaço de realização dos sinais.....	56
Figura 16 - Sinal APRENDER.....	59
Figura 17 - Sinal SÁBADO.....	59
Figura 18 - Sinal CASA.....	60
Figura 19 - Parâmetro Movimento na mudança lexical.....	63
Figura 20 - Sinal BOLACHA.....	64
Figura 21 - Sinal PERIGO.....	64
Figura 22 - Orientações de palma da mão da Libras.....	66
Figura 23 - Sinal NÃO QUERER.....	67
Figura 24 - Sinal TELA.....	67
Figura 25 - Sinal TRABALHAR.....	67
Figura 26 - Sinal TRISTE.....	71
Figura 27 - Sinal ESFORÇO.....	72
Figura 28 - Sinal ÓDIO.....	72
Figura 29 - Sinal ASSOBIAR.....	73
Figura 30 - Sequencialidade nas línguas orais e simultaneidade nas línguas de sinais.....	80

Figura 31 - SIGMANULOGIA.....	95
Figura 32 - Sinal SIGNEMA.....	96
Figura 33 - Sinal PESQUISAR.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Ferreira- Brito e Langevin.....	48
Quadro 2 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Faria- Nascimento.....	51
Quadro 3 - Pontos de Articulação da Libras.....	57
Quadro 4 - Movimentos na <i>ELiS</i>	61
Quadro 5 - Categorização do parâmetro Movimento na Libras.....	62
Quadro 6 - Expressões Não Manuais da Libras.....	70
Quadro 7 - Relação terminológica entre as LS e as LO.....	86
Quadro 8 - Glossário terminológico.....	87
Quadro 9 - Equivalência terminológica.....	95
Quadro 10 - Síntese das Propostas Terminológicas.....	106

LISTA DE SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
CLG	Curso de Linguística Geral
CM	Configuração de Mão
ENM	Expressão Não Manual
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
LGP	Língua Gestual Portuguesa
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Línguas Orais
LS	Línguas de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSCB	Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSKB	Língua de Sinais Kaapor Brasileira
M	Movimento
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	21
2.1	LIBRAS: VISÃO GERAL.....	22
2.2	O SIGNO LINGUÍSTICO DA LIBRAS.....	34
3	LIBRAS: ASPECTOS ESTRUTURAIS.....	45
3.1	CONFIGURAÇÃO DE MÃO.....	47
3.2	PONTO DE ARTICULAÇÃO.....	55
3.3	MOVIMENTO.....	60
3.4	ORIENTAÇÃO.....	65
3.5	EXPRESSÃO NÃO MANUAL.....	68
4	FONOLOGIA E FONEMA EM FOCO.....	74
4.1	TERMINOLOGIA CLÁSSICA: BREVES COMENTÁRIOS.....	75
4.2	FONOLOGIA DA LIBRAS: PROPOSTAS E AMPLIAÇÕES TERMINOLÓGICAS.....	77
4.2.1	Proposta Stokoeana.....	79
4.2.2	Proposta Capovilleana.....	82
4.2.3	Proposta Esteliteana.....	84
4.2.4	Proposta de Descrição Fonético-Fonológico.....	88
4.2.5	Proposta FONOLIBRAS.....	90
4.2.6	Proposta Nobregueana.....	92
4.2.7	Proposta Masipeana.....	96
5	(IN)ADEQUAÇÕES TERMINOLÓGICAS NA LIBRAS: OBSERVAÇÕES.....	101
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS.....	116

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais, popularmente identificada como Libras, é a língua usada majoritariamente pela comunidade surda no Brasil, sendo reconhecida, inclusive, por aparatos legais. Desse modo, configura-se como uma língua legítima e plenamente autônoma constituída por estrutura própria e com todos os níveis (Fonologia, Fonética, Morfologia, Sintaxe, Semântica, entre outros) de análise linguística que uma língua natural apresenta. As línguas de sinais de um modo geral diferenciam-se, primariamente, das línguas orais quanto à modalidade na qual cada uma está disposta, o que as identifica como línguas visuoespaciais e línguas orais-auditivas, respectivamente. Assim, utilizam-se de diferentes elementos do corpo, ou mesmo para além dele¹, para as suas realizações linguísticas: as línguas oralizadas, em suas manifestações majoritárias, são materializadas por meio da fala e assimiladas pelos ouvidos, enquanto que as sinalizadas – no contexto da comunicação entre surdos videntes e possuidores dos membros superiores (braços e mãos) – são produzidas, em grande parte, pelas mãos e também pelas expressões não manuais (tratada com mais detalhes na seção cinco do capítulo três) e compreendidas pela visão.

Ainda que não partilhem da mesma modalidade linguística das línguas oralizadas, as línguas de sinais, posto que bastante particulares, possuem uma disposição semelhante àquelas quanto à organização da estrutura em elementos menores, o que possibilita também o estudo investigativo das diversas partes nas mais diferentes esferas linguístico-gramaticais. Assim, muitas são as inquietações de linguistas em relação às áreas dessas línguas e várias são as pesquisas interessadas, por exemplo, em compreender e nomear as unidades mínimas distintivas desses idiomas, como será visto ao longo desta produção.

Ocorre que, com o transcorrer das investigações linguísticas nas línguas de sinais, a existência dessas semelhanças organizacionais entre as duas línguas – ambas sendo formadas por unidades menores (fonemas para as línguas orais e parâmetros² (*grosso modo*) para as línguas de sinais) e sendo responsáveis pela distinção significativa entre as palavras e sinais, respectivamente – levaram muitos linguistas a investigar as línguas sinalizadas à luz das concepções teóricas sobre as línguas orais, optando, inclusive, pela permanência no uso de muitos termos referentes às línguas sonoras, como é o caso das terminologias *Fonema* e *Fonologia* presentes nas diversas pesquisas envolvendo a Libras. Desse modo, o que está em

¹ No caso das línguas de sinais, há elementos fora do corpo, realizados a partir do parâmetro Espaço (tratado na segunda seção do capítulo seguinte), que influenciam diretamente no significados dos sinais.

² Consoante Quadros e Karnopp (2004, p. 51), a noção de Parâmetro – unidade formacional dos sinais – faz parte do legado pioneiro deixado pelo, então intitulado, pai da linguística sinalizada, William Stokoe (1960).

discussão aqui, configurando-se como a temática central desta produção, enquanto um recorte (questões terminológicas) necessário a qualquer área de estudo de grande abrangência como essa, é o emprego desses termos oriundos de uma modalidade linguística diferente da natureza modal das línguas sinalizadas – nesse contexto, a Libras.

Nessa direção, o trabalho, aqui delineado, intenta, de forma geral, e no que tange à análise *fonológica* da Libras, refletir sobre o uso de terminologias condizentes com a realidade linguístico-modal dos elementos mínimos da Libras, tradicionalmente chamados de *Fonemas*, bem como com o campo de estudo destinado à disposição e compreensão desses constituintes menores sinalizados, igualmente denominado *Fonologia*. E, especificamente: (I) situar a Libras em seu contexto histórico, destacando os aspectos da estrutura dessa língua como forma de evidenciar a sua autonomia linguístico-estrutural; (II) fazer o levantamento e análise das propostas de nomeação e/ou ampliação terminológica dos constituintes mínimo da Libras e do seu ramo de investigação; e (III) refletir sobre as denominações que vão de encontro aos empregos da expressão “*Fonologia e Fonema da Libras*”.

Levando em consideração que a grande maioria dos estudos em línguas de sinais, no que diz respeito à nomeação das suas unidades mínimas e seu respectivo campo de estudo, dá preferência aos mesmos termos (*Fonema e Fonologia*), e demais terminologias³ originadas de igual raiz etimológica, utilizados nas investigações das línguas orais, com a justificativa de estarem adotando as mesmas nomenclaturas para atender e não se distanciar da tradição conceitual linguística, é que surge o seguinte questionamento, o qual norteia toda a discussão deste trabalho: as unidades mínimas da Libras, assim como a sua respectiva área de estudo – tradicionalmente denominada *Fonologia da Libras* –, ainda que compartilhem de alguns princípios organizativos aos das línguas auditivas, precisam ser, necessariamente, alcunhadas e reconhecidas tais quais as unidades menores e ao campo de investigação das línguas oralizadas? Em resposta, aqui, considera-se que a Libras, enquanto língua sinalizada, possui uma organização linguístico-modal diferente das línguas orais, bem como uma estrutura autônoma em relação às línguas orais, e por isso que devem ser nomeadas/reconhecidas conforme a sua natureza e particularidade linguística.

Nessa perspectiva, e com base na modalidade e na autonomia linguística-estrutural da Libras, levanta-se e defende-se a ideia de um ajustamento terminológico no que confere à intitulação dos elementos mínimos da Libras e da sua referida área de estudo –

³ Encontra-se em Quadros (2019, p. 42) o contínuo emprego dos termos ‘Fonética’ e ‘Fonologia aplicados aos estudos linguísticos das línguas de sinais e da Libras, justificado pelo uso de tais termos em pesquisas anteriores já consagradas pela literatura da área, como Crasborn (2012), Sandler e Lillo-Martin (2006), Sandler (1989), Battison (1978), entre outros.

tradicionalmente conhecidos por *Fonema* e *Fonologia* da Libras, respectivamente – que melhor se adéque à natureza linguística dessa língua e as suas particularidades organizacionais. Assim, entende-se que, por se tratarem de línguas características da modalidade visuoespacial, as suas unidades mínimas e seus ramos de estudo necessitam ser nomeados e reconhecidos por nomenclaturas que revelem a natureza da realidade linguística dessas línguas.

O levantamento deste estudo deu-se pela necessidade de retomar a discussão acerca das terminologias tradicionais e de natureza oralizada empregadas para nomear os constituintes mínimos da Libras e sua respectiva área de estudo, partindo da constatação de que alguns termos, como *Fonema* e *Fonologia*, quando referidos às unidades menores e ao campo de pesquisa da Libras, aparecem constantemente em meio ao emprego do recurso gráfico aspas. Muito se fala em “Fonema” e “Fonologia” das línguas sinalizadas entre aspas, como se o uso desses termos revelassem uma certa incompatibilidade com a realidade linguística das línguas de sinais, havendo, portanto, sempre o cuidado de esclarecer esse impasse. Nesse sentido, tal reflexão faz-se relevante ainda: a) cientificamente, pelo realce da temática em si e por fortalecer e ampliar as reflexões sobre as ocorrências linguísticas de foco estruturalista das línguas sinalizadas, em especial, no que diz respeito ao âmbito terminológico dessas línguas; b) socioculturalmente, por valorizar a língua da comunidade surda brasileira, permitindo, assim, o entendimento das potencialidades estruturais e terminológicas desse idioma, o que contribui, em certa dimensão, para o ensino da Libras, e auxilia professores, alunos e interessados na compreensão de tal língua.

A presente produção trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e teórica. Assim, recorre, na literatura especializada, aos estudos sobre a nomeação dos constituintes menores (e da sua respectiva área de estudo) da Libras, e às teorias correspondentes à estrutura linguística dessa língua, revisando-os quanto à (in)adequação terminológica das unidades mínimas da Libras e do seu campo de pesquisa, tradicionalmente reconhecidos pelas nomenclaturas *Fonema* e *Fonologia*, respectivamente. Dessa forma, possui valor de investigação qualitativo, por privilegiar a qualidade das manifestações da língua, a partir da análise dos estudos já realizados e das escolhas terminológicas por eles demonstradas, tecendo considerações, apontando caminhos, descrevendo e interpretando a realidade linguístico-estrutural-terminológica da Libras. Por se tratar de uma discussão de caráter teórico-linguístico, as reflexões e as análises aqui são também, primordialmente, teórico-linguísticas.

Para a efetivação deste trabalho, fez-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico e teórico sobre o assunto mais geral desta discussão: a Libras, para, então, dirigir-se às

referências pertinentes ao tema central: emprego dos termos *Fonema* e *Fonologia*, oriundos de modalidades linguísticas orais, nas línguas sinalizadas, sem levar em consideração a natureza modal dessas línguas. Assim, retomou-se como aporte teórico: as questões contextuais, históricas, linguístico-estruturais e de signo linguístico da Libras por meio das pesquisas de Quadros (2019), Oliveira (2012), Frydrych (2013), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), entre outros pesquisadores; e os fatos concernentes às línguas orais, no que confere à concepção de signo linguístico, defendida por Saussure (2012) e às considerações gerais sobre *Fonema* e *Fonologia*, a partir das contribuições de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), Masip (2014), Silva (2003), dentre outros. Depois, realizou-se a leitura e o fichamento das teorias do quadro referencial supracitado. A etapa seguinte foi a verificação, levantamento e discussão de trabalhos relacionados às questões terminológicas das unidades mínimas da Libras, assim como o seu campo de estudo, os quais serviram como fontes de dados para a investigação de perspectivas de mudança e/ou ampliação das nomenclaturas em questão. Aqui, destacam-se as investigações de Masip (2019), Nóbrega (2016), Capovilla (2015), Barros (2008), Costa (2013), Xavier (2006), Stokoe (1960), que funcionaram de base para as reflexões erguidas na etapa final nesta produção. Encontrados na literatura da área e advindos de investigações concebidas em teses, dissertações e artigos, todos esses estudos sinalizam, de alguma forma, para a discussão sobre o emprego dos termos *Fonema* e *Fonologia*, em referência, nessa ordem, aos constituintes menores da Libras e a sua referida área de pesquisa, seja em defesa da permanência dessas terminologias ou por meio de uma ampliação e releitura dos termos e conceitos já existentes, seja propondo novos conjuntos terminológicos, o que motiva a escolha particular de cada uma dessas perspectivas para a composição deste trabalho. A obra lexicográfica *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, de Capovilla, Raphael e Maurício (2015) atuou como a principal fonte de dados no que diz respeito à ilustração das questões estruturais da Libras, pois, por ser o mais completo na literatura especializada, possibilitou a ilustração, descrição e análise dos constituintes linguísticos básicos da Libras.

Além deste capítulo de introdução e do capítulo das considerações finais, encontram-se outros quatro capítulos, os quais compõem a estrutura organizacional desta produção dissertativa. O segundo capítulo, intitulado *Língua Brasileira de Sinais*, é dedicado a questões histórico-contextuais que circundam a Libras, bem como a alguns aspectos de cunho formacionais desse idioma, com a intenção de proporcionar aos leitores de diferentes domínios uma aproximação amistosa com o tema em discussão. Nessa direção, esse capítulo

organiza-se em duas seções: *Libras: visão geral* e *O signo linguístico da Libras*. A primeira seção, como o próprio nome sugere, reporta-se a um panorama mais global da Libras, abrangendo a percepção da Libras enquanto língua, os mitos que estão a sua volta, os seus primórdios e os aparatos legais dessa língua, entre outras demandas linguísticas. A segunda seção trata, inicialmente, da concepção de signo linguístico das línguas oralizadas, elencada por Saussure, e dos princípios da arbitrariedade e da linearidade que norteiam essas línguas, e, depois, da constituição do signo linguístico da língua sinalizada brasileira, acrescida também dos seus princípios regentes, em que se encontra uma tendência a uma, também, renovação conceitual e terminológica referente à constituição do signo linguístico da Libras.

No terceiro capítulo, nomeado *Libras: aspectos estruturais*, são evidenciados, de forma detalhada, os aspectos estruturais da Libras quanto às particularidades dos seus elementos mínimos distintivos, com o propósito de realçar a autonomia e independência estrutural dessa língua, que se revela possuidora de uma estrutura autêntica digna de ser nomeada e reconhecida conforme a sua natureza sinalizada. Para tanto, esse capítulo dispõe-se em cinco seções, cada uma dedicada a um parâmetro da Libras e nomeadas de *Configuração de Mão*, *Ponto de Articulação*, *Movimento*, *Orientação* e *Expressão não manual*. Todas essas seções seguem, substancialmente, a mesma dinâmica de organização: apresentação e conceituação do parâmetro, perspectivas de pesquisadores, classificação das particularidades de cada categoria paramétrica⁴ e exemplificação desses elementos que formam os sinais da Libras, com reflexões demandadas por cada um deles.

O quarto capítulo, alcunhado *Fonologia e Fonema em foco*, organiza-se em duas seções: a primeira, de nome *Terminologia clássica: breves comentários*, traz uma retomada dos termos *Fonema* e *Fonologia* com base na perspectiva tradicional aplicada aos estudos das línguas orais; e a segunda, intitulada *Fonologia da Libras: propostas e ampliações terminológicas*, apresenta algumas propostas e/ou ampliações terminológicas, encontradas na literatura especializada da área, referentes aos constituintes menores da Libras e sua respectiva área de estudo, com a intenção de evidenciar as possíveis incongruências, constatadas por estudiosos, no uso de terminologias – em especial, *Fonologia* e *Fonema* –, advindas das línguas orais e atribuídas às línguas de sinais de um modo geral. Nessa seção, constituída por sete subseções, são abordadas as perspectivas de Stokoe (1960), Capovilla (2015), Barros (2008), Xavier (2006), Costa (2013), Nóbrega (2016) e Masip (2019), intituladas, nesta produção, de *Proposta Skokoeana*, *Proposta Capovilleana*, *Proposta*

⁴ Em referência aos Parâmetros das línguas de sinais, embora também faça alusão ao termo Parâmetro da Teoria dos Princípios e Parâmetros da Gramática Universal Chomskyana (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2010).

Esteliteana, Proposta de descrição fonético-fonológica, Proposta FONOLIBRAS, Proposta Nobregueana e Proposta Masipeana, respectivamente, compo, cada uma, uma subseção de nome igual. Tendo em vista que as propostas em questão aproximam-se em certo nível, umas emergindo, inclusive, a partir de reflexões sobre outras, a disposição e apresentação das propostas a seguir respeitam, em sua maioria, essa proximidade entre as discussões terminológicas trazidas por cada uma, não havendo, portanto, o atendimento da ordem cronológica de suas produções.

Por fim, no quinto capítulo, denominado *(In)adequações terminológicas na Libras: observações*, acentua-se, com base nas considerações clássicas dos termos *Fonologia* e *Fonema* e no levantamento das propostas e ampliações terminológicas tratadas no quarto capítulo, a discussão alusiva ao uso (in)adequado das nomenclaturas consagradas *Fonema* e *Fonologia* em referência à Libras como forma de refletir a respeito da adoção de nomenclaturas que façam jus às minúcias dos constituintes menores da Libras, assim como a sua respectiva área de estudo.

2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) faz-se cada dia mais presente na sociedade brasileira como um todo e vem, progressivamente, ganhando relevância nos mais diferentes contextos de atuação social. Hoje, já não é mais novidade a presença de surdos interagindo em diversos espaços da comunidade, bem como a figura do intérprete mediando uma comunicação entre surdos e ouvintes. Vinculados a essa língua, encontram-se os mais variados propósitos, que vão desde o aprendizado de um novo idioma – seja por uma necessidade comunicativa entre sujeitos ou, simplesmente, por curiosidades linguísticas – a investigações de âmbito científico. A criação dos cursos de Letras Libras⁵, assim como a inclusão da Libras como disciplina nos currículos das demais Licenciaturas e dos cursos de Fonoaudiologia, em cumprimento à demanda legal do Decreto 5.626/2005, é um indicativo da visibilidade dessa língua. O fato é que a Libras mostra-se como um artefato que desperta grande interesse entre as pessoas de um modo geral e, de maneira particular, entre os diversos pesquisadores do ramo da Linguística. Para esses, os quais estão em busca de observar, descrever e explicar os fatos linguísticos, a Libras é um terreno fértil de possibilidades linguísticas que desafia, muitas vezes, algumas concepções que norteiam as línguas orais, incluindo as considerações de ordem terminológicas, em especial, o uso das nomenclaturas *Fonema* e *Fonologia* para tratar parte dos estudos linguísticos dessa língua.

Por essa perspectiva preliminar é que o presente capítulo funciona, notadamente, como uma forma de apresentação geral do carro-chefe de toda esta discussão levantada em torno de uma temática ampla: a Libras. Escolhe-se esse caminho como estratégia de proporcionar aos leitores de diferentes domínios uma aproximação amistosa com o tema em foco. Assim elucidado, evidenciam-se, por aqui, algumas questões histórico-contextuais que circundam a Libras, assim como alguns aspectos de cunho formacionais dessa língua.

Desse modo, este capítulo organiza-se em duas seções: *Libras: visão geral* e *O signo linguístico da Libras*. A primeira seção, como o próprio nome sugere, reporta-se a um panorama mais global da Libras, abrangendo a percepção da Libras enquanto língua, os mitos que estão a sua volta, os seus primórdios e os aparatos legais dessa língua, entre outras demandas linguísticas. A segunda seção trata, inicialmente, da concepção de signo linguístico das línguas oralizadas, elencada por Saussure, e dos princípios da arbitrariedade e da

⁵ A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi a pioneira a oferecer os cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Letras Libras, no ano 2006, inicialmente na modalidade a distância. O livro *Libras: ontem, hoje e amanhã* (2014), organizado pela professora Ronice Quadros, evidencia a história desses cursos de Libras no Brasil.

linearidade que norteiam essas línguas, e, depois, da constituição do signo linguístico da língua sinalizada brasileira, acrescida também dos seus princípios regentes.

2.1 LIBRAS: VISÃO GERAL

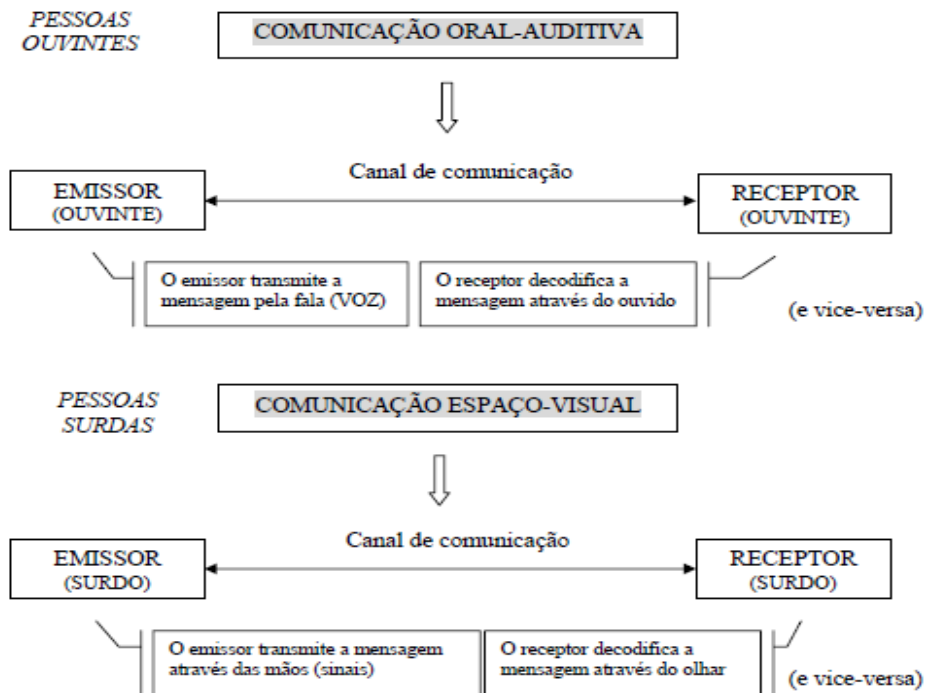
Notoriamente, sabe-se que o que diferencia, antes de tudo, as línguas sinalizadas de um modo geral das línguas orais diz respeito à modalidade⁶ de produção e de recepção na qual cada uma dessas línguas se organiza. Por esse viés, é conferido que tais línguas fazem uso de partes específicas do corpo – e, no caso da Libras, de recursos disponibilizados pelo espaço, majoritariamente, em frente ao corpo para sua efetivação linguística –, e por isso são reconhecidas distintamente: as primeiras, como línguas visuoespaciais, que, conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 47-48), utilizam-se dos olhos e das mãos⁷ no momento da comunicação e se realizam no espaço enquanto campo de visão humana; e as seguintes, como línguas orais-auditivas, por fazerem uso dos componentes do aparelho fonador e dos mecanismos da audição. Resumidamente falando, as línguas de sinais, como é o caso da Libras, são produzidas pelas mãos e também por expressões não manuais⁸ e são compreendidas pela visão, ao passo que as línguas oralizadas são materializadas através da fala e assimiladas pelos ouvidos.

⁶ À moda do corte saussuriano, que elegeu a *langue* (língua) em detrimento da *parole* (fala) nos estudos da linguagem (cf. SAUSSURE, 2012, p. 39-52), aqui se concebe as línguas de sinais/Libras na modalidade visuoespacial, utilizada por surdos videntes e possuidores de todos os membros do corpo.

⁷ Primariamente, visto que as manifestações da face e do corpo também ajudam a configurar as línguas de sinais, como será ressaltado na quinta seção do capítulo três.

⁸ Manifestações linguísticas que não envolvem as mãos (QUADRO; KARNOPP, 2004, p. 60).

Figura 1 - Diferenças entre as Línguas Orais e as Línguas de Sinais



Fonte: Temóteo, 2008 *apud* Costa, 2013, p. 22.

A figura acima realça a diferença elementar entre as modalidades dessas duas línguas e ratifica, portanto, o uso de parte distintas do corpo para atender a necessidade linguística-comunicativa de cada um dos idiomas. Conforme retratado no esquema, tal distinção é percebida ainda na superfície dessas línguas: no contexto da comunicação oral-auditiva, o emissor transmite a mensagem pela fala e o receptor decodifica essa mensagem por meio do ouvido, enquanto que na situação da comunicação espaço-visual, o emissor transmite a mensagem usando as mãos, e aqui se acrescenta as expressões não manuais, e o receptor compreende essa mensagem a partir do olhar.

Por outro lado, essa ilustração, no que diz respeito à **COMUNICAÇÃO ORAL-AUDITIVA**, não leva em conta a leitura orofacial realizada por muitos ouvintes que fazem uso da interpretação labial para a decodificação da mensagem. E no âmbito da **COMUNICAÇÃO ESPAÇO-VISUAL**, condiciona o entendimento da comunicação em línguas de sinais aos moldes de uma perspectiva uniforme, desconsiderando também que há surdos não videntes, que se utilizam das línguas de sinais táteis, ou até mesmo surdos que não possuem os membros superiores, por exemplo. No geral, restringe as línguas de sinais ao padrão comunicativo das línguas orais, o que reforça a necessidade de se pensar uma língua de sinais – inclusive no trato terminológico – cada vez mais autônoma em relação às línguas orais e não somente uma cópia do que já existe sobre essas línguas consideradas majoritárias.

É comum encontrar, no âmbito brasileiro, um notável número de pessoas que questionam o estatuto⁹ linguístico da Libras, basta verificar diversas reportagens ou mesmo publicações nos meios sociais, ou seja, muitos não concebem esse idioma como uma língua propriamente dita, que seja capaz de estabelecer uma comunicação viável, por exemplo, e, por várias vezes, tratam-na como uma simples linguagem, submetendo-a a situações de desvantagens linguísticas em relação às línguas oralizadas. Todavia, tais condutas podem ser justificadas, muitas vezes, entre outros fatores e de maneira elementar, pela carência de um conhecimento substancial, por parte dessas pessoas que assim pensam, sobre as potencialidades linguísticas da Libras, a ponto de acreditarem que uma língua sustentada, em sua grande maioria, pelas mãos não seja capaz de constituir um idioma próprio e tão eficiente quanto as línguas orais, por exemplo.

E na tentativa de fragmentar pensamentos distorcidos como esses e de fortalecer tantas outras discussões já levantadas por alguns estudiosos (cf. QUADROS, 2019, p. 17-28; FERREIRA, 2010, p. 21-33; GESSER, 2009, p. 23-24; QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31-37) acerca do *status* linguístico da Libras, faz-se aqui uma breve retomada da noção de língua e de linguagem, começando pelo limite entre elas, defendidas por Saussure (2012):

Para nós, [a língua] não confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade no indivíduo. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012, p. 41, adaptação nossa).

O posicionamento de Saussure expõe que língua e linguagem estão longe de apresentarem o mesmo significado, deixando bastante claro a fronteira entre elas, contudo, também não as coloca em situações plenamente antagônicas, pelo contrário, considera a língua como um elemento constitutivo da linguagem, inferindo, portanto, que essa é mais abrangente e que aquela é mais específica. Trocando em miúdos, a linguagem comporta amplas possibilidades comunicativas, desde as mais elaboradas, como as manifestações da língua, às formas mais elementares, como o caso da linguagem animal – por exemplo, a

⁹ Para Senna (2019, p. 487), o estatuto linguístico da Libras estabeleceu-se de forma parcial, pois, em que pese seu reconhecimento como língua natural, ainda persiste uma leitura de sua estrutura e de seu funcionamento baseada em pressupostos pertencentes ao domínio da palavra.

linguagem das abelhas (cf. BENVENISTE, 1976, p. 28-32). No entanto, vale salientar que tais manifestações animais mostram-se necessitadas de um sistema linguístico bem estruturado, o que não acontece com a língua, visto que, enquanto uma das formas de realização da linguagem, revela-se tão bem organizada estruturalmente.

A referida citação, ao apresentar a noção de língua como um resultado social de uma aptidão linguística do indivíduo e, igualmente, como um conjunto de convenções indispensáveis à realização dessa aptidão, termina por instituir, também, o caráter linguístico das línguas sinalizadas, e nesse contexto, da Libras, mesmo que tais línguas possuam uma materialidade linguística distinta das línguas orais estudadas por Saussure – situação essa brevemente neutralizada ao afirmar que *língua é forma e não substância* (cf. SAUSSURE, 2012, p. 160). Nessa perspectiva, a Libras também se apresenta como um produto social dessa habilidade linguística do usuário desse idioma, bem como é servida de uma convenção que possibilita a execução dessa habilidade, visto que essa língua desenvolve-se socialmente a partir de uma espécie de acordo estabelecido entre os membros da comunidade surda, tal como ocorre com as línguas orais.

Assim, a Libras, para além de uma linguagem, é, sobretudo, a língua legitimada pela comunidade surda brasileira. E ainda que funcione, também, como um instrumento de marcação da identidade dos sujeitos surdos e como um símbolo de valorização social desse grupo, trata-se de um instrumento linguístico-estrutural autônomo, divergindo, por sua vez, de julgamentos tais como: *as línguas de sinais são apenas gestos¹⁰ ou mímicas teatralizadas incapazes de expressarem ideias complexas e abstratas*, ou, *as línguas de sinais não formam um sistema linguístico propriamente dito*. Sobre as línguas sinalizadas, Chomsky (1997 *apud*, QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30) diz:

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e emoções. As línguas de sinais são sistemas linguísticos que são línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma

¹⁰ Gestos representam produções a partir do corpo para se referir a diferentes níveis de comportamento com ou sem significado. Os gestos são usados tanto nas línguas faladas quanto nas línguas de sinais. Nas línguas faladas, como o gestos são produzidos pelo corpo, são facilmente identificados como gestos. No caso das línguas de sinais, os gestos se apresentam na mesma modalidade dos sinais. Assim, nem sempre é fácil identificar os gestos e os sinais como produções que apresentam fronteiras claras. Os gestos nas línguas faladas são identificados como extralinguísticos. No entanto, os estudos com as línguas de sinais têm aprontado para a gramaticalização dos gestos nas línguas de sinais. Talvez os gestos também possam ser considerados elementos linguísticos nas línguas faladas (cf. QUADROS, 2019, p. 24).

necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo oral, mas o canal espaço visual como modalidade linguística.

Por esse viés, é positivo acentuar que as línguas de sinais também se comportam como línguas naturais, ou seja, as línguas de sinais são exatamente as línguas naturais dos indivíduos surdos, dado que a pessoa surda, mesmo que desprovida, por questões fisiológicas, da habilidade auditiva, possui, como necessidade comum à natureza humana, essa propensão psíquica para o desenvolvimento linguístico, que, todavia, é concretizada, por sua vez, a partir de uma língua sinalizada¹¹. Essa concepção de língua natural defendida, ora, por Chomsky advém da sua teoria gerativa (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2010), para a qual a aptidão linguística é inata e faz parte da natureza do homem, ou seja, a faculdade da linguagem aparece como intrínseca à espécie humana: o homem já nasce com ela, e assim se constata no caso da Libras.

Vinculadas ao rebaixamento linguístico da Libras a nível de linguagem (comumente se verifica, em alguns textos jornalísticos, o emprego do termo *Linguagem*, e não *Língua* para se referir às línguas de sinais), ainda existem diversas crenças relacionadas a essa língua. Várias são as concepções inadequadas de pessoas que acreditam que a Libras – pelo fato de não ser “falada”, no sentido de emitir sons que caracterizam uma enunciação oral, e de não poder ser “ouvida”, no que confere às habilidades perceptivas sonoras – não se configura como um instrumento de comunicação e de interação entre seus pares, e, portanto, não se trata de uma língua, e sim linguagem.

Linguagem é um termo para se referir às diferentes manifestações de comunicação dos seres humanos. Termo ainda usado para se referir às línguas de sinais: ‘Linguagem de sinais’ ou ‘linguagem de surdos’. No entanto, quando aplicados às línguas de sinais, o termo parece tirar o *status* de língua das línguas de sinais. É um equívoco utilizar o termo ‘linguagem’ ao se referir às línguas de sinais. As línguas de sinais e as línguas faladas são formas de linguagem. O problema é se referir às línguas de sinais como ‘linguagem de sinais’ com o sentido de tirar-lhes o atributo de ‘língua’. A estranheza causada entre os surdos é a mesma caso usássemos o termo para nos referir às línguas faladas: a linguagem portuguesa (QUADROS, 2019, p. 25).

Por esses e tantos outros pensamentos aligeirados quanto às línguas de sinais é que Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) manifestam-se sobre os mitos que circundam essas línguas. Dentre eles, está o mito *A língua de sinais seria um sistema de comunicação*

¹¹ No entanto, vale ressaltar que há surdos e/ou familiares que não se identificam com a língua sinalizada e optam pelas práticas de oralização (cf. FERREIRA, 2010).

superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral. Mesmo que esse mito tonifique uma tentativa de diminuir o *status* linguístico das línguas de sinais em relação às línguas orais, Quadros e Karnopp (2004, p. 35) afirmam ainda que “[...] não há limites práticos para a ordem, tipo ou qualidade de uma conversação em sinais, exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência”. Nesse sentido, as línguas sinalizadas não se mostram, em nenhum momento, inferiores às línguas oralizadas, havendo, portanto, apenas formas distintas de manifestação linguística. Por isso, as línguas de sinais também carecem de acervos terminológicos que, de fato, revele essa distinção diante das línguas orais.

Gesser (2009), com o desejo de desconstruir essa atmosfera mítica que fora, outrora, edificada histórica e culturalmente em torno das línguas sinalizadas, mas que ainda se faz presente na atualidade, igualmente discute as crenças e os preconceitos envolvendo a Libras. A partir do questionamento *É possível expressar conceitos abstratos na língua de sinais?*, a autora, sendo afirmativa a essa indagação, traz à tona o caráter linguístico das línguas sinalizadas quando diz que:

[...] as pessoas que falam língua de sinais expressam sentimento, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos. Tal como os falantes das línguas orais, os falantes das línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidiano etc. nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar, inventar histórias e piadas, por exemplo (GESSER, 2009, p. 23).

Assim, essa colocação faz com que atributos como *limitada*¹² e *primitiva*, conferidos, muitas vezes, às línguas de sinais, caiam por terra, e revela que essas línguas, no geral, são muito mais autônomas do que se possa imaginar, apresentando, como dito anteriormente, apenas uma distinção quanto à manifestação linguística dessas línguas em relação às línguas orais. Desse pensamento, também comunga Ferreira (2010) ao dizer que as línguas de sinais não são menos abstratas que as orais, pois são línguas completas como as orais. Diversos outros mitos são colocados em discussão, entretanto essa questão é finalizada por aqui por não

¹² Se comparada à Língua Portuguesa, em termos de acervo lexical, a Libras possui um vocabulário numericamente reduzido, como salienta o estudo de Nascimento (2008), quando relaciona: “enquanto o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2008) dispõe de 228.000 verbetes, o dicionário mais completo de Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001) apresenta apenas cerca de 3.500 entradas” (NASCIMENTO, 2008, p. 101).

ser o foco deste trabalho, mas existindo a necessidade de ampliar o assunto, é interessante averiguar as autoras referenciadas.

Em contexto brasileiro, a língua de sinais, igualmente, constitui-se como uma língua plenamente autônoma, conforme defendem Quadros e Karnopp (2004, p. 36): “[...] as língua de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), sob o ponto de vista linguístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação nos diversos níveis de análise”. Dessa forma, a Libras, para fins de análise linguística, apresenta estrutura própria composta por fonologia, morfologia, sintaxe e todos os outros níveis de uma língua natural, inclusive, as marcas de variações linguísticas, uma vez que as situações de contextos sociais, geográficos e comunicativo também interferem na realização dessa língua, conforme sinaliza Felipe e Monteiro (2006, p. 21):

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas porque elas também são compostas pelos níveis [...] [fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático e discursivo].

Nessa perspectiva, quanto à natureza linguística das línguas de sinais, entende-se que o que está em questão não é somente a legitimidade dessas línguas – essa já foi comprovada pelas diversas pesquisas na área (cf. QUADROS, 2019; FERREIRA, 2010; GESSER, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004; LIDDELL, 2003; KLIMA; BELLUGI, 1979; STOKOE, 1960) – e sim uma grande carga de preconceitos que envolvem tais línguas. O fato é que muitas pessoas desconhecem as particularidades das línguas sinalizadas e tratam-na como linguagens constituídas por gesticulações, ocasionando, assim, uma carga negativa e discriminatória em relação às possibilidades linguísticas desses idiomas.

No que diz respeito a questões históricas, da mesma forma como várias outras línguas tiveram a sua origem em línguas distintas, como ocorreu, por exemplo, com a Língua Portuguesa, que se originou do Latim, a Libras teve os seus primórdios baseados na Língua de Sinais Francesa (LSF), através dos trabalhos desenvolvidos pelos educadores surdos da França que vieram para o Brasil.

O ensino dos surdos mudos no Brasil, só começou a ser praticado em 1885, quando o surdo mudo francês Huet lançou os fundamentos do actual Instituto Nacional de Surdos Mudos. Anteriormente a esta data, não encontramos a menor referencia ao ensino dos surdos mudos no nosso paiz, nem mesmo em tentativas isoladas (INES, 2013, p. 08).

“Chegou aqui o professor surdo francês Hernest Huet, trazido pelo imperador D. Pedro II... E iniciou um trabalho de educação de duas crianças surdas, com bolsas de estudo pagas pelo governo” (BARBOSA, 2010, p. 45). Ainda que em modesta proporção e com finalidades nitidamente pedagógicas, esses acontecimentos históricos representaram um momento bastante significativo no âmbito da instrução dos surdos e, de alguma forma, nos preâmbulos dos estudos linguísticos da língua de sinais no Brasil.

A Libras também recebeu grandes influências dos estudos e pesquisas de cunho linguístico realizados por pesquisadores americanos a respeito da Língua de Sinais Americana (ASL). A história dos estudos linguísticos sinalizados aponta o linguista americano William Stokoe¹³ como o precursor da sistematização desses estudos. Historicamente, Stokoe é considerado o pai dos estudos linguísticos sinalizados, e tal como é a relevância de Saussure para a Linguística Moderna, é o valor de Stokoe para as investigações em línguas de sinais. Esse linguista¹⁴ americano se dispôs a caracterizar e detalhar o sistema linguístico da ASL, abordando em seus estudos as ideias de sinal e de gesto¹⁵ e os elementos formacionais que constituem a estrutura das línguas sinalizadas, o que, de fato, proporcionou valiosas contribuições para a ascensão das pesquisas linguísticas em língua de sinais.

No Brasil, pode-se citar os trabalhos de Ferreira Brito, Quadros e Karnopp (...), entre outros estudiosos na área, que vem estudando, publicando e apresentando trabalhos sobre a nossa língua de sinais. Importante ressaltar que os achados de Stokoe nunca foram derrubados e, portanto, estabeleceram inequivocamente o estatuto de língua das línguas de sinais (HARRISON, 2014, p. 31).

Em vista disso, ratifica-se a grandiosidade dos trabalhos linguísticos realizados por Stokoe, que, mesmo em tempos em que pouco, ou quase nada, se falava sobre linguística sinalizada, conseguiu perceber e comprovar os aspectos estruturalmente linguísticos das línguas de sinais, abrindo, assim, o caminho para diversas outras investigações, além de fornecer um considerável embasamento teórico às análises das demais línguas sinalizadas,

¹³ Em 1960, William Stokoe escreveu a obra *Sign language structure* (estrutura da língua de sinais) e, em 1978, publicou-se a segunda edição dessa obra, na qual foram revistos alguns conceitos e termos (COSTA, 2012, p. 21).

¹⁴ Consta em Oliveira (2015) que Lou Fant, representante conceituado da ASL/Inglês nos primórdios, enquanto era professor, intérprete e ator de destaque na televisão americana, inferiorizou as considerações de Stokoe: “Quem esse presunçoso acha que é, sem ter conhecido nenhuma pessoa surda antes de vir à Gallaudet? [...] Ele só queria criar um nome para si com toda essa baboseira linguística. A ASL ser uma língua... Ridículo” (MAHER, 1996, p.75 *apud* Oliveira, 2015, p. 96).

¹⁵ A diferença elementar entre sinal e gesto pode ser objetivamente encontrada em Harrison (2014, p. 30): o primeiro é a menor unidade da língua com significado, e o segundo são os movimentos comunicativos não analisáveis linguisticamente. No glossário produzido por Quadro (2019) também se verifica tal diferença.

como é o caso da Libras, oferecendo-lhes um olhar estritamente linguístico até então desconhecido.¹⁶

Entretanto, em épocas anteriores, em um panorama mundial, sucede-se um fato histórico que merece destaque, marcando categoricamente, embora no sentido negativo, as realizações linguísticas em língua de sinais. Trata-se do Congresso de Milão, ocorrido em 1880, que, de acordo com Rosa e Bento (2010, p. 14), sinalizou o passado discriminatório vivenciado pelas línguas sinalizadas, por se tratar de um evento internacional que discutiu a educação dos surdos a partir de vários debates sobre a pertinência ou não, e a adequação das línguas de sinais na formação pedagógica dos surdos, tendo, ao fim, decidindo-se pelo banimento das comunicações sinalizadas e pelo incentivo apenas às execuções de práticas oralizadas no desenvolvimento linguístico-educacional desses sujeitos. No texto introdutório do Congresso, a partir dos registros em atas, é possível verificar o tratamento dado às manifestações sinalizadas, como exhibe a normativa a seguir:

Considerando a incontestável superioridade da linguagem oral sobre a de sinais na reintegração do surdo-mudo à sociedade, permitindo a mais perfeita aquisição de conhecimento, declara: que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo-mudo (INES, 2011, p. 04).

Conforme visto, os cenários que antecederam as consolidações das línguas de sinais, e aqui se inclui a Libras, não foram nada animadores, pelo contrário, representaram o ápice de uma opressão linguística sinalizada e episódios de proibição e intolerância comunicativa para com aqueles que faziam uso de modos comunicativos diferentes dos moldes de oralização.

Por outro lado e distante desse passado nefasto, verifica-se, na atualidade brasileira, a existência de alguns instrumentos de respaldo legal referentes à língua utilizada pelos surdos do Brasil, o que simboliza, em certa medida, um avanço significativo na implementação dessa língua no cenário brasileiro, mesmo que em termos teóricos como diversas outras legalizações no país. O primeiro deles é a Lei 10.436/2002, também conhecida por Lei da Libras, a qual trata a Libras como um sistema linguístico propriamente dito, que possibilita a comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. No parágrafo único do artigo primeiro dessa lei consta a Libras como: “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico

¹⁶ Historicamente, anterior a Stokoe, o holandês Bem Tervoort já se dedicava a observar a comunicação entre crianças surdas, percebendo a existência de um sistema linguístico diferenciado (HULST, 1996 *apud* XAVIER, 2006, p. 4).

de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

De fato, é evidente que não se pode desconsiderar o progresso concebido pela promulgação desse artefato legal, contudo tal ferramenta, composta por apenas cinco artigos, embora seja categórica ao apontar a autenticidade da Libras enquanto língua e ao tratar do dever de garantia dessa língua nas mais diferentes esferas da sociedade por parte do poder público, e ainda que tenha entrado em vigor a partir da data de sua publicação (24 de abril de 2002), não assegura, na prática, o desaparecimento dos vários obstáculos linguístico-comunicativos vivenciados por muitos surdos, tampouco a supressão das dificuldades de acessos aos diferentes tipos de serviços oferecidos por instituições públicas e privadas de um modo geral.

Seguindo a dinâmica legislatória brasileira, tornou-se público outro instrumento que reforça e detalha a legalidade da Libras enquanto língua, o Decreto 5.626/2005, o qual versa sobre a regulamentação da Lei da Libras (Lei 10.436/2002) e também do artigo dezoito da Lei 10.098/2000¹⁷. O decreto em questão, ao tornar a Lei 10.436/2002 um regulamento, pressupõe um conjunto de normas e orientações que norteiam a inserção e o tratamento da Libras nos mais diversos contextos sociais, possibilitando, assim, uma maior propagação desse idioma. A inclusão da Libras como disciplina obrigatória na grade curricular dos cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia, critérios para a formação de tradutores, intérpretes e de docentes para o ensino da Libras, uso e divulgação da Libras nos diferentes setores da comunidade são alguns dos pontos que são evidenciados no corpo desse decreto.

Um terceiro instrumento legal de validação da língua de sinais no cenário brasileiro, publicado há alguns anos, diz respeito à Lei 12.319/2010, que dispõe sobre a profissão de tradutor e intérprete da Libras. Dentre as várias questões abordadas por essa lei, ressalta-se aqui uma das atribuições desses especialistas: “interpretar [...] as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares” (BRASIL, 2010). Notavelmente, essa responsabilidade revela o alto grau de importância desses profissionais no campo da inclusão com a efetiva interação entre surdos e ouvintes, além de simbolizar uma grande conquista tanto para essa categoria quanto para o engrandecimento da Libras propriamente dita.

¹⁷ Lei que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências (BRASIL, 2000).

Todas essas evidências científicas e esses recursos legais concernentes à Libras contribuem significativamente para o reconhecimento linguístico e, também, social desse idioma, e reiteram o estatuto linguístico da língua de sinais do Brasil como um meio de comunicação/interação da comunidade surda nacional, elevando-a, ainda, como um artefato de força e poder para aqueles que fazem uso dessa comunicação de modalidade sinalizada.

Em conformidade com as demais línguas de sinais do mundo¹⁸, que são tratadas internacionalmente pela sigla formada a partir das letras iniciais do sintagma Língua de Sinais, acrescido da nacionalidade de cada país, como é o caso, por exemplo, da LSE, que significa Língua de Sinais Espanhola, a língua de sinais do Brasil é representada pela sigla LSB (Língua de Sinais Brasileira), contudo essa língua fez-se, e ainda se faz, popularmente mais conhecida por meio do termo alternativo Libras, que, *ipsis litteris*, significa Língua Brasileira de Sinais, embora também possa receber a seguinte denominação: Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros - LSCB (cf. QUADROS, 2019). Como consta em Quadros e Silva (2017), *apud* Quadros (2019, p. 31-32), no Brasil há outras línguas de sinais além da Libras, contabilizando um total de onze línguas mapeadas no território brasileiro. Uma delas é a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), língua utilizada na região da Floresta Amazônica, na parte oeste do Maranhão, pelos índios Urubus-Kaapor (cf. FERREIRA, 2010). Por outro lado, parece mais coerente entender que grande parte dessas línguas somente podem ser consideradas para fins de levantamento numérico das possíveis línguas de sinais existentes no Brasil, se levando em conta que há uma grande carência nos registros de descrição e análise de tais línguas. Portanto, ainda estão em processo de consolidação, necessitando, assim, de estudos consistentes que sustentem o caráter linguístico de todas essas manifestações.

Situada estruturalmente, a Libras, enquanto sistema linguístico brasileiro de sinais, realiza-se, consoante outras línguas sinalizadas, por meio de elementos linguísticos específicos, os sinais. “O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais” (FELIPE e MONTEIRO, 2006, p. 21). Embora seja rápida a comparação, os sinais sustentam a base comunicativa entre os usuários dessa língua e se organizam, por sua vez, a partir de Parâmetros. Primariamente, a noção de Parâmetro – unidades formacionais dos sinais – faz parte do legado pioneiro deixado pelo, então, intitulado pai da linguística sinalizada, citado anteriormente. Em revisão à obra daquele linguista americano e com base nas descobertas sobre os Parâmetros da Língua de

¹⁸ Diferentemente, a língua de sinais de Portugal é reconhecida pela sigla LGP, que significa Língua Gestual Portuguesa, a qual se originou da Língua de Sinais Sueca (cf. QUADROS, 2019, p. 19).

Sinais Americana, Quadros e Karnopp (2004, p. 51-60) ressaltam a existência dos seguintes constituintes mínimos estruturais da Libras: *Configuração de Mão (CM)*, *Ponto de Articulação (PA)*, *Movimento (M)*, *Orientação (O)* e *Expressão não manual (ENM)*. Aqui, vale ressaltar, ainda conforme essas autoras, que o crédito de identificação dos dois últimos parâmetros é dado ao linguista Battison (1974, 1978), o qual complementou as pesquisas de Stokoe. Esses Parâmetros constituem o ponto inicial para a compreensão das ocorrências linguísticas da Libras, uma vez que compõem e sustentam a estrutura gramatical desse idioma. Nessa direção, são eles os responsáveis por formar os sinais da Libras. As unidades mínimas (Parâmetros) da Libras são explicadas especificadamente assim:

Configuração das mãos (CM) – são as formas das mãos e que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou demais formas feitas manualmente; Locação ou Ponto de Articulação (PA) – lugar onde incide a mão configurada, podendo, até mesmo, tocar parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical; Movimento(M) – os sinais podem ter movimentos ou não, para indicar a sua informação; Orientação / direcionalidade (O) – os sinais possuem uma direção, relacionados com os demais parâmetros; e Expressão não-manual (ENM) – extremamente importante para a compreensão da mensagem, pois serve como diferenciador, atuando como complemento dos sinais manuais, a fim de se ter maior entendimento da informação a ser passada (ROSA; BENTO, 2010, p. 26).

Em termos práticos, a construção de um determinado sinal na Libras ocorre a partir da combinação entre esses Parâmetros. *Grosso modo*, um sinal em Libras se constrói, no geral, com as mãos assumindo alguma forma específica em meio a movimentos (ou não) e/ou tocando (ou não) lugares particulares do corpo. Como boa ilustração da atuação dos Parâmetros na formação de um sinal qualquer na Libras, tem-se os elementos linguísticos mínimos CM: mãos em “A”, palma a palma, PA: à frente do corpo (espaço neutro), M: afastar, O: para frente, ENM: sem expressão, que juntos formam o sinal ACOMPANHAR, como é mostrado na figura abaixo.

Figura 2 - Sinal ACOMPANHAR



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 273.

Nesse exemplo, verifica-se a ausência do Parâmetro ENM. Na verdade, esse Parâmetro apresenta-se nesse sinal de forma neutra, uma vez que nem todos os Parâmetros

são, necessariamente, marcados e utilizados na composição de um sinal. Há sinais que não apresentam movimentos ou, ainda, que dispensam expressões faciais; uns tem um ponto de articulação limitado ao corpo, enquanto outros se realizam sem tocar o corpo, no chamado espaço neutro.

Sumariamente, esses componentes mínimos (assunto que será melhor detalhado no capítulo seguinte) formadores do sinal assemelham-se, mas não são iguais, às unidades menores que formam os itens lexicais das línguas orais. Nessa direção, tais elementos linguísticos assumem o seu papel na interação sinalizada, mostrando-se tão produtivos quanto os segmentos realizados oralmente, entretanto o seu reconhecimento e nomeação tais quais às unidades mínimas oralizadas, ora intituladas com base na raiz etimológica do som, parecem não dá conta das particularidades do processo de sinalização. Esses constituintes, juntamente com os seus desdobramentos, projetam-se como objeto de investigação de diferentes interesses na Linguística e ilustram o sistema linguístico da LIBRAS, composto por seus signos sinalizados, como será evidenciado na seção seguinte.

2.2 O SIGNO LINGUÍSTICO DA LIBRAS

Como ressaltado anteriormente, as línguas de sinais projetam-se no âmbito da comunicação humana não como simples práticas gestuais, as quais necessitam de uma organização estrutural consistente, e sim como línguas possuidoras de arcabouços gramaticais próprios e compatíveis com sua modalidade de realização, compondo, então, um verdadeiro sistema linguístico habilitado a desenvolver a comunicação e interação entre os indivíduos surdos, como o que acontece com a Libras. Nessa perspectiva, por apresentarem realizações linguísticas distintas das línguas orais, no que confere à modalidade da língua – as línguas de sinais são produzidas pelas mãos e percebidas pelos olhos, excetuando os casos especialíssimos, como, por exemplo, as línguas de sinais táteis, ou as situações de adaptação para os casos de amputação ou com mobilidade limitada das mãos –, o sistema linguístico das línguas de sinais, ainda que se consagre como natural e comungue de princípios comuns aos das línguas orais, admite aspectos particulares aos seus signos linguísticos, e por isso parece carecer de terminologias próprias. Assim, tal sistema das línguas de sinais é constituído por signos linguísticos peculiares, que se realizam em torno de práticas interativas e comunicativas sinalizadas. Por outro lado, a compreensão desse signo sinalizado é facilitada a partir da noção que se tem de signo linguístico das línguas orais, todavia, conhecer a Libras

como um todo e entender os seus detalhes linguísticos são condutas basilares para o entendimento e ampliação do seu signo linguístico sinalizado.

A concepção que se tem hoje sobre signo linguístico e que possibilita o estudo e a compreensão das ocorrências dos fatos da língua humana, trata-se de uma herança deixada pelos habilidosos esforços de Saussure, que se dispôs a explicar a língua sob o ponto de vista estrutural. A língua, em postulados saussurianos, é definida como um sistema, configurada no formato de uma rede de elementos, na qual cada elemento assume um valor em relação aos demais constituintes. Esses elementos são os signos linguísticos, que compõem a estrutura da língua. Essa, por sua vez, é externa ao indivíduo, sendo estabelecida por meio de contrato social acordado entre os membros de uma comunidade, não podendo, assim, ser modificada por seus usuários (cf. SAUSSURE, 2012).

Avaliar a língua pelo enfoque estruturalista é compreender a realização de um sistema linguístico de forma a perceber os nuances internos dos seus elementos, isto é, os detalhes estruturais desses signos linguísticos. Com essa perspectiva, surge, resultante das contribuições de Saussure, um modo teórico mais aperfeiçoado de análise das estruturas da língua: o Estruturalismo ou Linguística Estrutural:

Compreende-se por Linguística Estrutural um conjunto de pesquisas que se apoiam numa hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a língua como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura (HJELMSLEV, 1944 *apud* BENVENISTE, 1976, p. 103).

Com o advento dessa perspectiva, a língua passa a ser, enfim, estudada por meio do viés genuinamente linguístico. Trata-se, agora, de considerar a ocorrência linguística a partir dela e por ela mesma, distanciando-se dos fatores externos às estruturas internas da língua, ora valorizados pelos estudos com foco nos acontecimentos históricos e/ou em comparações dos sistemas linguísticos, ou ainda por questões de uso da língua, tantas vezes investigadas por outras áreas linguísticas como a Semântica e a Pragmática, por exemplo. Fortalecendo essa noção de estruturalismo, Carvalho (2000, p. 24) assinala que “se trata de um método de análise do sistema da língua como um conjunto de regularidades que subjazem à língua enquanto interioridade e forma”. Desse modo, o estruturalismo de precedência saussuriana, por meio de diversos julgamentos teóricos, disponibiliza um específico recurso metodológico de análise e entendimento da língua, cujo mesmo se estende à concepção de signo linguístico das línguas orais e também das línguas sinalizadas.

O conceito de signo linguístico é tratado com veemência no capítulo um, intitulado *Natureza do Signo Linguístico*, da primeira parte do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, escritura que resultou dos singelos registros dos discípulos do mestre linguista durante os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, na Suíça. Sobre o *CLG*, Fiorin (2011, p. 77) ressalta:

O Curso de Linguística geral teve sua primeira edição em 1916, três anos depois da morte de Saussure, em 1913. Ao contrário do que se poderia imaginar, tratando-se de uma das obras mais importantes da Linguística, o volume não foi escrito por Saussure. Trata-se de uma edição elaborada a partir das anotações de aula de seus alunos. Saussure ministrou três cursos na Universidade de Genebra. O primeiro data de 1907, o segundo, de 1908 e o terceiro, de 1910. Os editores do Curso de Linguística geral foram Ch. Bally, A. Sechehaye e A. Riedlinger.

Assim entendido, o *CLG* mostra-se como uma obra grandiosa e atual, na qual, logo em seu prefácio, da edição 2012, denominado *Prefácio à Edição Brasileira*, feito por Isaac Nicolau Salum¹⁹, traz, categoricamente: “[...] o *Cours de linguistique générale*²⁰ é um livro clássico. Não é uma bíblia da Linguística Moderna, que dê a última palavra sobre os fatos, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (SAUSSURE, 2012, p. 13). Ou seja, tal escrito consagrou-se na academia e passou a ser, prontamente, a base teórica formal para a compreensão dos fenômenos linguísticos das línguas naturais, dentre elas, a Libras.

Partindo dos pressupostos da Linguística Moderna e dos fundamentos da teoria saussuriana, a materialização das expressões linguísticas verbais do ser humano, realizadas física ou mentalmente, são formadas, senão, por meio de signos linguísticos, isto é, a língua humana verbal, por sua natureza, é um sistema constituído por signos linguísticos, e tudo que se pensa, fala ou escreve é caracterizado como um signo da língua. O fato é que as línguas verbais não são os únicos sistemas de signos existentes no campo da comunicação humana. Existem outros sistemas, em particular, os sinalizados. Nessa perspectiva, como são concebidos e nomeados, então, os signos linguísticos das línguas sinalizadas, em especial o signo da Libras, uma vez que apresentam uma natureza diferenciada em relação as línguas oralizadas? Seriam as línguas de sinais realmente línguas não verbais (verbo no sentido da palavra) e os seus sinais não considerados signos verbais? Por conta da modalidade individualizada das línguas de sinais, o seu aspecto verbal realiza-se (física e cognitivamente)

¹⁹ Professor e tradutor da obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure.

²⁰ Versão francesa do livro *Curso de Linguística Geral*.

de maneira bastante peculiar, isto é, por meio da sinalização, ocorrência que talvez seja responsável por caracterizar essas línguas como línguas não verbais, reposicionando-as, muitas vezes, no cerne das discussões entre o que é verbal e o que é não verbal. O fato é que as línguas de sinais, em destaque, aqui, a Libras, também se constituem de signos linguísticos, porém com características diferenciadas em relação aos signos das línguas verbais orais (conforme tratado mais à frente), exigindo, portanto, igual cuidado para com as terminologias empregadas em tais investigações de ordem sinalizada.

Essas inquietações também podem ser prontamente justificadas se levado em consideração a ideia de que “é por acaso ou **por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua**; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas” (WHITNEY *apud* SAUSSURE, 2012, p. 41, grifo nosso), ou pelas discussões apresentadas na obra *Escritos de Linguística Geral*²¹: “Onde está o signo na realidade das coisas? Ele está dentro da nossa cabeça e sua natureza (material ou imaterial, pouco importa) é COMPLEXA [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 117). Esse questionamento, seguido da sua explicação, mostra que os signos linguísticos são, de forma geral, realizações mentais e independem da natureza linguística ou da modalidade executiva: são somente signos das línguas dotados de suas especificidades, sejam elas auditivas ou visuais.

Saussure (2012, p. 42), outra vez em referência a Whitney, afirma que “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois secundária ao problema da linguagem”, o que sustenta a ideia de que não interessa qual seja o instrumento de materialização do signo linguístico nas comunicações humanas, pois o que está em jogo é a faculdade linguística e a comunicação de fato, que independem do meio escolhido. De ditos como esse, extrai-se que a comunicação global humana, que se faz hoje, predominantemente, a partir da linguagem oral, poderia, sim, ser realizada por meio de qualquer outro recurso disponível no mundo, isto é, ao invés de se “escolher” a voz, “escolher-se-iam” os sinais, por exemplo, e, ainda assim, cumpririam a sua missão de comunicar e surtiriam bons resultados na interação e comunicação entre os indivíduos.

Conforme visto no início deste capítulo, línguas de sinais e línguas orais se diferenciam, primariamente, quanto à modalidade na qual cada uma está disposta, utilizando-se de diferentes elementos do corpo para a sua realização linguística, o que as identifica,

²¹ Obra feita a partir de fragmentos, anotações e esboços do próprio Saussure (SAUSSURE, 2012).

majoritariamente, como línguas visuoespaciais e línguas orais-auditivas, nessa ordem. Assim revisto, a natureza dos signos linguísticos das línguas de sinais manifesta-se com algumas características próprias, por conta, justamente, dessa modalidade linguística. Ainda assim, os estudos e as pesquisas em línguas de sinais dão-se à sombra das conjecturas da Linguística Moderna, fazendo uso, inclusive, dos princípios da concepção de signo linguístico apresentados por Saussure e também, em grande parte, das nomenclaturas por ele utilizadas. Assim, direcionar a linguística estruturalista (mas não todas as terminologias) para a esfera das línguas sinalizadas mostra-se como uma estratégia viável para se chegar ao entendimento aprofundado dos signos linguísticos sinalizados, pelo fato de ser uma língua também natural, pois tanto as línguas orais quanto as de sinais, compartilham princípios linguísticos comuns, os quais contemplam, teoricamente, as particularidades das línguas de sinais. Entretanto, algumas questões terminológicas merecem mais cuidados, como abordadas mais adiante.

Significante e significado, essa é a gênese do signo linguístico saussuriano, em que não há significante sem significado e o oposto também não, como se ambos se comportassem como os lados de uma moeda, não existindo um dos lados sem a presença do outro, conforme metaforizado por Fiorin (2011, p. 58): “o signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e anverso de uma folha de papel. Percebem-se as duas faces mas elas não inseparáveis”. E, nas palavras de Saussure (2012),:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido e por oposição a outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2012, p. 106).

Sob noções saussurianas, o signo linguístico é a junção do significante ao significado, sendo primeiro, a imagem acústica do signo e o segundo, o conceito ou ideia desse mesmo signo. Em interpretação a essa teoria, Fiorin (2011, p. 58) evidencia: “o signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos”, e Carvalho (2000, p. 27) complementa: “para o mestre linguista, conceito é sinônimo de significado, algo como a parte espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante, que é a sua parte sensível”. Trocando em miúdos, o significante representa a

parte que se percebe abstratamente e o significado, a parte que se compreende, também abstratamente, durante as realizações linguísticas.

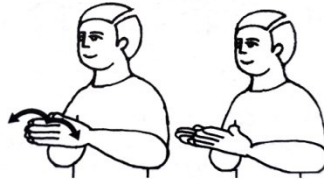
Em sentido palpável dos conceitos, significante e significado materializam-se, em nível de itens lexicais, quando um determinado significante possui um significado específico, como é ilustrado pelo o signo linguístico *casa*, o qual possui o significante /kaza/, que é a representação mental do signo, e o significado *lugar onde a pessoa mora*, que assume a função de conceito desse signo, como exemplificado por Carvalho (2000, p. 28). No entanto, é importante que seja compreendida essa dual realização do signo linguístico, que, nas palavras do próprio Saussure (2012, p. 106): “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”. Portanto, o significante, que também é mental, está vinculado ao significado como uma representação mental da realidade e não como simples objetos que nomeiam as coisas dessa realidade.

Na Libras, os signos linguísticos são representados pelos sinais (por isso o tratamento de signos linguísticos sinalizados), que de acordo com Felipe e Monteiro (2006, p. 21), visto anteriormente, funcionam como as palavras e/ou os itens lexicais da Língua Portuguesa. Desse modo, os signos linguísticos sinalizados compõem o sistema linguístico das línguas de sinais, os quais permitem uma comunicação e interação eficaz entre os usuários dessa língua. Da mesma maneira da constituição do signo linguístico das línguas orais, exteriorizado pela Linguística Estrutural, os signos sinalizados apresentam, também, um significante, que se comporta como a “imagem acústica” do signo, e um significado, referente ao conceito. Contudo, segundo Oliveira (2012, p. 04), “nas línguas de sinais ou, melhor dizendo, gestovisuais, a imagem acústica é substituída por uma imagem visual”. É a essa imagem visual que Saussure (2012, p. 41), citando Whitney, fez referência, como ressaltado anteriormente. Desse modo, não faz muito sentido empregar a terminologia “imagem acústica”, ainda que se trate de conceito do âmbito da mente, para designar os significantes das línguas de sinais, como é o caso da Libras, por exemplo. Por isso a necessidade de se repensar o conjunto terminológico predominantemente oralizado para nomear os constituintes menores e sua referida área nos estudos da Libras.

Frydrych (2013, p. 60) acrescenta: “nas línguas de sinais, a imagem acústica (visuoespacial) também não é o sinal material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica dessa imagem”. Pode-se dizer, ainda, que as faces dos signos linguísticos sinalizados são igualmente inseparáveis. Significantes sinalizados e significados formam, assim, uma só unidade linguística, que configuram o sistema das línguas de sinais. E, igualmente, para cada significante linguístico sinalizado, há um significado específico, ratificando a constituição de

signo linguístico das línguas naturais. O signo linguístico sinalizado LIVRO, por exemplo, exibe essa relação:

Figura 3 - Sinal LIVRO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1592.

Esse signo linguístico é composto a partir da união entre o significante sinalizado LIVRO, que é a representação mental do sinal, e o significado *publicação não periódica, impressa, contendo pelo menos 48 páginas [...]*²², o qual assume a função de conceito desse signo. O significante dos signos linguísticos como o exemplificado, aqui materializado pelo sinal de livro, é formado, por sua vez, a partir de alguns elementos linguísticos específicos das línguas sinalizadas – os Parâmetros –, já ressaltados brevemente na seção antecedente e que constituirão a temática do próximo capítulo.

A teoria do signo linguístico defendida pelo mestre suíço, no *Curso Geral de Linguística*, inclui, também, a existência de duas características primordiais referentes à realização da língua humana. São princípios fundamentais para o entendimento dos signos da língua, e que devem ser levados em consideração ao se estudar a natureza do signo linguístico. Tratam-se dos princípios de arbitrariedade e linearidade.

No que se refere ao princípio da arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2012, p. 108) revela que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. *Grosso modo*, a noção de arbitrariedade consiste na não motivação explícita para um determinado significante corresponder-se a um significado específico. Dessa maneira, não há razões que justifique essa associação, tornando-a imotivada, e que, por sua vez, atribui marcas arbitrárias ao signo linguístico como um todo. A exemplo dessa arbitrariedade, toma-se o signo linguístico *mar*, no qual a sua ideia (significado) não apresenta relação direta com a sua representação linguística (significante), podendo, inclusive ser representado por outro significante qualquer (cf. SAUSSURE, 2012).

²² Fonte: *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (2015).

Quanto ao caráter linear do signo linguístico, remete-se somente a uma das partes desse signo: ao significante. Nesse segundo princípio, “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa dimensão*: é uma linha” (SAUSSURE, 2012, p. 110). Assim, o significante é revelado como linear, pelo fato de que a imagem acústica somente se projeta na mente humana, por meio da fala ou escrita, obedecendo a uma sequência linguística, uma após outra e cada uma por sua vez, ou seja, linearmente. Essa marca linear pode ser conferida nas realizações linguísticas mentais das palavras e/ou das frases da língua, uma vez que a concretização de um seguimento linguístico específico, na função de significante, satisfaz a uma ordem de pronúncia/pensamento, o que faz com que cada elemento linguístico seja emitido em sua linearidade linguística, impossibilitando, portanto, a materialização concomitante desses significantes, o que acarretaria, em certa medida, um bloqueio na enunciação.

Sobre os dois aspectos que direcionam a realização linguística humana, levantados, *a priori*, a partir dos estudos sobre as línguas orais, nas línguas sinalizadas, esses princípios organizacionais apresentam-se de forma específica e, em certo nível, distintos dos princípios que regem os signos linguísticos oralizados: “Se por sua natureza auditiva o significante acústico se articula de forma linear, o significante das línguas gestovisuais assume a natureza tridimensional do espaço visual em que se articula” (OLIVEIRA, 2012, p. 04). Esse caráter tridimensional da Libras, rompe, em certo grau, com o princípio da linearidade, o que significa que a edificação de signos linguísticos sinalizados não obedece, em sua maioria, a uma ordem de execução, e o seu significante, formado pelos Parâmetros, materializa-se, em certos contextos, simultaneamente, ou seja, na construção dos sinais, por exemplo, os seus significantes acontecem ao mesmo tempo, não havendo, via de regra, uma sequência linear a ser seguida.

O entendimento de que o signo linguístico das línguas de sinais não é regido pela linearidade fizeram parte, também, das verificações de Stokoe, que vislumbrava a simultaneidade como princípio de organização das línguas sinalizadas. Se há linearidade na Libras, é possível atenda a padrões diferentes dos característicos da modalidade oral, justamente pela presença desse aspecto simultâneo constatado nas línguas sinalizadas. Em sintonia com o princípio da linearidade das línguas orais, mas contrariamente às ideias de Stokoe, Liddell (1984), citado em Ferreira (2010, p. 31), afirmava que tal aspecto organizacional linear fazia-se presente nas realizações linguísticas das línguas de sinais, reposicionando a sequencialidade no cerne das discussões linguístico-sinalizadas. E, mais

tarde, em mesma referência, Liddell e Johnson (1984, 1986, 1989) reconheciam que a estrutura sinalizada organizava-se tanto sequencialmente quanto simultaneamente. Nessa direção, em pesquisas mais atuais, Xavier (2006, p. 32), também baseado no modelo teórico de análise sublexical pensado por Liddell (1984) e desenvolvido por Liddell e Johnson (1989) – como será ressaltado na quarta seção do capítulo quatro desta produção –, evidencia-se, em um sentido mais específico, que a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, e, em um sentido mais amplo, que a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que pode existir mais de um segmento²³ em um sinal, por exemplo.

Como arquétipo dessa “ausência” do caráter linear nos signos linguísticos sinalizados, toma-se da Libras o significante sinalizado FEIO, que é produzido através da realização linguística simultânea dos seguintes Parâmetros: CM: mão em “L”, PA: tocando o peito, M: aproximar para dentro, O: palma para dentro, ENM: testa franzida, como revela a figura abaixo:

Figura 4 - Sinal FEIO.



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1233.

Já o caráter arbitrário dos signos sinalizados mostra-se em grau de maior e menor arbitrariedade, pois há sinais que não possuem nenhuma semelhança com a realidade que representam, ou seja, são arbitrários, entretanto, há aqueles que fazem referência a essa realidade, assumindo, assim, um valor icônico. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 32), a devida classificação do nível de arbitrariedade desses sinais deve-se a González (1992), que os identificou como *motivado*, *intermediário* e *arbitrário*, com base na relação semântica do sinal com o seu referente, reforçando, assim, a escala de maior e menor nível de arbitrariedade dos signos das línguas de sinais.

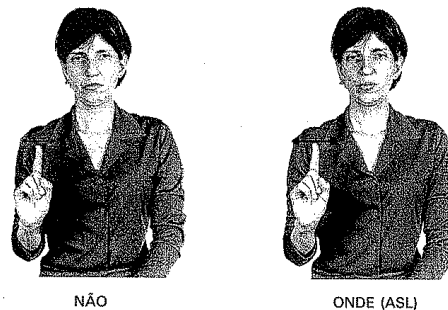
Para Ferreira (2010, p. 108) a iconicidade é utilizada [na língua de sinais] de forma convencional e sistemática, e essa característica não é exclusiva das línguas de sinais. Nessa direção, a marca icônica presente nas línguas de sinais facilita, em certa medida, a compreensão de tais línguas, todavia essa mesma propriedade contribuiu para que essas

²³ Constituem a estrutura dos sinais das línguas visuoespaciais a partir do modelo teórico de estrutura sublexical pensado por Liddell (1984) (cf. Xavier, 2006).

línguas de sinais em geral fossem, por muito tempo e erroneamente, consideradas como recursos comunicativos de imitação da realidade e não como sistemas linguísticos propriamente dito.

Sobre essa referência à realidade, Quadros e Karnopp (2004, p. 32) afirmam que “a aparência exterior de um sinal pode ser enganosa”, pois, mesmo que um sinal apresente forma ou movimento que faça alusão ao seu referente, diferentes grupos sociais podem selecionar marcas icônicas distintas para associar a sinais específicos, como é, por exemplo, em Libras, o caso do sinal BALEIA, que tem pelo menos dois registros diferentes no nordeste brasileiro. Assim, sinais desse tipo são icônicos, mas fazem referência a realidades diferentes, como retrata a figura abaixo, na qual as mesmas marcas icônicas presentes nos sinais dizem respeito a sinais distintos em línguas diferentes, reforçando, portanto, que a aparência não tem uma relação direta com a realidade.

Figura 5 - Iconicidade do sinal

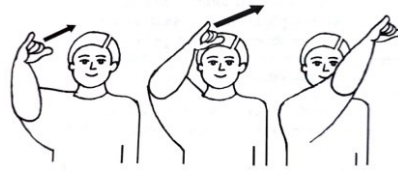


Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 32.

Ainda que os signos linguísticos da Libras apresentem constantemente marcas icônicas, o aspecto arbitrário é inerente a tal língua, uma vez que não há motivação explícita para que, por exemplo, o significante sinalizado AVIÃO²⁴ - mesmo que, visualmente, sua sinalização faça referência, de alguma forma, à realidade designada – corresponda ao significado *aparelho mais pesado que o ar, empregado para navegação aérea [...]*²⁵, como demonstrado na próxima imagem . Nela, o conceito (significado) de AVIÃO, aparentemente, parece não ter relação direta com a imagem sinalizada (significante), que, por sua vez, poderia ser, perfeitamente, representado por qualquer outra sinalização e, ainda assim, continuaria se tratando do sinal AVIÃO.

²⁴ Dependendo do contexto, o sinal AVIÃO significa viajar (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015).

²⁵ Fonte: *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (2015).

Figura 6 - Sinal AVIÃO

Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 462.

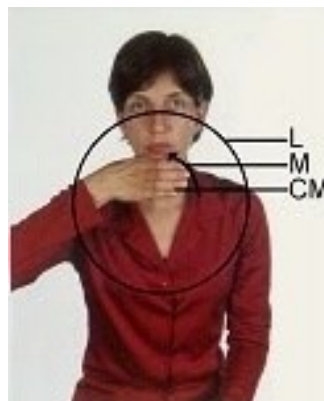
Destarte, a elucidação sobre signo, significante e significado, bem como os princípios da arbitrariedade e da linearidade terminam por preencher a concepção de signo linguístico, teorizada por Saussure, o que abriu caminho para o entendimento dos signos linguísticos das línguas sinalizadas, em especial, dos signos da Libras, uma vez que compartilham estruturas linguísticas comuns. Por outro lado, não se deve perder de vista o fato de que os signos linguísticos dessas línguas manifestam-se em realidades linguísticas diferenciadas, e, por isso, também precisam ser reconhecidos por terminologias harmônicas a essas especificidades. Assim, para a compreensão dessa necessidade de inovação terminológica, e para uma efetiva apropriação do conceito de signo linguístico da Libras, é necessário, de antemão, o conhecimento das particularidades estruturais dessa língua, e ainda o entendimento da concepção de signo linguístico das línguas orais, por mais que a Libras apresente natureza diferente e especificidades próprias da sua realização linguística.

3 LIBRAS: ASPECTOS ESTRUTURAIS

Conforme visto no segundo capítulo, as línguas de sinais de um modo geral, e, no presente contexto, a Libras, constituem-se como instrumentos de interação autônomos dotados de um sistema linguístico próprio – embora tenham percorrido um longo caminho em busca desse reconhecimento social e linguístico –, mesmo assim, constantemente, têm a sua autenticidade em relação às línguas orais posta à prova. E não tão distante, isso ainda se verifica na atualidade, ainda que em proporções menores, e mesmo que as pesquisas nessa área estejam ficando cada vez mais consolidadas no cenário global linguístico com o ganho de mais e novos direcionamentos investigativos.

A Libras, enquanto sistema linguístico autêntico, realiza-se a partir dos sinais²⁶, os quais se organizam internamente por meio dos Parâmetros, que se configuram, por sua vez, como os componentes básicos da produção desses sinais, conforme ressaltado brevemente no final da primeira seção do capítulo anterior. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30-31), baseadas em Ferreira-Brito (1990), a estruturação dos sinais em Parâmetros na Libras advém da organização dos parâmetros da ASL, feita por Stokoe, que inicialmente identificou três elementos em comparação aos fonemas da fala, cada um com um número ilimitado de combinações e que, separados, nada significam, como retrata a figura abaixo.

Figura 7 - Parâmetros da Libras



Fonte: Ferreira-Brito, 1990 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 51.

Localização (L), *Movimento* (M) e *Configuração de Mão* (CM) foram os três parâmetros constituintes do sinal identificados por Stokoe em seus estudos. O primeiro (*tabula*) refere-se à localização no corpo ou no espaço onde o sinal acontece; o segundo (*signation*) é o movimento da(s) mão(s) durante a mudança das localizações e das configurações de mãos; e o

²⁶ Stokoe observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

terceiro (*designator*) trata-se da configuração da(s) mão(s) na articulação do sinal. Em outras palavras:

Tabula, designator e signation podem ser facilmente reduzidas para *tab*, *dez* e *sig* definidos do seguinte modo: *Tab* é o aspecto do complexo visual não analisado chamado sinal, que é medido pela proximidade do corpo do sinalizante, por sua posição no espaço ou pela posição e configuração dos sinais da mão que não está se movendo, diferentemente de *dez* e *sig*. *Dez* é a configuração de mão ou mãos que formam um *sig* na *tab*. *Sig* é o movimento ou mudança de configuração da *dez* no que seria uma *tab* sinalizada (STOKOE, 2005/1960, p. 21 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 100).

Ainda conforme as autoras Quadros e Karnopp (2004), a inclusão dos elementos *Orientação da Mão* (Or) e *Aspectos Não Manuais* (NM) na constituição da estrutura do sinal foi realizada pelo linguista Robbin Battison (1974, 1978), que complementou as pesquisas de Stokoe. Mas outra categorização desses parâmetros foi feita por Klima e Bellugi (1979), que, também em revisão ao levantamento realizado por Stokoe, organizou esses elementos em dois grupos, não considerando os *Componentes Não Manuais*²⁷: Parâmetros *Primários*, nos quais estão presentes a *Configuração de Mão*, o *Ponto de Articulação* e o *Movimento*, e Parâmetros *Secundários* que compreendem a *Região de Contato*, *Orientação das Mãos* e *Disposição das Mãos*. É igualmente consenso entre os linguistas dizer, portanto, que os Parâmetros assumem funções equivalentes aos sons da fala, sendo as unidades mínimas das línguas orais: os sons constituem as palavras enquanto que os Parâmetros, como elementos mínimos, formam os sinais. Em contrapartida, tal equivalência não alcança harmonicamente a esfera terminológica das línguas sinalizadas, as quais necessitam de termos que revelem as particularidades dessas línguas.

Comumente, os Parâmetros que compõem a estrutura linguística dos sinais da Libras são a *Configuração de Mão* (CM), o *Ponto de Articulação* (PA), o *Movimento* (M), a *Orientação da Palma da Mão* (O) e a *Expressão Não Manual* (ENM). Nessa direção, o capítulo em questão versa, especificamente, sobre os aspectos estruturais da Libras, com a pretensão de evidenciar a autonomia dessa língua a partir do realce das particularidades dos seus aspectos linguísticos, a fim de que se perceba que, por sua natureza diferenciada da natureza das línguas orais, as investigações linguísticas da Libras, em especial os estudos sobre as unidades menores, podem ser realizadas com base em nomenclaturas condizentes

²⁷ Esses elementos possuem um caráter todo particular, não sendo, portanto, tão simples a sua classificação dentro de uma estrutura, como acontece, por exemplo, com os demais Parâmetros. Talvez por isso, tenham sido situados à parte nos estudos iniciais das línguas sinalizadas.

com a sua realidade linguística, e não apenas aproveitando as terminologias tradicionais empregadas nas línguas orais. Para tanto, esse capítulo está disposto em cinco seções, sendo cada uma dedicada a um parâmetro da Libras. Todas seguem, substancialmente, a mesma dinâmica de organização: apresentação e conceituação do parâmetro, perspectivas de pesquisadores, classificação das particularidades de cada categoria paramétrica e exemplificação desses elementos que formam os sinais da Libras, com reflexões demandadas por cada um deles.

3.1 CONFIGURAÇÃO DE MÃO

Grosso modo, pode-se dizer que o parâmetro Configuração de Mão (CM), enquanto um dos constituintes, estruturalmente linguístico, das línguas sinalizadas, funciona como o ponto de partida para a materialização da Libras e das línguas de sinais de uma maneira geral, pelo fato dessas línguas se realizarem, majoritariamente, a partir da utilização dessa parte específica do corpo. Assim entendido, os vários formatos assumidos pelas mãos vão dando forma e função a esses idiomas de modalidade linguística particular, ora identificados indistintamente, por conta dessa característica, como “língua das mãos” (PÊGO, 2013, p. 40), o que representa uma conduta um tanto limitada se levando em consideração que há expressões da face e do corpo que também constituem essas línguas, conforme será abordado na última seção deste capítulo, além de outras excepcionalidades²⁸ dessas línguas

Como visto em momento anterior, a possibilidade de identificação do parâmetro Configuração de Mão, bem como a dos demais parâmetros da Libras foi consequência, em grande parte, das descobertas e análises das unidades mínimas da Línguas de Sinais Americana, e por essa razão é que esses dois sistemas linguísticos possuem, de certa forma, configurações de mãos semelhantes entre si. Na Libras, em termos conceituais, o parâmetro Configuração de Mão simboliza, conforme Ferreira (2010, p. 36), as diversas maneiras como as mãos ficam dispostas no ato da realização do sinal. As investigações primárias dessa pesquisadora viabilizaram o reconhecimento das seguintes configurações de mãos no sistema linguístico da Libras:

²⁸ Há usuários dessas línguas que não dispõem dos membros superiores (mãos e braços), realizando a sinalização de modo particularizado.

Quadro 1 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Ferreira-Brito e Langevin

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p.53.

É perceptível que grande parte das formas delineadas pelas mãos acima fazem alguma referência aos formatos das letras utilizados no alfabeto manual da Libras, o que justifica, em certa proporção, a ideia de que as configurações de mãos são, tal qual, as formas das mãos do alfabeto manual. De fato apresentam arranjos afins se levado em consideração que muitas dessas configurações fazem correspondência direta às letras do alfabeto manual, porém não no sentido de completa igualdade, uma vez que esse recurso manual não equivale ao limite daquelas configurações e, tampouco, existe uma relação equitativa de um para um entre ambos. Sendo assim, é o sistema de configurações de mãos que englobam o recurso do alfabeto manual e não o contrário, pois há diversas configurações de mãos que não estão presentes no alfabeto manual. Conforme Gesser (2009, p. 28) o alfabeto manual é apenas um código de representação das letras alfabéticas das línguas orais, ou seja, não constitui um sistema linguístico em si mesmo.

Ainda de acordo com a figura acima, o inventário das configurações de mãos da Libras é formado por 46 (quarenta e seis) possibilidades de formatos manuais, organizadas, verticalmente, em dezenove grupos. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 53), partindo das descrições das autoras responsáveis por essa catalogação, tais configurações de mãos são resultados de uma coleta feita nas principais capitais do Brasil e sua disposição baseia-se somente nas semelhanças entre as diferentes formas das mãos, não existindo, portanto,

configurações básicas e configurações variantes. Também se verifica que não há uma obediência dessas configurações à sequência alfabética das línguas orais, por exemplo. Esse agrupamento, além de ser uma estratégia metodologicamente viável, é um bom plano pedagógico que facilita a identificação e assimilação das configurações de mãos da Libras.

De certa forma, esse pioneirismo no trabalho de identificação das possíveis maneiras de disposição das mãos durante a realização de um sinal em Libras feito por Ferreira-Brito e Langevin abriu caminho para o surgimento de outras contribuições sobre o tema, ocasionando, assim, a ampliação dos formatos das mãos e o aumento da quantidade de configurações do sistema linguístico da Libras. Pimenta (2006) é um dos pesquisadores que propôs outras estruturas de configuração de mão, em um total de 61 (sessenta e uma), e uma nova maneira de agrupar essas mãos com base nas diversas formas de abrir e de fechar os dedos, partindo das estruturas mais fechadas para as mais abertas, como mostra na figura a seguir.

Figura 8 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Pimenta



Fonte: Pimenta, 2006 *apud* Rosa e Bento, 2010, p. 28.

Com o aprimoramento das investigações em línguas de sinais e com as mudanças naturais sofridas por essas línguas, é concebível que apareça outros pontos de vista sobre as formas das mãos no sistema linguístico da Libras. Um total de 64 (sessenta e quatro) configurações de mãos da Libras, que podem ser delineadas tanto por uma mão, a direita para

os destros e a esquerda para os canhotos, quanto pelas duas mãos, é o que asseguram os estudos de Felipe e Monteiro (2006), a partir das pesquisas desenvolvidas pela FENEIS²⁹.

Figura 9 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Felipe e Monteiro



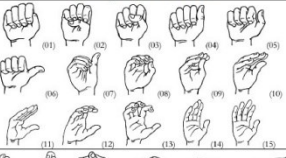
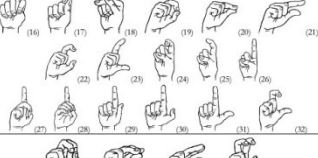
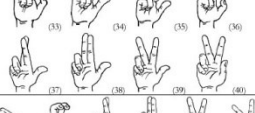




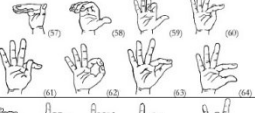


Fonte: Felipe e Monteiro, 2006, p. 28.

Verifica-se nessa proposta a presença de letras do alfabeto da Língua Portuguesa acompanhando algumas configurações de mãos catalogadas pelas autoras, o que correspondem a possíveis variações de uma mesma Configuração de Mão, caracterizando, assim, como casos de alofonia³⁰ na Libras. Outra proposta de levantamento das Configurações de Mãos da Libras foi apresentada por Faria-Nascimento (2009). Segundo Costa (2013, p. 46), o interesse dessa pesquisadora restringia-se ao léxico da Libras, mas mesmo assim considerou os Parâmetros em suas investigações e organizou, incluindo também algumas possíveis situações de alofonia, um acervo composto por 75 (setenta e cinco) configurações de mãos dispostas em 10 grupos, conforme o quadro abaixo.

²⁹ Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

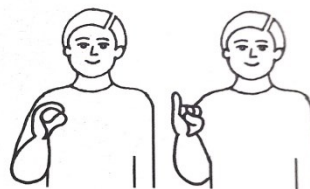
³⁰ Adoção do mesmo conceito empregado nas línguas orais: variante de um fonema (MASIP, 2019, p. 21).

Quadro 2 - Configurações de Mãos da Libras catalogada por Faria-Nascimento

Grupo	Configurações das Mãos
Grupo 1	
Grupo 2	
Grupo 3	
Grupo 4	
Grupo 5	
Grupo 6	
Grupo 7	
Grupo 8	
Grupo 9	
Grupo 10	

Fonte: Faria-Nascimento, 2009 *apud* Costa, 2013, p. 45-46.

Diante de todos os levantamentos das possíveis configurações de mãos realizáveis na Libras apresentados aqui, é possível que ainda existam formatos de mãos não contemplados por essas catalogações, provavelmente porque o elemento Configuração de Mão, de algum modo, não dá conta de todos os detalhes de realização de um sinal. Assim, constata-se nesses registros a ausência da configuração de mão que representa a sinalização da saudação “Oi” (ilustrada na imagem abaixo), o que revela que esses inventários não abrangem todas as possibilidades das formas das mãos, sinalizando, portanto, a necessidade de revisão das configurações já alistadas ou até mesmo a inclusão de novas formas manuais, se levando em consideração que as línguas de sinais, como as demais línguas, são línguas vivas e estão em constantes transformações.

Figura 10 - Sinal OI

Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1829.

Embora a sinalização demonstrada na imagem acima revele duas Configurações de Mãos distintas – ambas já catalogadas –, representando, separadamente, a realização do sinal da vogal O e da vogal I, como consta na própria orientação do dicionário: “soletrar O e I” (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1829), a saudação OI, é produzida, de fato, atendendo a uma cadência natural desse sinal, em que essas duas vogais dispõem-se em processo simbiótico, isto é, não é sinalizada primeiro a vogal O e depois a vogal I, de forma separada e improdutiva, mas há a presença de um ritmo próprio para esse sinal que faz com que tais vogais mantenham-se, de alguma forma, acopladas estruturalmente, assumindo, assim, uma só Configuração de Mão, a qual realiza a saudação por meio de uma única sinalização.

Majoritariamente, no sistema linguístico das línguas sinalizadas, e, nesse contexto, no da Libras, as mãos têm uma importância fundamental na produção dos sinais e por isso são tratadas como articuladores primários, visto que, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 51), são elas que se movimentam no espaço em frente ao corpo, articulando sinais em determinadas locações desse espaço. As autoras acrescentam ainda:

Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre ambas as mãos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 51).

Desse modo, a opção por usar a mão direita ou a mão esquerda ou a alternância entre elas não provoca interferências linguísticas na realização dos sinais. Assim, os usuários dessa língua têm, de certa maneira, a liberdade de escolher com qual mão irá sinalizar, a depender, é claro, da destreza de cada um. Sobre essa dominância das mãos, a pesquisa de Máximo (2016), voltada para o estudo da mão não dominante, que é a mão que, habitualmente, serve de apoio para a mão dominante, constatou, entre outras questões, que a mão não dominante é um aspecto distintivo no sistema linguístico da Libras e não apenas um suporte para a realização do sinal como apontavam os estudos consagrados dessa área (Battison, 1978; Brentari, 1998) ao valorizar a mão dominante (direita para destros) em relação à mão não dominante (esquerda para destros).

Acreditamos que a existência desta mão, sua obrigatoriedade, a iconicidade presente nela e as restrições no tocante aos parâmetros fonológicos revelam

que ela possui um estatuto diferenciado no sistema fonológico da LIBRAS, marcando, sobretudo, as especificidades desta língua visuo espacial (MÁXIMO, 2016, p. 151).

Oliveira e Weininger (2013) já compartilhavam dessa mesma perspectiva ao verificar que a presença da mão, tradicionalmente, chamada mão de apoio ou mão não dominante, na produção e compreensão dos sinais, não se limitava à função de apoio para a realização de sinais, uma vez que elas também forneciam dados importantes para a identificação de unidades lexicais nessas línguas. E, em outro texto, Oliveira (2015, p. 281) apresenta o princípio das discussões realizadas por Battison (1978) sobre a dominância das mãos: “o termo dominante será utilizado para referir-se à mão preferida para a maioria das tarefas motoras, e não-dominante refere-se à outra mão. Para descrições de sinais utilizando duas mãos, utilizaremos os termos funcionais ativa e passiva”.

Os dois exemplos a seguir demonstram a relação contrastiva entre sinais da Libras com base no parâmetro Configuração de Mão. Paralelos dessa natureza configuram o que é usualmente conhecido na literatura como par mínimo³¹ – caracterizado por Silva (2003, p. 129, grifo do autor) como sendo a distinção entre dois segmentos sonoros individualizados em situação de **contraste em ambiente idêntico** (CAI). O primeiro é o sinal ACAMPAMENTO, formado pela disposição das mãos verticais fechadas situadas palma a palma, com os dedos indicadores e mínimos estendidos (tocando-se pelas pontas) e atendendo a um movimento diagonal para baixo e para lados opostos. O segundo é o sinal BARRACA, que, por sua vez, é constituído pelas mãos verticais abertas situadas palma a palma, com os dedos inclinados uns para os outros (tocando-se pelas pontas) em um movimento diagonal para lados opostos e para baixo.

Figura 11 - Sinal ACAMPAMENTO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 262.

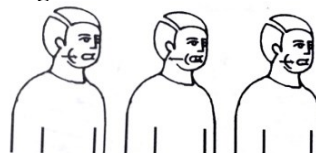
³¹ Consta em Benassi e Padilha (2015, p. 96) que, nas línguas de sinais, os pares mínimos são dados por mínimas partes que se diferem entre si. Desse modo, a ideia de pares mínimos na Libras pode ocorrer também com outros parâmetros, além da Configuração de Mão.

Figura 12 - Sinal BARRACA

Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 504.

Assim, verifica-se que a única diferença existente entre os dois sinais acima está, justamente, no formato assumido pelas mãos, em um as mãos estão abertas e no outro, isso não acontece, ou seja, o que faz esses sinais serem específicos e distintos entre si é esse elemento distintivo da Configuração de Mãos presente em cada um deles. Esse fato pode ser observado também em outros sinais, como, por exemplo, nos sinais COMPUTAÇÃO e SHOPPING, os quais são executados com as mãos em 5, para o primeiro, e em P, para o segundo, ambos com palma para frente, com movimentos em círculo verticais para lados opostos, afastando-se e se aproximando (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 783 e p. 2269).

Como visto, o parâmetro Configuração de Mão é um valioso elemento de constituição do sinal em Libras, entretanto, verifica-se que ainda falta certo consenso entre os pesquisadores quanto ao levantamento do número exato das configurações de mão existentes na Libras. Os sinais, quase que por completo, têm esse parâmetro como o ponto de partida e como o constituinte básico da sua estruturação linguística, à exceção das excepcionalidades tratadas anteriormente. São poucos os sinais que não apresentam tal parâmetro na sua formação, como é o exemplo do sinal ROUBAR, mostrado abaixo.

Figura 13 - Sinal ROUBAR

Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 2195.

Conforme a figura, esse sinal não conta com a presença das mãos em sua organização, assim como com outros parâmetros, pois ele é formado pela movimentação da língua dentro da boca. Situando-o estruturalmente, é composto a partir da passagem da ponta da língua para frente, no canto direito da boca semiaberta, distendendo a bochecha várias vezes (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 2195), o que configura uma sinalização

bastante diferenciada entre os demais sinais da Libras. Casos assim serão evidenciados na última seção deste capítulo, que se dedica ao parâmetro Expressão Não Manual.

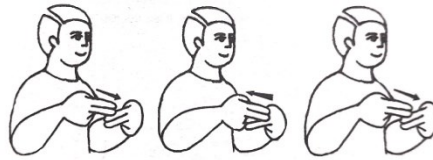
3.2 PONTO DE ARTICULAÇÃO

Também conhecido como Locação ou Localização, o parâmetro Ponto de Articulação é outro importante elemento formador das estruturas linguísticas dos sinais em Libras. Trata-se de um componente identificado e explicado, igualmente como o anterior, a partir das pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana, que de acordo como seu preceptor (Stokoe), citado por Quadros e Karnopp (2004, p. 37), é o *locus* de movimento do sinal, o seu ponto de articulação, classificado, por sua vez, como o segundo principal parâmetro dos sinais da ASL. Dessa maneira, entende-se que para a materialização de um sinal qualquer é necessário a marcação desse parâmetro, visto que toda sinalização incide, de certa forma, em algum lugar, mesmo que não seja em alguma parte específica do corpo.

De modo específico, no cenário da Libras, esse parâmetro é definido por Ferreira (2010, p. 37) como sendo o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde acontece a realização dos sinais. Assim, essa autora categoriza os sinais quanto à ocorrência desse parâmetro em dois tipos: os sinais que se desenvolvem no espaço neutro diante do corpo, e os sinais que se aproximam de uma determinada região do corpo. Nesse sentido, fica explícito que os sinais estão, de alguma maneira, vinculados ao parâmetro Ponto de Articulação. Seja tocando uma parte específica do corpo ou não, tal parâmetro faz-se, majoritariamente, presente na produção dos sinais, o que evidencia a sua relevância no sistema linguístico da Libras.

Para Felipe e Monteiro (2006, p. 22), esse parâmetro “é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor)”. É nessa mesma direção que Quadros e Karnopp (2004, p. 56-57), fazendo uso das colocações de Friedman (1997), ressaltam que a locação é a área no corpo ou o espaço de sinalização definido pelo corpo, nos quais o sinal é produzido. Colocar, portanto, o espaço neutro e o corpo em situação disjuntiva não seria necessariamente o caminho ideal para uma melhor definição e caracterização do parâmetro Ponto de Articulação, se levando em consideração que há sinais que se realizam tocando alguma parte do corpo e, ao mesmo tempo, no espaço neutro, como se verifica, por exemplo, no sinal FACA.

Figura 14 - Sinal FACA



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1205.

Conforme ilustrado, na sinalização da palavra faca – feita a partir da mão esquerda em U horizontal com palma para trás e mão direita em U com palma para a esquerda, tocando a lateral do indicador esquerdo e com movimentos ligeiros para frente e para trás (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1205) –, seria possível pensar, a partir de um olhar mais apurado, a existência de dois elementos (um ligado ao corpo e outro ao espaço neutro) para marcar, concomitantemente, o parâmetro Ponto de Articulação? No exemplo citado, verifica-se a função da mão esquerda como o ponto de articulação da mão direita, ao mesmo tempo em que o sinal acontece em frente ao corpo, no chamado Espaço Neutro. Assim, pode-se levantar ideia de que, em sinais específicos, há a possibilidade de um Ponto de Articulação Interno (lugar de toque das mãos) e um Ponto de Articulação Externo (Espaço Neutro).

Em complementação, essas autoras fazem, baseadas em Battison (1978), referência a um espaço de enunciação dos sinais, que diz respeito ao lugar ideal para a sinalização, uma vez que se trata de um cenário que envolve todos os pontos do raio de alcance das mãos em sinalização e se configura como um local em que os participantes interagem cara a cara, como mostra a figura abaixo.

Figura 15 - Espaço de realização dos sinais



Fonte: Battison, 1978 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 57.

A noção de espaço de enunciação dos sinais revela-se como um recurso positivo no que confere às possibilidades locativas de produção dos sinais na Libras e nas línguas de

sinais de um modo geral. É esse enquadramento espacial que define a quantidade e qualidade de locações viáveis, permitindo o delineamento dos locais que verdadeiramente servem como pontos de articulação de um sinal, visto que nem toda parte do corpo e nem todo espaço em frente a esse é significativo para uma sinalização efetiva. Não se trata apenas do levantamento de um possível número de pontos de articulações, mas também da qualidade de tais locações, pois, do contrário, poderiam existir várias sinalizações com marcações discrepantes no corpo e no espaço ao redor dele, o que inviabilizaria, de fato, a produção e a compreensão da mensagem sinalizada.

Consoante Quadros e Karnopp (2004, p. 57-58), a identificação do parâmetro ponto de articulação no sistema linguístico da Libras é resultado dos ajustes das locações encontradas na ASL por Friedman (1977) feitos por Ferreira-Brito e Langevin (1995), para as quais existe um limite de pontos de articulação, sendo uns mais exatos e outros são mais abrangentes. O quadro a seguir reúne esses possíveis locais de realização dos sinais:

Quadro 3 - Pontos de Articulação da Libras

Cabeça	Tronco
topo da cabeça	pescoço
testa	ombro
rosto	busto
parte superior do rosto	estômago
parte inferior do rosto	cintura
orelha	
olhos	braços
nariz	braço
boca	antebraço
bochechas	cotovelo
queixo	pulso
Mão	Espaço Neutro
palma	
costas das mãos	
lado do indicador	
lado do dedo mínimo	
dedos	
ponta dos dedos	
dedo mínimo	
anular	
dedo médio	
indicador	
polegar	

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 58.

Depreende do arranjo acima uma listagem de Pontos de Articulação específicos dispostos em outras quatro locações mais gerais – as autoras chamam de locações principais – porém bem definidas (cabeça, tronco, mão e espaço neutro), que compõe a estrutura linguística da Libras. Os pontos de articulações específicos também são conhecidos por subespaços ou simplesmente por locação ou ponto de articulação, dado que um sinal qualquer, ainda que tenha, por exemplo, a cabeça como ponto de articulação, é em um lugar específico dessa parte do corpo que irá, efetivamente, ocorrer o sinal. Percebe-se, ainda, que todos os pontos de articulações específicos se localizam entre a região superior e central do corpo,

reforçando, dessa forma, a inviabilidade das sinalizações realizadas em qualquer parte do corpo, em especial, na parte inferior.

Por outro lado, por conta dos recortes para fins de delimitação do estudo desse parâmetro, alguns contextos específicos e atípicos de realização do sinal não foram levados em consideração no referido inventário. Habitualmente, o sinal INTÉRPRETE – realizado com a mão esquerda aberta com a palma para cima e a mão direita aberta com a palma para baixo, **tocando a mão esquerda** e girando para cima e para baixo, rapidamente, duas vezes (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1475, grifo nosso) – conta com uma das mãos como o ponto de articulação da sinalização, entretanto, ao ser sinalizado por alguém que, ao acaso, esteja com uma mão ocupada, pode, por exemplo, fazer uso da superfície de uma mesa enquanto o seu referido ponto de articulação, mesmo que em situações excepcionais. Há ainda pessoas que possuem apenas uma parte dos braços, outras que têm os dedos enrijecidos, as quais sinalizam de maneira bem específica. Também é preciso considerar a sinalização quando o interlocutor encontra-se distante e, assim, o Ponto de Articulação assume outras dimensões. Tudo isso são particularidades da sinalização que interferem, de algum modo, nas diferentes formas de manifestação desse parâmetro.

Outra perspectiva de categorização do parâmetro Ponto de Articulação, diga-se de passagem, mais bem detalhada, é disponibilizada no *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, de Capovilla, Raphael e Maurício (2015), os quais dispuseram os sinais com base nos seguintes locais de realização:

acima, abaixo, sobre, sob, ao lado, à esquerda, à direita, à frente, em frente, diante, atrás ou tocando em relação às seguintes partes do corpo: abdome, antebraço ou antebraços, barriga, boca, bochecha ou bochechas, braço ou braços, cabeça, cintura (lado esquerdo ou lado direito), corpo, costas, cotovelo ou cotovelos, coxa ou coxas (lado esquerdo ou direito), dedos, dente ou dentes, dobra do braço ou dobras dos braços, dorso da mão ou dorso das mãos, lábio ou lábios (superior ou inferior), laterais da cabeça, lateral do corpo (direita ou esquerda), língua, nariz (lateral ou ponta), olho ou olhos, ombro ou ombros, orelha ou orelhas, palma ou palmas, parte interna do braço ou parte interna dos braços, parte superior do braço ou parte superior dos braços, peito, pescoço, ponta da língua, quadril ou quadris (lado esquerdo ou direito), queixo, rosto ou face (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 63).

Tais categorizações realçam o papel – que se mostra fundamental – do Parâmetro Ponto de Articulação na produção dos sinais da Libras. Nessa direção, há sinais que se distinguem unicamente por conta do seu local de realização, podendo situar-se, como visto

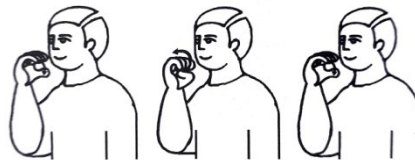
anteriormente, em diferentes locais do corpo ou no espaço neutro em frente a ele, ou ao mesmo tempo nessas duas possibilidades de Locação, conforme visto em passagens anteriores. Os sinais APRENDER e SÁBADO são exemplos dessa situação. Enquanto esse é feito na boca, por meio do ligeiro movimento de abrir e fechar da mão com a palma para a esquerda, aquele é formado na testa, a partir do ligeiro movimento de abrir e fechar da mão com a palma para a esquerda, como retratado abaixo.

Figura 16 - Sinal APRENDER



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 397.

Figura 17 - Sinal SÁBADO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1543.

Os casos ilustrados acima, exemplos clássicos utilizados por grande parte dos pesquisadores da área, demarcam a diferença básica entre os dois sinais: a Locação da sinalização. Mesmo que, nos dois casos, os sinais estejam localizados na cabeça, ambos materializam-se em partes distintas dessa locação, ou seja, possuem Pontos de Articulação em si bem específicos. O primeiro tem a testa e o segundo, a boca como locação desses sinais. Essa distinção também aparece entre os sinais OPORTUNIDADE e PECADO. Ambos são feitos com a mão, com palma para trás, fechada com as pontas dos dedos unidas, tocando o lado direito do queixo duas vezes, para esse sinal, e tocando o lado esquerdo do peito duas vezes, para aquele sinal (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 184 e p. 1919 respectivamente).

Como se pôde observar, o parâmetro Ponto de Articulação é também um elemento importante na construção dos sinais em Libras, uma vez que toda mão disposta em alguma forma realiza-se em um local específico, *i.e.*, tem um ponto de articulação, seja ele em meio ao corpo ou no espaço neutro, ou em ambos, concomitantemente. A definição e delimitação desse componente linguístico mostram-se, por sua vez, um tanto mais harmoniosa entre os pesquisadores desse campo de estudo.

3.3 MOVIMENTO

O parâmetro Movimento é outro importante aspecto que configura a estrutura linguísticas dos sinais nas línguas sinalizadas. Apesar do mérito desse parâmetro, pois a sua presença é determinante na construção dos sinais, em algumas situações, essa marcação não se faz, de certo modo, imperativa, se levado em conta que existem sinais que dispensam o movimento na sua realização. Todavia, o parâmetro aqui tratado não se refere a qualquer movimento, como, por exemplo, os movimentos naturais de iniciação de um sinal, mas somente aqueles movimentos que compõem linguisticamente a estrutura do sinal, e essa identificação nem sempre é tão simples de ser apontada.

“Há movimentos produzidos durante a sinalização que tem como única função posicionar a (a) mão (s) num ponto em que um determinado sinal deve ser iniciado ou totalmente finalizado, os chamados movimentos transicional” (LIDDELL, 1984 *apud* XAVIER, 2006, p. 125). Toma-se como exemplo desse contexto o sinal CASA, que, formado pelas mãos verticais abertas, palma a palma, com os dedos inclinados uns para os outros, tocando-se (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 672), não apresenta em sua formação uma movimentação que funcione como elemento estrutural, mesmo que possua movimentos das mãos na iniciação do sinal.

Figura 18 - Sinal CASA



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 672.

No empreendimento de estabelecer uma delimitação para o conceito do parâmetro Movimento da Libras, Ferreira (2010, p. 38), apoiada nas considerações de Klima e Bellugi (1979), sobre os movimentos da Língua de Sinais Americana, apresenta esse elemento como sendo “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal”. São nessas várias possibilidades de movimentos que reside, muitas vezes, a dificuldade em perceber se determinado movimento atua como aspecto linguístico ou não na composição de um sinal. Desse modo, recorre-se aqui a um recorte do sistema de escrita de sinais, neste caso, o sistema *ELiS*, a fim de ilustrar, por

meio dos seus *visografemas*³², os tipos de Movimentos já catalogados e como os Movimentos dos sinais são registrados nesse tipo de sistema formal de escrita.

Os movimentos na *ELiS* são subdivididos em três subgrupos: externos a Mao, internos a Mao, sem as mãos. [...]. Entendo por movimentos externos, os que incluem o movimento de braço e/ou antebraço; movimentos internos são os realizados apenas com os dedos e as mãos; movimentos sem as mãos são os realizados por outras partes do corpo como olhos, bochechas, boca, sendo que este último grupo e o que abarca expressões faciais (BARROS, 2008, p. 32).

Quadro 4 - Movimentos na *ELiS*³³

<i>movimentos externos à mão:</i>	<i>movimentos internos à mão:</i>	<i>movimentos sem as mãos:</i>
⊥ para frente	⊥ abrir a mão	Ω negação com a cabeça
⊤ para trás	⊤ fechar a mão	⊞ afirmação com a cabeça
⊕ para frente e para trás	⊕ abrir e fechar a mão	lb língua na bochecha
↑ para cima	⊖ flexionar os dedos na 1ª. articulação	∪ língua para fora
↓ para baixo	⊗ flexionar os dedos na 2ª. articulação	= corrente de ar
↕ para cima e para baixo	∨ unir e separar os dedos	[~] vibrar os lábios
→ para a direita	* friccionar de dedos	≠ movimento lateral do queixo
← para a esquerda	≈ tamborilar de dedos	✱ murchar bochechas
↔ para a direita e a esquerda	σ dobrar o pulso	⊕ inflar bochechas
↖ diagonal para cima e esquerda	⊗ mover o pulso lateralmente	⊙ abrir a boca
↗ diagonal para cima e direita	α girar o pulso	÷ piscar/fechar os olhos
↘ diagonal para baixo e esquerda		
↙ diagonal para baixo e direita		
∂ girar o antebraço		
○ circular vertical		
◉ circular horizontal		
@ circular frontal		

Fonte: Barros, 2008, p. 32-34, adaptação nossa.

Uma mostra de categorização mais direta do parâmetro Movimento é promovida por Wilbur (1987), que, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 56), propõe apenas dois tipos de classificação para esse elemento com base na estrutura linguística da ASL. Referem-se ao movimento com trajetória (*path movement*) e ao movimento local (*local movement*), promovidos a partir da ideia de que um sinal pode ter somente um desses movimentos ou a combinação dos dois no momento da sinalização. Diante das várias possibilidades de realização do parâmetro Movimento, uma vez que podem acontecer de diversas maneiras e em diferentes direções, conforme visto acima, esse agrupamento, sem os seus pormenores,

³² Representação gráfica dos *visemas*, unidades menores que formam os Parâmetros (cf. BARROS, 2008).

³³ *Escrita das Línguas de Sinais*, sistema de escrita pensado por Mariângela Barros (2008) para o registro formal das línguas sinalizadas, que será tratado na subseção 2.3 do próximo capítulo.

revela-se bastante objetivo e prático tanto na definição quanto na identificação do tipo de movimento empregado na produção dos sinais.

A classificação do parâmetro Movimento na Libras, lançada por Ferreira-Brito (1990), é, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 55), análoga às categorias dos movimentos encontrados por Friedman (1977), Supalla e Newport (1978) e Klima e Bellugi (1979) nos estudos da ASL, porém bastante pertinente ao contexto linguístico do Brasil. São elas: classificação conforme o tipo, a direcionalidade, a maneira e a frequência do movimento, como expõe o quadro abaixo.

Quadro 5 - Categorização do parâmetro Movimento na Libras

<p>TIPO</p> <p><i>Contorno ou forma geométrica</i>: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual</p> <p><i>Interação</i>: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado</p> <p><i>Contato</i>: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar</p> <p><i>Torcedura do pulso</i>: rotação, com refreamento</p> <p><i>Dobramento do pulso</i>: para cima, para baixo</p> <p><i>Interno das mãos</i>: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>
<p>DIRECIONALIDADE</p> <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Unidirecional</i>: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial - <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda <p>Não-direcional</p>
<p>MANEIRA</p> <p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo - de retenção - refreado
<p>FREQÜÊNCIA</p> <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - simples - repetido

Fonte: Ferreira-Brito, 1990 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 56.

Em outras palavras, no reconhecimento do parâmetro Movimento, nos sinais que apresentam esse aspecto, é considerado: o contorno, a interação, o contato, a torcedura e o dobramento do pulso e a movimentação interna das mãos, quanto ao *tipo* do movimento; o caráter unidirecional, bidirecional e a não existência de uma direção, quanto à *direcionalidade* do movimento; a qualidade, a tensão e a velocidade, quanto à *maneira* do movimento; e a constância das repetições, podendo ser simples ou repetida, quanto à *frequência* do movimento. Desse modo, verifica-se que alguns sinais podem conter movimentos com marcações mais abrangentes, como acontece com a movimentação dos antebraços e das mãos,

por exemplo, ou movimentos de partes mais específicas, como o movimento dos pulsos e dos dedos, por exemplo.

Estando presente no sinal, percebe-se que o parâmetro Movimento, de forma ampla e na maioria das situações, mantém uma relação direta com o parâmetro Configuração de Mão, dado que, no geral, o que se encontra em movimento durante a sinalização são as mãos. Quadros e Karnopp (2004, p. 54), referenciando Ferreira-Brito e Langevin (1995) dizem que “para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a (s) mão (s) do enunciador representa (m) o objeto, enquanto que o espaço em que o movimento se realiza (espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador”. Assim, essa afinidade dá-se não apenas com o parâmetro Configuração de Mãos, como sendo o objeto da sinalização, mas também com o parâmetro Ponto de Articulação, no tocante ao espaço neutro, pois a mão configurada movimenta-se em algum espaço específico, seja em alguma parte do corpo, seja no espaço neutro, conforme verificado na seção anterior, que trata do parâmetro Ponto de Articulação.

Muito além de ser um simples elemento que ajuda a compor os sinais em Libras, como uma mera movimentação dos braços, mãos e dedos, o parâmetro Movimento, enquanto aspecto distintivo, também interfere consideravelmente nas questões morfológicas da Libras, alterando, por sua vez, a significação dos sinais. A inserção de movimentos ou as mudanças mínimas nesses elementos ocasionam alterações de categorias lexicais (ainda que não seja o foco desse trabalho), como mostram Ferreira e Naves (2014), que investigaram os processos de formação de nomes a partir de verbos e de verbos a partir de instrumentos. O exemplo abaixo exhibe a interferência do movimento na mudança do léxico sinalizado, em que se tem, com a repetição do movimento, o sinal CADEIRA, e, sem essa repetição, o sinal SENTAR.

Figura 19 - Parâmetro Movimento na mudança lexical
CADEIRA SENTAR



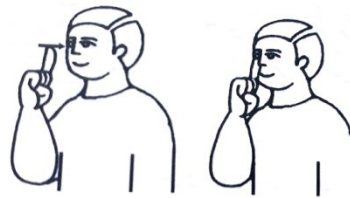
Fonte: Ferreira e Naves (2014, p. 368).

Essa particularidade do parâmetro Movimento, no que diz respeito à distinção entre nomes e verbos nas línguas de sinais, também pode ser verificada nas considerações erguidas por Supalla e Newport (1978). De acordo com Costa (2013 p. 53), esses pesquisadores

analisaram cem pares de nomes e verbos da ASL – os quais se realizavam com sinalizações aparentemente iguais, fazendo parte do mesmo grupo semântico – e constataram que os verbos apresentavam movimentos variados – movimento simples, movimentos repetidos – e os nomes, movimentos mais curtos, repetidos e tensos. Com isso, evidencia-se o posto do parâmetro Movimento na produção dos sinais, quer na diferenciação entre itens lexicais, como nesses casos de caracterização de nomes e de verbos, quer enquanto unidade mínima distintiva do sistema linguístico da Libras.

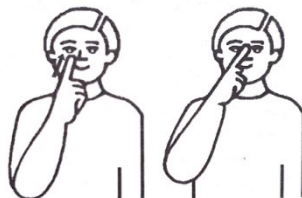
Os exemplos abaixo ilustram bem esse papel distintivo do parâmetro Movimento na diferenciação entre sinais. No primeiro, o sinal BOLACHA constitui-se a partir da ligeira movimentação (para baixo e para cima) do dedo indicador tocando o nariz, na mão configurada em 1 (um) e com a sua palma para a esquerda; já no segundo, o sinal PERIGO forma-se por meio da ligeira movimentação (de toques) do dedo indicador no nariz, na mão configurada em 1 (um) e com a sua palma para a esquerda.

Figura 20 - Sinal BOLACHA



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 535.

Figura 21 - Sinal PERIGO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1945.

Nos sinais em realce, o parâmetro Movimento mostra-se com características significativamente distintas. Na primeira sinalização, a movimentação do dedo acontece para cima e para baixo no Ponto de Articulação nariz; na seguinte, o movimento dá-se de outra forma: apenas tocando o dedo no mesmo ponto de articulação. Assim, no que tange, por exemplo, ao tipo de movimento (ver quadro acima), esses sinais diferenciam-se, quanto ao tipo de contato, por terem contato de *esfregar* e contato de *toque*, respectivamente. Os sinais NORA e NOVEMBRO atendem igualmente a essa diferenciação paramétrica. Ambos formam-se com a mão configurada em N, distinguindo-se apenas quanto à movimentação

para a direita, referente ao primeiro sinal, e ao movimento para cima e para baixo, condizente ao segundo sinal (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1794 e p. 1801).

Portanto, parâmetro Movimento, ainda que pareça ser um aspecto estrutural elementar, pois, ligeiramente, basta incluir movimento nas mãos para que ele se faça presente, linguisticamente na Libras, carrega consigo, como visto acima, uma abundância de detalhes, que impede-o de ser tratado como uma simples movimentação de mãos. Ao mesmo tempo, a riqueza de detalhes desse parâmetro possibilita a identificação exata das particularidades do movimento presente na construção do sinal, delimitando, assim, as movimentações que podem ou não serem tratadas de forma linguística.

3.4 ORIENTAÇÃO

O quarto elemento que compõe a estrutura linguística do sinal das línguas de sinalizadas é o parâmetro Orientação, que, algumas vezes, também tratado como Direcionalidade, não deve ser confundido com a categoria direcionalidade presente nas situações de identificação e caracterização do parâmetro Movimento, conforme abordado anteriormente. Aqui, diz respeito à direcionalidade, especificamente, da palma da mão, ainda que essa aconteça em meio à direcionalidade da movimentação durante a realização de um sinal. Para Felipe e Monteiro (2006, p. 23), os sinais têm uma direcionalidade com relação aos demais parâmetros, ou seja, a mão, disposta em algum formato, tocando algum ponto de articulação ou se realizando no espaço neutro, com movimentos ou não, apresenta uma orientação da palma da mão específica.

Ferreira (2010, p. 41) conceitua esse parâmetro como sendo a direção da palma da mão durante o sinal. Essa perspectiva é adotada por igual por Quadros e Karnopp (2004, p. 59) quando diz que “orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal”. A primeira autora coloca, além disso, a possibilidade de haver mudança nesse parâmetro durante a execução do parâmetro Movimento, isto é, um determinado sinal pode iniciar com a palma da mão orientada de uma forma e, a partir de uma movimentação específica e inerente ao sinal, terminar com a palma da mão de outra forma (cf. **Figura 23 - Sinal NÃO QUERER**, p. 68).

A categorização do parâmetro Orientação da palma da mão em Libras foi feita também por Ferreira (2010, p. 41) com base, ainda, nas orientações da palma da mão da Língua de Sinais Americana. Os tipos de orientações da palma da mão identificados foram:

palma para cima, palma para baixo, palma para o corpo, palma para a frente, palma para a esquerda e palma para a direita. Quadros e Karnopp (2004, p. 59-60), em uso dessa categorização da palma da mão já delineada, organizam as seguintes representações da palma da mão da Libras:

Figura 22 - Orientações de palma da mão da Libras



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 59-60.

Conforme percebido, algumas das classificações do parâmetro Orientação retratadas nas ilustrações acima apresentam denominações distintas em relação às orientações da palma da mão ressaltadas primariamente. Entretanto, se observado atentamente a direcionalidade da palma da mão propriamente dita em cada figura, é possível verificar propostas de orientações equivalentes àquelas nomeações particulares. As orientações *para dentro* e *para fora* correspondem, respectivamente, às direcionalidades *palma para o corpo* e *palma para frente*. E a orientação *para o lado*, ora subdividida em *contralateral* e *ipsilateral*, representada nas duas últimas imagens, equivale às direcionalidades *palma para a esquerda* e *palma para a direita*.

Desse modo, constata-se que o inventário das direcionalidades da palma da mão atende a uma espécie de arranjo disposto em pares opostos, por se tratar de orientações visivelmente contrárias no que confere ao posicionamento da palma da mão. Isso não significa, de maneira alguma, que tais orientações são concorrentes e/ou que elas não possam ser empregadas ao mesmo tempo na formulação de um sinal, pelo contrário, há sinais que possuem mais de um tipo de direcionamento na sua estruturação, por exemplo, as orientações *palma para cima* e *palma para baixo*, como ocorre no sinal NÃO QUERER – sinalizado com

a mão aberta com a palma para cima, e dedos separados e curvados, movendo-a para trás em direção ao corpo, e virando a palma para baixo, com o giro da cabeça para a esquerda e para a direita, carregada de expressão negativa (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1775) –, que é realizado, inicialmente, com a palma da mão disposta para cima, e, em seguida, na medida em que o sinal se desenvolve, com a palma da mão direcionada para baixo, conforme a figura abaixo.

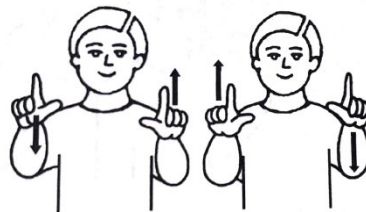
Figura 23 - Sinal NÃO QUERER



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1775.

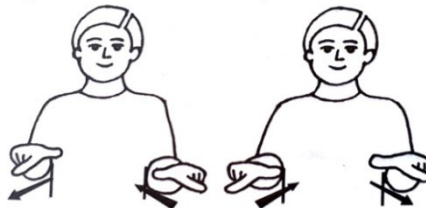
A distinção entre os sinais na Libras também pode ser percebida a partir do parâmetro Orientação. O uso de direcionalidades da palma da mão específicas ocasiona a realização de sinais diferentes, como acontece com o sinal TELA, que é formado pela palma da mão direcionada para frente, estando lado a lado, em configuração de L e como movimentos alternados para cima e para baixo, e com o sinal TRABALHAR, que é composto pela palma da mão direcionada para baixo, na altura da cintura, estando lado a lado, em configuração de L e como movimentos alternados para frente e para trás.

Figura 24 - Sinal TELA



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 2341.

Figura 25 - Sinal TRABALHAR



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 2393.

Visivelmente, o que distingue essas duas sinalizações é a orientação da palma da mão executada em cada uma delas. Nesse sentido, tem-se, no primeiro sinal, a palma da mão

direcionada para frente ou, do mesmo modo, para fora, e, no segundo sinal, a palma da mão direcionada para baixo, o que significa dizer que essa mudança de direcionalidade da palma da mão, aparentemente simples, provoca um efeito representativo na mudança de significado entre esses sinais. Contexto semelhante acontece entre os sinais BATIMENTO e NÚMERO. Esse, com a palma da mão para baixo, forma-se com a mão em S, tocando o lado esquerdo do peito, com movimento para frente e para trás, e aquele, da mesma forma, mas com a palma da mão direcionada para cima (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 510 e p. 1919).

No geral, percebe-se que a presença desse parâmetro nos sinais faz toda diferença na constituição estrutural sinalizada da Libras, mostrando-se, por sua vez, tão importante quanto os demais parâmetros expostos até aqui. Nessa direção, verifica-se, ainda, que os autores citados comungam, em certa medida, da mesma perspectiva quanto à identificação e à caracterização das orientações da palma da mão as quais se mostram viáveis a fazerem parte da estrutura linguística dos sinais na Libras. Assim, esse pensamento harmônico evita que direcionamentos de toda natureza e até humanamente não realizáveis sejam considerados como elementos formadores dos sinais.

3.5 EXPRESSÃO NÃO MANUAL

Todos os parâmetros linguísticos (Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento e Orientação da Palma da Mão) vistos até o momento estiveram relacionados, de algum modo, à dimensão manual do sistema linguístico das línguas de sinais, por isso o reconhecimento dessas línguas como, também, línguas manuais. Entretanto, há outro componente, que mesmo não assumindo essa característica manual, completa o rol dos elementos linguísticos que formam os sinais das línguas sinalizadas. Tal elemento diz respeito ao parâmetro Expressão Não Manual, igualmente conhecido por Marcação Não Manual, que, correspondendo às ocorrências linguísticas que não envolvem as mãos, compreendem, de modo geral, às diversas expressões faciais e corporais. “Todos os elementos linguisticamente significativos que não são expressos pelas mãos são referidos como ‘marcadores não-manuais’ ou simplesmente ‘não-manuais’” (PÊGO, 2013, p. 40). Pêgo (2013, p. 21 e p. 40), em alusão a Siple (1978) e Swisher *et al.* (1989), acrescenta:

Ao contrário do que os leigos pensam, os usuários das línguas de sinais não acompanham com o olhar a direção e o movimento do sinalizante. Somente desviam da região da face no momento da datilologia, voltando novamente o olhar para a face assim que ela finaliza.

Os sinalizantes, quando se comunicam, não concentram sua atenção sobre a mão do outro, mas sim na face, onde a informação gramatical essencial é codificada “não-manualmente”.

Nessa direção, as Marcaçãoes Não Manuais demonstram ser tão indispensáveis para a produção dos sinais nas línguas de sinais de uma maneira geral, e aqui se ressalta a Libras, quanto aos formatos das mãos, os movimentos e os demais Parâmetros, pois, como visto, a sua presença faz-se massivamente significativa durante toda a comunicação sinalizada, assumindo, de forma linguística, quase que o domínio total nesse processo. Assim, manifestações da cabeça e do corpo (Marcaçãoes Não Manuais), ora consideradas como artificios extralinguísticos nas línguas oralizadas, mostram-se com outra representatividade para as línguas de sinais. Tais expressões revelam-se fundamentais na formação estrutural do sistema linguístico sinalizado, comportando-se, por sua vez, como constituintes linguísticos mínimos desses sistemas. Por outro lado, vale destacar que nem todas as Marcaçãoes Não Manuais são gramaticais, ou seja, nem todas revelam funções verdadeiramente linguísticas, algumas servem apenas para expressar questões de ordem afetiva:

Marcadores não-manuais linguisticamente relevantes devem ser distinguidos dos marcadores puramente afetivos, como expressões faciais ou movimentos de cabeça que expressam desgosto, descrença ou surpresa, que são usados por sinalizadores bem como por falantes. A diferença entre os dois tipos de marcadores nem sempre é clara, mas alguns critérios têm sido propostos (PFAU; QUER, 2010 *apud* FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019, p. 80).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 60), o levantamento acurado do parâmetro Expressão Não Manual da Libras foi promovido por Ferreira-Brito e Langevin (1995), que, guiando-se pelos trabalhos de Baker (1983), realizaram a identificação e a descrição das manifestações linguísticas da cabeça e do corpo as quais funcionavam como marcas não manuais, bem como as variedades desses elementos. Segundo tal estudo, esse parâmetro realiza-se em meio ao rosto, à cabeça e ao tronco, como pode ser verificado com maiores detalhes no quadro abaixo.

Quadro 6 - Expressões Não Manuais da Libras

<p>Rosto</p> <p><i>Parte superior</i></p> <p>sobrançelas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrançelas levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i></p> <p>bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrançelas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz</p>
<p>Cabeça</p> <p>balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás</p>
<p>Rosto e cabeça</p> <p>cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrançelas franzidas cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p>Tronco</p> <p>para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro</p>

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 61.

Por meio desse levantamento, verifica-se que as Marcações Não Manuais estão dispostas em três áreas gerais: *rosto*, *cabeça* e *tronco*, contudo se organizam em quatro grupos específicos: *rosto*, *cabeça*, *rosto e cabeça* e *tronco*, o que significa dizer que existem sinais que envolvem, concomitantemente, expressões não manuais situadas em duas dessas áreas. Sobre essa dupla possibilidade, Quadros e Karnopp (2004, p. 60) atenta para o fato de que duas expressões não manuais podem ocorrer simultaneamente, apresentando como exemplo as marcas de interrogação e negação presentes em um sinal. Constata-se ainda que algumas expressões não manuais, como *lançamento do corpo para frente*, são mais amplas ao passo que outras, como *contração do lábio superior*, são bastante específicas. Essas marcas se localizam, quase que por total, na área facial, que, subdividida em parte superior e inferior, é responsável por um considerável número de Expressões Não Manuais na Libras.

Há também outras manifestações de natureza bastante diferenciada, que, ainda assim, não deixam de ser não manuais. Felipe e Monteiro (2006, p. 23) relatam a existência de artifícios sonoros que acompanham as marcações não manuais durante a realização de sinais específicos. Nessa direção, mesmo não tendo finalidades propriamente audíveis, tais recursos sonoros, enquanto Expressões Não Manuais, sinalizam para a existência de uma cadência no processo de sinalização com um todo, além de exprimirem a vibração de determinadas Marcas Não Manuais, causando efeitos distintos e funcionando como estratégia de realce dessas marcas.

Ainda consoante as colocações de Quadros e Karnopp (2004, p. 60), as Expressões Não Manuais, marcadas pelo movimento da face, dos olhos, da cabeça e do tronco, apresentam, linguisticamente, duas finalidades para a língua de sinais: marcações de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Desse modo, reforça-se, no âmbito da estruturação linguística das línguas sinalizadas, o caráter substancial dessas Marcações Não Manuais, ainda que tratadas em alguns contextos como elementos à parte nos parâmetros classificados como primários e secundários, conforme ressaltado no início deste capítulo. De todo modo, o parâmetro das Expressões Não Manuais possui um caráter todo particular, não sendo, portanto, tão simples a sua classificação dentro de uma estrutura, como acontece, por exemplo, com o parâmetro Configuração de Mãos. Talvez por essas particularidades, tais expressões tenham sido colocadas de lado nos estudos iniciais das línguas sinalizadas, como ressaltado na abertura deste capítulo.

A presença desses elementos na estruturação dos sinais mostra-se deveras fundamental nos casos que assim o exigem, pois, se levando em consideração a não realização desses parâmetros em um contexto linguístico que deles necessitam, provavelmente haveria algum tipo de descaracterização no resultado final do sinal, o que comprometeria o seu entendimento. Essa situação pressuposta pode ser visualizada a partir do sinal TRISTE, que é estruturado pela mão configurada em Y horizontal, com a palma para trás e a ponta do polegar tocando o queixo, e com a expressão de tristeza (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 2415), como mostra a figura a seguir.

Figura 26 - Sinal TRISTE



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 2415.

Parece ser impossível conceber esse sinal sem o elemento da expressão facial de tristeza. De fato a provável ausência desse aspecto acarretaria um considerável prejuízo no interior da estrutura linguística desse sinal. É o parâmetro Expressão Não Manual que faz esse sinal ser realmente o que ele é, caracterizando-o. Haveria sentido, pois, realizar o sinal TRISTE sem a expressão facial de tristeza estampada no rosto? Isso seria um tanto incoerente linguisticamente para as línguas sinalizadas, que se individualizam, também, como línguas detentoras de marcações faciais e corporais. Tais marcações, enquanto componente da Libras,

fazem-se imperativas como meio de validar a formação de sinais que, naturalmente, possuem essas expressões como elemento constitutivo da sua estrutura.

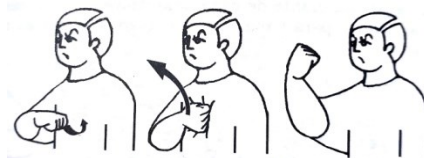
Por mais que pareça apenas um detalhe da sinalização, a presença das Expressões Não Manuais na produção dos sinais ocasiona significativas mudanças na compreensão sinalizada. Os exemplos abaixo, os sinais ESFORÇO e ÓDIO, revelam a intervenção desse parâmetro no realce da significação de cada sinal. O primeiro sinal forma-se pela mão horizontal em S, com a palma para baixo, tocando o peito, seguido do giro da palma para cima, passando pelo peito, e se move para frente com expressão de raiva intensa, e o segundo, pelas mãos em S, com a palma para baixo e próximo ao peito, seguido do giro das palmas para cima e se movendo para frente, com expressão facial séria opcional.

Figura 27 - Sinal ESFORÇO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1112.

Figura 28 - Sinal ÓDIO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1822.

Ainda que com algumas variações entre esses sinais, como a maior e menor aproximação do peito, o parâmetro Expressão Não Manual, mesmo que apontado como opcional em uma das sinalizações, coloca em evidência a diferença de significado³⁴ entre esses sinais. Enquanto no primeiro, de acordo com a figura, verifica-se uma expressão facial de seriedade, remetendo à força, no segundo sinal, a expressão é de raiva, com a modificação das marcas expressivas da testa e da sobrancelha, fazendo, assim, toda a diferença na caracterização desses sinais. O fato de serem usadas uma ou as duas mãos para realizar a sinalização não ocasiona grandes interferências na produção dos sinais, conforme visto na primeira seção deste capítulo. Vale ressaltar, ainda, que tais Expressões Não Manuais são melhores apreendidas na própria realização ao vivo do sinal ou a partir de vídeos, uma vez

³⁴ Deve-se, ainda, considerar que as expressões da face e do corpo também podem mudar conforme o contexto de sinalização. Em casos em que, de acordo com o exemplo, o esforço e o ódio assumem caráter mais intenso, as Expressões Não Manuais colocam-se mais acentuadas a partir de um intensificador, efeito tratado na literatura como Prosódia das línguas de sinais.

que a sua representação por meio de figuras, ou mesmo pela *Escrita de Sinais*, embora usado como recurso metodológico de análise, compromete de alguma forma o alcance da interpretação dessas expressões.

Em acréscimo a esse contexto, é possível encontrar nas línguas de sinais de um modo geral sinais que são constituídos apenas pelas Marcações Não Manuais. Xavier (2006), em seu trabalho de pesquisa, elencou – com base no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue*, de Capovilla e Raphael (2001) – cinco sinais da Libras que se formam unicamente por Expressões Não Manuais, a saber, ASSOBIAR (p. 235), BUFAR (p. 324), MASTIGAR (p. 875), ROUBAR (2) (p. 1154) e SEXO (ato sexual) (p. 1194). Categorizou, também, outros 2.269 sinais para verificar esse parâmetro, dos quais 1.897 não o apresentaram em sua sinalização, e 372 sinais possuíam essa marca não-manual. Nos sinais citados, as mãos não são utilizadas e as Expressões Não Manuais configuram os próprios sinais, sinalizando, portanto, que tais expressões não são meras manifestações da face e do corpo que complementam os sinais, como tratado por conceitos aligeirados sobre esse parâmetro. Abaixo um exemplo de um sinal composto somente a partir do parâmetro Expressão não manual:

Figura 29 - Sinal ASSOBIAR



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 235.

Ainda que sejam em casos quantificados, verifica-se aqui a exata importância linguística do Parâmetro Expressão Não Manual na formação dos sinais nas línguas de sinais de um modo geral, mas, nesse contexto, na Libras, pois, mesmo atuando sozinho e independente dos recursos manuais, assumem propriedades linguístico-comunicativas nessas línguas. Assim, essas Expressões desempenham funções equivalentes às assumidas pelos demais Parâmetros retratados anteriormente, configurando-se como elementos linguísticos autênticos formadores do sistema estrutural da Libras.

4 FONOLOGIA E FONEMA EM FOCO

Via de regra, tão necessário e importante quanto à constatação e ao reconhecimento dos aspectos linguístico-estruturais das línguas de sinais de um modo geral, é a devida nomeação dessas descobertas. E, conforme abordadas neste capítulo, poucas são as propostas que defendem ou buscam levantar a discussão sobre o uso de terminologias condizentes com a realidade linguístico-modal dos elementos mínimos da Libras e com o campo de estudo destinado à disposição e compreensão desses constituintes menores sinalizados. A grande maioria dos estudos em línguas de sinais dá preferência aos termos utilizados nas investigações das línguas orais³⁵, com a justificativa de estarem adotando as mesmas nomenclaturas para atender e não se distanciar da tradição conceitual linguística. Já outras propostas até tentam inovar, mas também terminam cedendo à força das convenções, fazendo uso de iguais terminologias em nome da tradição. *Fonologia e Fonema* referentes a Libras são as nomenclaturas aqui interessadas.

Mesmo quando usadas para atender às necessidades da tradição, tais terminologias são, frequentemente, apresentadas, nos mais diversos estudos sobre as línguas de sinais, em meio ao emprego do recurso gráfico aspas, isto é, muitos autores falam em “fonema” e “Fonologia” das línguas sinalizadas, entre aspas, como se quisessem amenizar possíveis desconfortos causados pela utilização desses termos, que, tradicionalmente, fazem alusão aos estudos das línguas sonoras. Assim, parece existir certo nível de estranheza no emprego dessas nomenclaturas para reportarem às línguas de sinais, de modo que, sempre seja preciso fazer algum tipo de esclarecimento – a fim de atender à tradição – a respeito dos seus usos, a fim de que essas aplicações não revelem uma espécie de conduta subversiva em relação à modalidade linguística visuoespacial das línguas de sinais.

É a partir desses desencontros terminológicos e, principalmente, da autonomia linguística da Libras, retratada nas primeiras passagens desta produção, que o presente capítulo levanta e defende a ideia de que as unidades mínimas das Libras, assim como a sua respectiva área de estudo, ainda que compartilhem de alguns princípios organizativos comuns aos das línguas auditivas, não precisam ser, necessariamente, nomeadas tais quais as unidades menores e a seu campo de investigação das línguas oralizadas, apostando em uma renovação terminológica que melhor se adéque à natureza linguística da Libras, no que confere a sua

³⁵ Nas considerações de Quadros (2019, p. 25), as línguas de sinais também são consideradas ‘línguas orais’, por serem produzidas ‘oralmente’ em oposição à forma escrita. Por isso a preferência da autora no uso do termo ‘língua falada’ ao invés ‘língua oral’ para se referir às línguas de quem utiliza o canal oral-auditivo.

particularidade modal. Assim, este capítulo organiza-se em duas seções: a primeira, de nome *Terminologia clássica: breves comentários*, traz uma retomada dos termos *Fonema* e *Fonologia* com base na perspectiva clássica aplicada aos estudos das línguas orais; e a segunda, intitulada *Fonologia da Libras: propostas e ampliações terminológicas*, apresenta algumas propostas e/ou ampliações terminológicas, encontradas na literatura especializada da área, referentes aos constituintes menores da Libras e sua respectiva área de estudo, com a intenção de evidenciar as possíveis incongruências, verificadas por estudiosos, no uso de terminologias – em especial, *Fonologia* e *Fonema* –, advindas das línguas orais e atribuídas às línguas de sinais de um modo geral.

4.1 TERMINOLOGIA CLÁSSICA: BREVES COMENTÁRIOS

Em meio à disposição estrutural da língua – e sua representação gramatical – nos mais diferentes níveis de análise, encontra-se o componente fonológico, considerado o primeiro nível compreensão da língua, o qual ocupa um importante espaço nos estudos de interpretação e análise linguística, comportando-se, muitas vezes, como o objeto de interesse investigativo de muitos linguistas, ora como tema central de suas pesquisas, inclusive de ordem sinalizada, ora relacionado a questões de interface com outras áreas da Linguística. Nessa conjuntura, levantam-se, aqui, alguns breves comentários acerca da *Fonologia* e de *Fonema*, no intuito de trazer para este trabalho as considerações que orientam as ocorrências sonoras das línguas orais, para, posteriormente, direcionar as discussões sobre o emprego desses termos no âmbito da Libras.

Entendendo que a realidade dos fatos linguísticos das línguas orais dá-se a partir de sons, há, na história dos estudos linguísticos, duas áreas que se interessam pela investigação desses fenômenos, a saber, a Fonologia e a Fonética. Ainda que seja necessário demarcar as fronteiras entre esses dois campos de conhecimento, bem como definir os seus objetos de pesquisa, tal tarefa nem sempre é de fácil execução, não ficando, muitas vezes, tão compreensível o que é domínio de quem nas pesquisas envolvendo o som, isso pela razão de ambas as esferas terem objetivos mais gerais comuns, como enfatiza o recorte abaixo:

Tanto a Fonética como a Fonologia tem como objeto de estudo os sons da fala, isto é, investigam como os seres humanos produzem e percebem os sons da fala. Ou, melhor dizendo, tanto a Fonética quanto a Fonologia

investigam como os seres humanos produzem e percebem os sons da fala. (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 14, grifo do autor).

Apesar de partilharem, de modo amplo, do mesmo objeto linguístico, é consenso entre os pesquisadores a ideia de que cada área apresenta os seus interesses particulares sobre os fatos sonoros da língua. Nessa direção, estudiosos dedicam-se a caracterizar a Fonologia e a Fonética, definindo o conceito de cada e a função que cada uma desempenha, especificando-lhes os fenômenos a serem explorados. Por outro lado, o distanciamento entre essas duas ciências parece se apresentar, no cenário teórico, apenas como uma questão de ordem metodológica, uma necessidade didático-instrumental de pretensões analíticas de cada área, se levado em conta que ambas se interessam por questões sonoras. Todavia,

[...] é recomendado estabelecer não uma, mas duas “ciências do som” diferentes, das quais uma deve lidar com o ato de fala, e outra, de língua. De acordo com o objeto, cada caso é diferente, cada uma destas “ciências do som” deve usar método de trabalho completamente diferente: a ciência dos sons da fala, que trata de fenômeno físico específico, deve usar os métodos ciências naturais; pelo contrário, a ciência dos sons da língua tem que usar métodos puramente linguísticas, psicológicas ou sociológicas (TRUBETZKOY, 1973 *apud* NÓBREGA, 2016, p. 203).

Assim, estabelecendo um paralelo entre esses dois níveis de estudo, nas palavras de (MASIP, 2014, p. 05), a “Fonologia é a parte da linguística que estuda o som como signo do código; e a fonética, o próprio som emitido, captado e percebido; aquela seria a partitura de um idioma, e esta, o seu registro”. Por esse ponto de vista é possível verificar que, mesmo que cada uma possua um direcionamento a aspectos específicos – a primeira refere-se às realizações da língua e a segunda, às da fala –, estão relacionadas por um ponto equivalente entre si, o som, seja em sua realidade abstrata, seja em sua manifestação física, o que recupera, portanto, a citação anterior. Sobre esse caráter físico do som de responsabilidade da Fonética, Saussure (2012) defende:

A fisiologia dos sons (em alemão *Lauthphysiologie* ou *Sprachphysiologie*) é frequentemente chamada de “Fonética” (em alemão *Phonetik*, inglês *phonetics*, francês *phonétique*). Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo (SAUSSURE, 2012, p. 67, grifo do autor).

De acordo com Silva (2003, p. 121), o termo fonologia passou ser utilizado por modelos pós-estruturalistas que analisavam a organização da cadeia sonora da fala, ou seja, do componente fonológico, diferentemente dos empregos terminológicos primários apresentados acima. Segundo a mesma autora (p. 15), a Fonologia, igualmente chamada de Fonêmica, institui os princípios que regem a estrutura dos sons da língua, definindo-lhe quais sequências de sons são aceitáveis e quais não são permitidas, ou seja, comportando-se como a parte teórica do som, Fonologia é a área de investigação linguística que procura por estratégias e métodos formais para analisar e descrever a organização das unidades mínimas formadoras do sistema linguístico da língua oral. A essas unidades menores são dadas o nome de Fonema, que recebe a seguinte explicação na tradição da perspectiva saussuriana:

As primeiras unidades que se obtêm ao dividir a cadeia falada estarão compostas de *b* e *b'*; chamam-se *fonemas*; o fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia (SAUSSURE, 2012, p. 77, grifo do autor).

E na categorização de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 20), os fonemas representam simplesmente os sons que distinguem uma palavra da outra, assumindo-se, por seu turno, como a unidade básica da Fonologia, e a Fonética é a área que estuda a produção da fala propriamente dita. Para tanto, a Fonética leva em consideração a variação linguística, a fisiologia dos indivíduos e as idiossincrasias relativas às características individuais dos falantes, como, por exemplo, a forma particular de realização sonora de cada sujeito.

4.2 FONOLOGIA DA LIBRAS: PROPOSTAS E AMPLIAÇÕES TERMINOLÓGICAS

Depreende-se dos primeiros capítulos desta produção o fato de as línguas de sinais, e, em particular, nesse contexto a Libras, serem manifestações linguísticas tão autênticas e autônomas quanto às realizações das línguas orais. O seu *status* de língua mostra-se comprovado por questões cognitivas, estruturais, sociais e legais. Assim, a Libras é a língua natural da comunidade surda que funciona como instrumento de comunicação, interação, força e poder, e é detentora de uma completa estrutura organizacional – como visto no capítulo anterior –, constituindo-se de um sistema linguístico composto por signos

sinalizados, que se dão, majoritariamente, a partir de perspectivas linguísticas visuais motoras, marcando, dessa forma, a principal distinção entre as línguas orais e as línguas de sinais: a modalidade linguística.

E por mais que não partilhem da mesma modalidade linguística das línguas oralizadas, como já evidenciado em momentos anteriores desta produção, as línguas de sinais, posto que bastante particulares, possuem uma disposição semelhante quanto à organização de sua estrutura em elementos menores, o que possibilita também o estudo investigativo de suas diversas partes nas mais diferentes esferas linguístico-gramaticais. Nessa direção, muitas são as inquietações de linguistas em relação às áreas dessas línguas e várias são as pesquisas interessadas em compreender e nomear as unidades mínimas distintivas, e seu campo de estudo, desses idiomas.

Ocorre que, com o transcorrer das investigações linguísticas nas línguas de sinais, a existência dessas semelhanças organizacionais entre as duas línguas – ambas sendo formadas por unidades menores (fonemas para as línguas orais e parâmetros (*grosso modo*) para as línguas de sinais) e sendo responsáveis pela distinção significativa entre as palavras e sinais, respectivamente – levaram muitos linguistas a investigar as línguas sinalizadas à luz das concepções teóricas sobre as línguas orais, optando, inclusive, pela permanência no uso de muitos termos referentes às línguas sonoras, como é o caso das terminologias *Fonema* e *Fonologia* presentes nas diversas pesquisas envolvendo a Libras.

O que está em discussão aqui não é a questão da partilha de universais linguísticos pelas línguas de sinais, mesmo porque tais línguas comportam-se como naturais e compartilham naturalmente desses princípios, como visto anteriormente, mas o emprego de termos oriundos de modalidades linguísticas diferentes da natureza das línguas sinalizadas. Por se tratarem de línguas características da modalidade visuoespacial, as suas unidades mínimas e seus ramos de estudo necessitam ser nomeados e reconhecidos por nomenclaturas que revelassem os nuances e a realidade linguística desses idiomas.

Assim, a presente seção, constituída por sete subseções, apresenta algumas propostas e/ou ampliações terminológicas, encontradas na literatura especializada da área, referentes aos constituintes menores da Libras e sua respectiva área de estudo, com a intenção de evidenciar as possíveis incongruências, constatadas por estudiosas, no uso de terminologias – em especial, *Fonologia* e *Fonema* –, advindas das línguas orais e atribuídas às línguas de sinais de um modo geral. Aqui, são abordadas as perspectivas de Stokoe (1960), Capovilla (2015), Barros (2008), Xavier (2006), Costa (2013), Nóbrega (2016) e Masip (2019), intituladas, nesta produção, de *Proposta Skokoeana*, *Proposta Capovilleana*, *Proposta Esteliteana*,

Proposta de descrição fonético-fonológica, Proposta FONOLIBRAS, Proposta Nobregueana e Proposta Masipeana, respectivamente, compondo, cada uma, uma subseção de nome igual.

Encontrados na literatura da área e advindos de investigações concebidas em teses, dissertações e artigos, todos esses estudos sinalizam, de alguma forma, para a discussão sobre o emprego dos termos *Fonema* e *Fonologia* em referência, nessa ordem, aos constituintes menores da Libras e a sua referida área de pesquisa, seja em defesa da permanência dessas terminologias ou por meio de uma ampliação e releitura dos termos e conceitos já existentes, seja propondo novos conjuntos terminológicos, o que motiva a escolha particular de cada uma dessas perspectivas para a composição deste trabalho. Tendo em vista que as propostas em questão aproximam-se em certo nível, umas emergindo, inclusive, a partir de reflexões sobre outras, a disposição e apresentação das propostas a seguir respeitam, em sua maioria, essa proximidade entre as discussões terminológicas trazidas por cada uma, não havendo, portanto, o atendimento da ordem cronológica de suas produções.

4.2.1 Proposta Stokoeana

Conforme mencionado em outro momento desta produção, o linguista americano William Stokoe³⁶ se dispôs a pesquisar as línguas de sinais, em particular a ASL, do ponto de vista da estrutura, identificando e caracterizando as particularidades formadoras do arranjo linguístico dessas línguas. Assim, ao se aprofundar na investigação da organização linguístico-estrutural dos sinais, percebeu que tais elementos, em sua essência, poderiam ser decompostos em unidades menores – as quais foram reconhecidas posteriormente como Parâmetros – marcando, portanto, o seu pioneirismo nas investigações linguísticas de cunho sinalizada.

Levando em consideração que, excetuando as excepcionalidades, as mãos são os instrumentos linguísticos autênticos das línguas de sinais, a nomeação das unidades menores encontradas por Stokoe atendeu, inicialmente, a uma concepção *quirológica*, ou seja, referiu-se à identificação de unidades mínimas advindas do domínio das mãos. Por essa razão é que esse linguista, de acordo com Capovilla (2015, p. 74-75), propôs o termo *Quirema* – de origem grega, formado pelos morfemas *quíri* e *ema*, e significando, respectivamente, mão e unidade mínima – para intitular as unidades mínimas das línguas de sinais. E por motivos

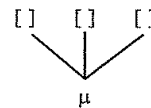
³⁶ William C. Stokoe Jr (1919-2000), ouvinte, professor emérito da Universidade Gallaudet, em Washington.

semelhantes, também deu preferência à nomenclatura referente às mãos e chamou de *Quirologia* – igualmente de origem grega, formado pelos morfemas *quéri* e *logia*, e significando, nessa ordem, mão e estudo – a área que se responsabilizava pelo estudo das combinações desses *Quiremas*.

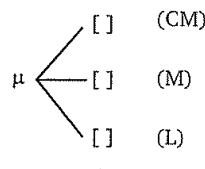
Nessa direção, as unidades mínimas quirológicas formadoras de sinais reconhecidas por Stokoe referem-se a – já conhecida e atualmente denominada Parâmetro – *Configuração de mão* (CM), *Locação da mão* (L) e *Movimento* (M). A decomposição dos sinais nesses três elementos teve o propósito de evidenciar a constituição dos sinais a partir das informações linguísticas disponíveis pela estrutura e pelo comportamento das mãos, tal como ocorre com a divisão das palavras em suas partes sonoras nas línguas orais. De Quadros e Karnopp (2004, p. 49), apreende-se que esses *Quiremas* funcionam como as unidades mínimas que formam os morfemas sinalizados igualmente aos fonemas que compõem os morfemas sonoros, havendo apenas a questão da disposição (simultânea ou linear) desses elementos mínimos como a diferença básica entre as duas línguas. A figura abaixo ilustra essa peculiaridade, que fora outrora, tratada na segunda seção do capítulo dois, referente ao signo linguístico da Libras.

Figura 30 - Sequencialidade nas línguas orais e simultaneidade nas línguas de sinais

a. Língua Oral



b. Língua de Sinais



Nota:

Sucessão horizontal = sucessão temporal

Alinhamento vertical = simultaneidade temporal

μ = morfema

[] = um fonema ou conjunto de especificações

Fonte: Hulst, 1993 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 47.

Sendo assim, as terminologias *Quirema* e *Quirologia*, em correspondência, respectivamente, às unidades mínimas das mãos, isto é, às unidades mínimas que formam os sinais das línguas de sinais, e ao estudo dessas unidades mínimas, equiparam-se às nomenclaturas *Fonema* e *Fonologia*, ambos utilizados na literatura das línguas oralizadas. Mesmo assim, a opção por esses termos característicos das línguas sinalizadas foi abandonada

posteriormente. Ainda conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 48), Stokoe passou a utilizar os termos *Fonema* e *Fonologia*, com a ampliação dos seus significados para, dessa forma, contemplar as realizações linguísticas visuoespaciais, como também é corroborado por Costa (2013):

Em sua primeira edição, Stokoe ao escrever *Sign language structure* (Estrutura da língua de sinais) mencionou que os parâmetros – configuração de mão (*handshape*), locação (*location*) e movimento (*movement*) – deviam ser chamados de “quiremas”, e caberia a “quirolgia” estudar as combinações entre esses parâmetros. Na segunda edição dessa obra, ele já admite os termos “fonema” e “fonologia”, considerando que a configuração de mão, o movimento e a locação são os análogos formais dos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais (COSTA, 2013, p. 35).

Em contexto brasileiro, a aplicação terminológica semelhante às opções nominativas iniciais de Stokoe é feita, ainda segundo Costa (2013, p. 36-37), por Bernardino (2000), que retomando os estudos de Fernandes (1994), argumenta que essas unidades mínimas que constituem o sinal – configuração das mãos (CM), movimento (M) e ponto de articulação (PA) – são os elementos, ou, igualmente, *Queremas*³⁷, que compõem um plano específico nesse idioma: o *Plano Querológico da Libras*. Essa autora faz uso de perspectivas conceituais análogas às considerações da linguística americana, partindo das investigações já firmadas sobre as unidades menores formadoras do léxico das línguas orais.

Outra defesa à *Proposta Stokoeana* é a tese de Oliveira (2015), que, com o foco nos elementos *Querológico-Morfológicos* que estruturam as unidades terminológicas do *Glossário Letras-Libras*, utilizado pelo curso de Letras-Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina, faz uma retomada ao termo *Querema* para a descrição das estruturas dos elementos que constituem o sinal. Nela, a autora defendendo a ideia de que os pressupostos terminológicos de Stokoe devem ser estudados e até ensinados aos que se interessam pelas línguas de sinais, ressaltando, assim, a importância dessas nomenclaturas para o estudo linguístico das línguas de sinais com um todo, e, em particular, para o entendimento linguístico da Libras.

³⁷ Grafia optada pela autora.

4.2.2 Proposta Capovilleana

Em uma de suas pesquisas, Fernando Capovilla³⁸ (2015) propõe uma espécie de repaginada de alguns termos utilizados no âmbito da língua falada, da língua escrita e da língua de sinais, promovendo uma inovação terminológica com o foco na promoção do processo alfabetizatório de ouvintes, deficientes auditivos, surdos e surdocegos. Essa renovação aplica-se às unidades mínimas da língua falada (visível ou tateável), da fala, da língua escrita (visível ou tateável), e da sinalização (visível ou tateável). Aqui, o interesse limita-se apenas às terminologias referentes à língua sinalizada, no que concerne aos surdos videntes³⁹, a fim de não se distanciar da temática desta produção.

Da “*refundação da nomenclatura a partir de uma revisão da etimologia*” é o que trata a proposta em questão. Nessa direção, o autor levanta uma nova taxonomia baseada na origem etimológica dos termos que formam as unidades mínimas das línguas em suas modalidades distintas, dando preferência àquelas terminologias compostas por regras canônicas de morfossintaxe (G) grega e (L) latina, para que, assim, não haja imprecisões terminológicas quanto ao uso de palavras que carreguem, em sua essência morfológica, outros significados. Trocando em miúdos, os diversos termos que nomeiam essas unidades mínimas das línguas são constituídos a partir de arranjos legítimos entre morfemas que expressam, exclusivamente, os elementos combinados na terminologia escolhida.

Nas palavras do autor,

Refundação da nomenclatura da área é feita como base numa revisão etimológica da terminologia, que substitui termos ilegítimos, *ad hoc*, arbitrários, impreciso e pouco recombinaivos, além, de frequentemente híbrido, por termos legítimos e precisos, derivados de uma matriz, em que cada célula resulta da combinação regrada entre unidades mínimas que descrevem cada fenômeno de linguagem em termos de modo como é emitido (modalidade motora: via fala, via escrita, via sinal) e do modo como é recebido (modalidade sensorial: via audição, via visão, via tato) na relação entre o emissor da mensagem (como orador, escritor, sinalizador) e o receptor da mensagem (como ouvinte, como vidente, como senciente) (CAPOVILLA, 2015, p. 75).

Assim, sugere substituir diversos termos de composições morfológicas inconsistentes por combinações de termos gregos e latinos legítimas e precisas a partir do uso de (G)

³⁸ Fernando César Capovilla, ouvinte, Ph.D. em Psicologia e Professor Titular (MS-6) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

³⁹ Categoria nomeada pelo autor com base na necessidade comunicativa humana.

*MorfEmas*⁴⁰ lexicais (*LexEmas*) ou (L) *FormÍculos* vocabulares (*VerbumÍculos*) e de (G) *MorfEmas* gramaticais (*GramEmas*) ou (L) *FormÍculos* conjunturais (*ConjunturÍculos*) nas construções terminológicas das unidades linguísticas mínimas. Para Capovilla (2015, p. 78), “o termo *FonEma* é legítimo para representar a unidade mínima da fala audível, já que esse termo combina, de modo natural e preciso, os dois *MorfEma* gregos pertinentes: o radical ou *LexEma fone*: som da fala, e o sufixo *ema*: unidade mínima”

Nas línguas de sinais, essa renovação terminológica dá-se a partir, principalmente⁴¹, da revisão conceitual do termo *Quirema*, nomenclatura cunhada por Stokoe, nos anos de 1960, para nomear os elementos mínimos das línguas sinalizadas. Para esse termo, tratado como (G) *QuirEma* ou (L) *ManusÍculo* – unidade mínima da mão – na perspectiva *Capovilleana*, é proposto a sua substituição pelo termo (G) *SematosEma* ou (L) *SignumÍculo*, com a justificativa de que (G) *QuirEma* ou (L) *ManusÍculo*, limitando-se aos parâmetros relativos à mão, não contempla todos constituintes mínimos das línguas de sinais. “Usar o termo *QuirEma* para designar as várias expressões faciais que distinguem entre os sinais seria “forçar a mão” (um contra-senso), já que a expressão facial “está na cara”, por assim dizer, e não na mão” (CAPOVILLA, 2015, p. 77).

A opção por essa nova terminologia explica-se, segundo o autor, por sua abrangência conceitual, visto que (G) *SematosEma* ou (L) *SignumÍculo* (*símatos*: sinal e *ema*: unidade mínima, e *signum*: sinal e *ículo*: unidade mínima, respectivamente), significando unidade mínima do sinal, contempla não só os três parâmetros relativos à mão (Forma da Mão, Local da mão, Movimento da Mão), inicialmente pensados por Stokoe, como também o parâmetro que envolve as Expressões Não Manuais dessas línguas. De forma análoga, opta também pela nomenclatura (G) *SematosEmia*⁴², em lugar do nome *Fonologia*, para se referir ao ramo de estudo dos (G) *SematosEma*. De fato, do ponto de vista etimológico, os novos termos pensados parecem estabelecer uma relação mais harmoniosa e direta com os elementos internos que os compõem, integrando-os em sua totalidade, todavia, exige dos estudiosos e dos usuários da Libras um considerável conhecimento sobre questões etimológicas, o que compromete, em certa medida, essa proposta.

Por outro lado, a manutenção no uso do termo *QuirEma*, pensado por Stokoe, ainda é aceita por Capovilla, porém em certo nível e com algumas complementações terminológicas

⁴⁰ Notação apoiada na revisão etimológica da composição dos termos feita pelo autor.

⁴¹ O termo *VisEma*, em referência à unidade mínima da percepção visual das línguas faladas, também é tratado na revisão terminológica de Capovilla (2015). Essa terminologia será ressaltada na próxima seção, na *Proposta Estelíteana*.

⁴² A forma correspondente ao Latim (L) não foi encontrada, mas acredita-se que deva seguir os mesmos princípios da notação adotada.

conceituais. Dessa forma, tal termo passa a ser, morfológicamente, especificado e qualificado por terminologias referentes às particularidades de cada um dos parâmetros, assumindo, assim, uma subdivisão em outros quatro termos: (G) *QuiriFormEma* ou (L) *ManusModusÍculo* (*quéri*: mão, *form*: forma, *ema*: unidade mínima e *manus*: da mão, *modus*: modo, *ículo*: unidade mínima) para a unidade mínima da Forma da Mão; (G) *QuiriToposEma* ou (L) *ManusLocusÍculo* (*quéri*: mão, *topos*: local, *ema*: unidade mínima e *manus*: da mão, *locus*: local, *ículo*: unidade mínima) para a unidade mínima do Local da Mão; (G) *QuiriCinesEma* ou (L) *ManusMotusÍculo* (*quéri*: mão, *inisi*: movimento, *ema*: unidade mínima e *manus*: mão, *motus*: movimento, *ículo*: unidade mínima) para a unidade mínima do Movimento da Mão; e (G) *MascarEma* ou (L) *PersonalÍculo* (*másca*: máscara, *ema*: unidade mínima e *persona*: máscara e *ículo*: unidade mínima) para unidade mínima da Expressão Facial.

4.2.3 Proposta Esteliteana

A proposta de mudança terminológica dos constituintes mínimos das línguas de sinais – prevendo angariar uma nomenclatura específica e mais próxima à realidade linguística da Libras –, defendida por Mariângela Estelita⁴³ (2008) em sua tese de doutorado, é parte de um projeto de proporção maior: aperfeiçoamentos da concepção de um sistema de escrita para as línguas de sinais, e de modo particular, para a Libras. Sem apresentar maiores detalhes dessa empreitada, uma vez que se distanciaria da pretensão deste trabalho, trata-se da melhoria do sistema *ELiS*⁴⁴, sigla que significa exatamente *Escrita das Línguas de Sinais*, que é uma ferramenta de escrita de base alfabética⁴⁵ e linear⁴⁶ para o registro formal das línguas de sinais de um modo geral, organizada a partir dos Parâmetros propostos por Stokoe (1965). Para mais minúcias desse sistema de escrita sinalizada, consultar Barros (2008).

⁴³ Mariângela Estelita Barros, ouvinte, professora Dr.^a da Universidade Federal de Goiás.

⁴⁴ Sistema de escrita *ELiS* foi pensando previamente na pesquisa de Mestrado da autora, ainda em 1997.

⁴⁵ Segundo Barros (2008), em referência a Higounet (2003), a escrita alfabética é um tipo de escrita fonética, dentro da classificação dos tipos de escrita (escrita sintética, analítica e fonética), em oposição à escrita silábica: na escrita silábica, consoantes e vogais de uma sílaba são representadas por um único símbolo, na escrita alfabética, há um símbolo para cada. Assim, a autora propõe a criação de alguns símbolos relacionados aos parâmetros a fim de representar graficamente cada visema da língua de sinais.

⁴⁶ A caracterização da *ELiS* como linear se deve ao fato de os visogramas serem escritos sequencialmente, um após o outro. Esta sua característica tem causado polemica principalmente entre conhecedores do sistema de escrita *Sign Writing* (Sutton, 1981), que usa uma apresentação *em pilha* (BARROS, 2008, p. 36).

No âmbito do *ELiS*, para apresentar sua terminologia referente aos componentes mínimos das línguas de sinais, a autora faz uma retomada ao termo *Quirema*, parte do estudo levantado por Stokoe, porém evidenciando o entrave terminológico ocasionado pelo uso dessa nomenclatura para aludir às unidades menores sinalizadas. Sobre essa questão, Barros coloca:

Stokoe (1965) inventou o termo *quirema* (*chereme*), que já é do conhecimento de pesquisadores de LS, mas que causa polêmica por dois motivos: a raiz da palavra diz respeito apenas a ‘mão’, mas várias outras partes do corpo são envolvidas no uso das LS; o conceito de quirema é equivalente ao de fonema e não precisaria, portanto existir (BARROS, 2008, p. 14, grifo do autor).

Nesse ponto, congruente à proposta terminológica anterior (*Proposta Capovilleana*), no que diz respeito ao ângulo de abrangência do termo *Quirema*, que, enquanto unidade mínima da mão, não envolve todos os elementos menores das línguas de sinais, é a perspectiva de Barros. Assim, ainda que tal termo faça menção a uma importante particularidade da natureza linguística da maioria das línguas de sinais, por se darem em sua grande parte pelas mãos, outros aspectos bastante significativos para essas línguas são deixados de lado nessa denominação. Marcas da face e do corpo, que linguisticamente assumem funções específicas nessas línguas, não se encontram adequadamente representadas no âmbito do nome *Quirema*.

A fim de solucionar o dilema em realce, a autora do sistema de escrita *ELiS* propõe o termo *Visema*⁴⁷, em oposição a *Quirema*, para nomear os formantes menores das línguas de sinais, estabelecendo, portanto, uma analogia ao termo das línguas orais *Fonema*. Nessa direção, representando esse termo (*Fonema*) a unidade mínima sonora das línguas oralizadas, aquele termo (*Visema*) assume, então, a referência às unidades mínimas visuais das línguas sinalizadas. Para tanto, Barros (2008) adota o seguinte procedimento:

Mudo a raiz de *quir-* para *vis-* pois todo o resultado da realização das LS é visual e argumento que, mesmo sendo nomenclaturas equivalentes, *visema* e *fonema*, não são iguais e suas diferenças precisam ser acentuadas a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e seu processamento. O fato de um termo representar unidades sonoras e o outro representar unidades visuais dá outra dimensão de precisão a partir da qual poderemos ser capazes de captar melhor as diferenças semióticas de uma modalidade e outra (BARROS, 2008, p. 14-15).

⁴⁷ No sistema de escrita *ELiS*, os símbolos do alfabeto representam os *visemas* elementares das línguas sinalizadas em vez de representarem os sons elementares das línguas orais (BARROS, 2008, p. 14).

Essa mudança de postura teve reflexos, inclusive, na própria intitulação da ferramenta de escrita de sinais criada por Barros, atualmente denominada *ELiS*. Noutros tempos, e depois de passar por alguns aperfeiçoamentos terminológicos, essa ferramenta foi chamada de *QuiroSig*, em referência à nomenclatura *Quirema* alcunhada por Stokoe. Entretanto, com o amadurecimento teórico, percebeu-se que essa terminologia fazia alusão somente à dimensão manual das línguas de sinais, desconsiderando os elementos de caráter não manual, como abordado anteriormente, além de não conter em sua própria estrutura um termo que referenciasse o fator escrita dessas línguas. Assim, o sistema foi renomeado de *ScripSig*, e, só depois, de *ELiS* (cf. BARROS, 2008, p. 25).

Nessa mesma direção, e com motivações iguais as que justificaram a escolha do termo *Visema*, a autora opta também pela substituição do nome *Fonologia* pela terminologia *Visologia*, a fim de melhor nomear e conceituar o campo de investigação das unidades menores das línguas de sinais. No quadro a seguir também é possível perceber que essa mudança terminológica abrange todo o campo de estudo do primeiro plano de análise linguística das línguas sinalizadas, e que as novas nomenclaturas são desenvolvidas em torno de uma mesma raiz etimológica: *vis-*. Todavia, a presente discussão interessa-se especialmente pelos termos *Visema* e *Visologia*.

Quadro 7 - Relação terminológica entre as LS e as LO

Campo das LS	Campo das LO
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto

Fonte: Barros, 2008, p. 140.

Tais nomenclaturas (*Visema* e *Visologia*) igualmente aparecem nas considerações de Quadros (2019). Em sua mais recente produção, a autora faz um levantamento de alguns termos utilizados no âmbito das investigações em línguas de sinais, com o objetivo de esclarecer e de definir a terminologia empregada nessa área, que, segundo a autora, ainda pode causar dúvida por conta de o seu uso ser bastante específico. Nessa direção, organiza um glossário terminológico para auxiliar os estudiosos desse campo de pesquisa, inclusive, a compreenderem a sua obra. A ilustração abaixo mostra apenas um recorte (o que interessa a esse trabalho) desse glossário. Nele, Quadros (2019) coloca em um mesmo grupo conceitual os termos usados por Barros (2008), os termos aplicados no estudo clássico das línguas orais e

os termos encabeçados nos primórdios da *Proposta Stokoeana*, estabelecendo, assim, uma analogia terminológica entre *Visema*, *Fonema* e *Querema*, bem como entre *Visologia*, *Fonologia* e *Querologia*, e deixa claro a sua preferência pelo uso dos termos *Fonema* e *Fonologia* – ainda que retratados entre aspas e com base na justificativa empregada pela maioria dos estudiosos – para se referir às unidades mínimas das línguas de sinais e a sua respectiva área de estudo, nessa ordem.

Quadro 8 - Glossário terminológico

Fonema/ querema/ visema	Fonema é o termo usado para se referir às unidades mínimas de uma língua. Alguns pesquisadores usam os termos 'querema' ou 'visema' para as unidades mínimas das línguas de sinais, mas a grande maioria dos linguistas mantém o uso do termo 'fonema'. Neste livro, usaremos o termo 'fonema', compreendendo-o de forma mais abstrata, não nos referindo ao som, mas a unidades mínimas. No caso das unidades mínimas das línguas de sinais, aludimos às configurações de mão, aos movimentos, às locações em que são produzidos os sinais e às marcações não manuais.
Fonologia/ querologia/ visologia	Fonologia é o campo de estudo das unidades mínimas de uma língua. No caso dos estudos das línguas de sinais, são usados também os termos 'querologia' ou 'visologia'. Neste livro, usaremos o termo 'fonologia' das línguas de sinais para nos referir aos estudos das unidades mínimas e suas combinações, compreendendo o termo de forma mais abstrata, como vários linguistas que trabalham com diferentes línguas de sinais.

Fonte: Quadro, 2019, p. 23, adaptação nossa.

Aqui, é interessante recuperar as considerações da revisão taxonômica proposta por Capovilla (2015), apresentada na subseção anterior, sobre a refundação de nomenclaturas a partir de uma retomada da etimologia dos termos. Em suas pesquisas, o termo *Visema* – grafado *VisEma* por se basear no significado do radical e sufixo que compõem tal palavra, e seguir a notação do autor – faz referência, ainda, às línguas faladas, diferentemente da indicação de Barros (2008). De acordo com Capovilla (2015, p. 75), Fisher (1968) propôs esse termo para referenciar as unidades mínimas de recepção visual das línguas faladas em analogia ao termo *FonEma*, que faz alusão às unidades mínimas de recepção auditiva das línguas faladas: “O *VisEma* estaria para recepção da fala por visão (leitura orofacial) assim como o *FonEma* está para recepção da fala por audição” (CAPOVILLA, 2015, p. 78). No entanto, na visão de Capovilla, a utilização da nomenclatura em questão é outra imprecisão terminológica na área da surdez. Ele acrescenta:

O termo *VisEma*, contudo, é inadequado e ilegítimo para representar a *unidade mínima da fala visível*. Pela composição *MorfÊMica-FormIcular*, esse termo conseguiria representar apenas, na melhor das hipóteses, uma unidade mínima de visão, mas sem especificar o objeto dessa visão (visão de quê? o que é que é visto?). Dizemos “na melhor das hipóteses” porque se trata de um hibridismo que combina ilegitimamente um radical latino (*vis*: visão) como um sufixo grego (*ema*: unidade mínima) (CAPOVILLA, 2015, p. 78, grifo do autor).

E, como forma de resolver esse impasse, Capovilla propõe termos alternativos formados pela combinação de elementos de origem grega (*MorfEmas*) ou latina (*FormÍculos*) para nomear as unidades visíveis da fala e para substituir a terminologia *VisEma*, que, conforme o autor, apenas faz alusão aos elementos mínimos da visão, sem explicitar maiores detalhes. Desse modo, em harmonia com a sua concepção taxonômica, apresenta as nomenclaturas (G) *FaneroLaliEma* (*faneros*: visível, *laliá*: fala e *ema*: unidade mínima) ou (L) *VisibilisLocutÍculo* (*visibilis*: visível, *locutio*: fala e *ículo*: unidade mínima) para representar as unidades mínimas visíveis da língua falada.

4.2.4 Proposta de Descrição Fonético-Fonológico

Como o próprio nome sugere, essa proposta não remete, necessariamente, à concepção de uma nova perspectiva sobre as terminologias utilizadas no âmbito dos estudos dos elementos linguísticos que constituem a estrutura das línguas de sinais, como fora ressaltada nas três propostas anteriores, pelo contrário, utiliza-se dos termos advindos das línguas orais e empregados, consensualmente, na maioria das pesquisas em línguas de sinais, e, por essa razão, merece ser evidenciada aqui, enquanto contraponto à preferência por nomenclaturas que façam referência ao caráter modal das línguas de sinais. Também corresponde a um estudo minucioso sobre os constituintes mínimos segmentais da Libras. Trata-se de um trabalho de dissertação que propõe a descrição das unidades do, chamado, nível fonético-fonológico que formam os sinais na Libras, proposto por Xavier⁴⁸ (2006), e com base no modelo teórico de análise sublexical pensado por Liddell (1984) e desenvolvido por Liddell e Johnson (1989).

Nessa empreitada linguística, Xavier (2006) faz uma retomada das descobertas de Stokoe (1960), referentes à constatação de que os sinais não são “figuras desenhadas no ar com as mãos”⁴⁹, mas símbolos complexos e abstratos que podem ser subdivididos e analisados em elementos menores, isto é, em subléxicos, os quais compõem a estrutura linguística do sinal da ASL, e, por sua vez, são identificados como *Configuração* de mão, *Locação* e *Movimento*, os, então, Parâmetros das línguas de sinais em geral. Igualmente, contextualiza a identificação dos demais parâmetros. E nesse ensejo, mesmo deixando evidente a sua opção pelo emprego das nomenclaturas tradicionais *Fonema* e *Fonologia* para

⁴⁸ André Nogueira Xavier, ouvinte, professor Dr. do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná.

⁴⁹ Stokoe (1960) citado em Xavier (2006, p. 10).

tratar as pesquisas em línguas de sinais, realça, ainda, o cuidado e a visão identitária tidos por esse linguista ao tentar nomear os constituintes das línguas de modalidade distinta das línguas orais, mediante a natureza visual de tais línguas, conforme abordado na seção primeira deste capítulo:

Stokoe empregou o termo *quirema* (do grego, ‘*quiros*’, mão) no lugar de *fonema*, para designar cada um dos aspectos que, nos seus termos, constituíam simultaneamente os sinais, e que tinha a função de distingui-los. Paralelamente, uso o termo *quirolgia*, no lugar de *fonologia* para referir-se ao domínio da gramática dessas línguas que tem, entre outras, a função de determinar as regras de combinação desses aspectos na formação dos morfemas (XAVIER, 2006, p. 20-21).

De acordo com o autor da proposta em questão, o modelo teórico de estrutura sublexical adotado parte da ideia primária de que os sinais das línguas visuoespaciais são formados por segmentos, tal como as palavras das línguas orais. Também se guia pela premissa de que é o princípio da sequencialidade que rege a realização interna de tais segmentos, igualmente como os segmentos oralizados, colocando, assim, à prova e contrariando as análises fonológicas de Stokoe, o qual acreditava que a organização dos segmentos sinalizados atendia a critérios de simultaneidade, como sendo a principal diferença entre as duas línguas, como evidenciado na seção dois do capítulo dois, que trata do Signo Linguístico da Libras.

Então, no modelo de Liddell e Johnson (1989), citado por Xavier (2006), os sinais são organizados em duas categorias: os que apresentam ausência de movimento e os que o possuem. Desse modo, a realização dos sinais dá-se por meio de segmentos, que, estruturando os itens lexicais das línguas sinalizadas, podem ser do tipo *suspensão (holds)*, que faz referência à primeira categoria, e do tipo *movimento (movements)*, referente à segunda categoria. Tais segmentos, por sua vez, são constituídos, internamente, por dois conjuntos de traços ou feixes: os *traços segmentais*, que determina se a mão está parada ou em movimento, e os *traços articulatórios*, que descreve a postura da mão, no que diz respeito a sua configuração, localização e orientação. Essa perspectiva linguístico-estrutural proporciona a cada parâmetro uma descrição mais detalhada e o estabelecimento de contrastes lexicais a partir desses traços e não do parâmetro como um todo, como abordado por outras linhas teóricas.

Partindo desse modelo de estrutura sublexicais, o MH (*Movement-Hold*), Xavier (2006) utilizou-se, como principal fonte de dados, do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado*

Trilingue da Libras, de Capovilla e Raphael (2001) para a organização de um banco de dados, do qual fosse possível acessar aos sinais a partir das suas propriedades articulatórias, para, somente assim, executar a análise e a descrição da estrutura dos segmentos internos dos sinais, a partir do modelo fonológico apresentado acima, uma vez que, no dicionário citado, esse acesso é feito apenas pela disposição alfabética. Tal banco de dados foi, ainda, elaborado com base nos seguintes critérios de agrupamento: sinais com [\pm 1 mão]; sinais com [\pm movimento]; sinais com [\pm movimento local]; sinais com [\pm 1 configuração de mão]; sinais com [\pm contato]; sinais com [\pm marcação não manual]; e sinais com [\pm reduplicação].

Assim, aplicando as nomenclaturas clássicas (*Fonema e Fonologia*) usadas nas pesquisas acerca dos constituintes das línguas sonoras, Xavier (2006) categorizou os segmentos constitutivos do inventário, tratado, fonológico da Libras, descrevendo os traços que caracterizam cada um desses segmentos e identificando quantos e quais são os segmentos de *movimento* e os segmentos de *suspensão* que representam as unidades mínimas formadoras do léxico da Libras, a fim de verificar contrastes sequenciais, para, então, com o seu trabalho, dar o primeiro passo para a análise e descrição segmental das unidades do nível fonético-fonológico que formam os sinais na Libras.

4.2.5 Proposta FONOLIBRAS

Fazendo uso de termos oriundos da literatura oral, como se constata na própria nomeação da proposta, essa perspectiva não tem como objetivo principal o levantamento de novas terminologias para o campo de estudo das unidades mínimas da Libras, porém propõe uma releitura conceitual de alguns termos utilizados no âmbito das investigações em línguas oralizadas para contemplar as línguas sinalizadas, e por isso figura entre as perspectivas terminológicas tratadas neste trabalho. De acordo com o seu propositor, Costa (2013), FONOLIBRAS é uma proposta de instrumento de avaliação fonológica da Libras, pensada a partir do modelo prosódico de Diane Brentari (1998), estudos dos traços inerentes e prosódicos, aplicado à língua de sinais no geral.

Anterior a apresentação propriamente dita desse estudo, o autor faz uma importante reflexão, a que mais interessa nesta produção, sobre a utilização clássica do termo *Fonologia* – enquanto ciência que se preocupa com o som, e ora aplicado às investigações dos constituintes menores das línguas de sinais –, priorizando a revisão e ampliação desse conceito usado pela tradição, a fim de envolver o primeiro nível de análise linguística,

também, das línguas visuoespaciais. Assim, Costa (2013, p. 32) defende que a *Fonologia* se ocupa do estudo das unidades mínimas que possuem caráter distintivo num determinado sistema linguístico, e não apenas do estudo dos sons. “A fonologia deve ser conceituada em termos de ciência da linguagem humana que se ocupa do estudo das unidades mínimas que estão no primeiro nível de análise linguística” (COSTA, 2013, p. 34). Com esse alargamento conceitual, o termo *Fonologia* é mantido em sua pesquisa para designar a área de estudo dos elementos mínimos estruturais da Libras, entretanto, tais elementos menores, os quais corresponderiam aos fonemas das línguas orais, passam a ser reconhecidos, nessa proposta, pela expressão *Unidade Mínima Distintiva*, o que não deixa, em certo nível, de fazer referência também ao próprio conceito de *Fonema* empregado nas línguas sonoras, mesmo que agora relacionado às línguas de sinais, em particular, a Libras.

Em sequência, Costa (2013) lança mão de uma revisão histórica dos estudos desenvolvidos no, então, Nível Fonológico das línguas de sinais. Dentre esses estudos, encontram-se as pesquisas de Stokoe (1960) sobre a estrutura básica dos sinais, bem como o seu aprimoramento com as descobertas de Battison (1974), em relação a outros elementos estruturais, e com as constatações de Liddell e Johnson (1984, 1986, 1988) referentes aos princípios que norteiam os segmentos linguísticos das línguas de sinais, todos já citados nessa produção. No âmbito brasileiro, são referenciadas: as investigações de Ferreira-Brito (1990, 1995), como sendo a precursora na descrição e na análise dos aspectos estruturais da Libras; as verificações sobre a aquisição fonológica por crianças surdas, de Karnopp (1994, 1999); as descrições das unidades do nível fonético-fonológico da Libras, com base no modelo de análise sublexical proposto por Liddell (1984), de Xavier (2006); entre outros estudos de compreensão e expressão da Libras.

Igualmente, apresenta os diferentes modelos pensados para uma representação fonológica das línguas de sinais propostos por vários estudiosos da área. Entre esses modelos, cita-se: o Modelo Quirêmico, de Stokoe (1960) – já abordado –; o Modelo MH (*Movement-Hold*), de Liddell e Johnson (1984, 1986, 1988), baseado abordagem da fonologia autosegmental; o Modelo HT (*Hand Tier*), desenvolvido por Sandler (1986), voltado para a CM em um nível autosegmental; o Modelo Moraico, que trata a CM como unidade mínima subsilábica (mora); o Modelo da Fonologia da Dependência, Hulst (1993), com destaque para os nós e subnós da estrutura fonológica dos sinais; e o Modelo da Fonologia Visual, de Uyechi (1994, 1995), que considera os articuladores sinalizados do ponto de vista geométrico.

Assim, ao término de suas investigações – pesquisa realizada com 4 (quatro) crianças surdas, filhas de pais ouvintes, com faixa etária entre 6 (seis) e 12 (doze) anos, residentes da

região metropolitana de Salvador/Bahia, a partir do instrumento criado (FONOLIBRAS), composto de 50 (cinquenta) figuras, distribuídas nas categorias animais, brinquedos, cores, elementos da natureza, frutas, objetos familiares, partes do corpo, pessoas, verbos (ação) e vestimentas, e com pontuações 0 para o sinal não eliciado ou sinal “caseiro”, 1 para o sinal diferente do esperado, mas pertencente ao mesmo campo semântico da imagem apresentada e 2 para o sinal eliciado conforme o esperado, com ou sem processo(s) fonológico(s) –, Costa (2013) constata, com a sua preferência terminológica, os seguintes processos fonológicos encontrados na Libras: a assimilação, a elisão, a epêntese e a metátese, enquanto processos prevalentes em crianças surdas em fase de aquisição da Libras como primeira língua.

4.2.6 Proposta Nobregueana

Outra proposta de renovação para os termos empregados nos estudos linguísticos da Libras é levantada por Valdo da Nóbrega⁵⁰, em um artigo, intitulado *Sigmanulogia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais*, publicado no volume 1 da Revista Leitura, em 2016. A inquietação do autor em relação ao uso dos termos de natureza oralizada para tratar os elementos menores das línguas de sinais, assim como as áreas de investigação desses constituintes, tem motivação comum à postura de boa parte dos estudiosos que se ocuparam com essa causa terminológica, e que simboliza o centro da reflexão deste trabalho: “É viável para a teoria linguística descrever línguas de modalidades distintas usando a mesma terminologia no que se refere à produção da fala?” (NÓBREGA, 2016, p. 200).

Nessa direção, a tentativa de inserir no mesmo formato, inclusive no que tange aos termos, línguas de modalidades e necessidades distintas pode ocasionar alguns prejuízos, sobretudo para as línguas de sinais, as quais ainda passam por processo de consolidação linguística em relação às línguas orais. Tratar as unidades mínimas – e seus respectivos campos de estudos – de ambas as línguas pelas mesmas nomenclaturas é, em princípio, uma descaracterização das especificidades das línguas sinalizadas. Assim, Nóbrega (2016), em concordância (quanto à urgência de uma nova terminologia) com a perspectiva de Capovilla (2015), aqui, abordada na segunda subseção desta seção, é assertivo ao dizer que a terminologia linguística usada atualmente é absolutamente adequada às línguas orais e imprecisas e insuficientes para as línguas de sinais, e, por isso, é necessário ter abreviaturas

⁵⁰ Valdo Ribeiro da Nóbrega, surdo, professor de Libras da Universidade Federal da Paraíba.

específicas para cada unidade mínima estudada na Libras ao se pensar em uma nova nomenclatura. Sobre essa imprecisão, acrescenta:

Há relatos dos professores nas aulas de Libras no Ensino Superior que são surpreendidos com a seguinte questão, pelos discentes: “mas a Fonologia não estuda o som?”. Em alguma medida, essa percepção faz todo o sentido, uma vez que, em termos gerais, a fonologia diz respeito “à organização dos sistemas sonoros das línguas naturais”. Se assim o é, e considerando que a Libras não disponibiliza em seu sistema um “sistema de som”, parece razoável o questionamento feito pelos alunos. Mais ainda: tomar sistema de sons por sistema de sinais, de movimento, de configuração de mãos ou algo que o valha não se faz pertinente, pois se trata de categorias bastante distintas (NÓBREGA, 2016, p. 202).

Tendo em vista que nem sempre há correspondência entre o material linguístico que é produzido/sinalizado numa língua de sinais e o que emerge das línguas orais, o autor, para resolver as suas inquietações terminológicas, propõe um conjunto de nomenclaturas apoiado na teoria do “léxico especializado”, que se caracteriza como o estudo que expressa conhecimento especializado em uma dimensão linguística relacionado com a dimensão cognitiva. Para tanto, com base nos conceitos presentes em dicionários, faz uma análise, quanto à pronúncia e à escrita, de cada uma das palavras selecionadas para formar a nova terminologia. Desse modo, propõe o termo *Sigmanulogia* para dar lugar ao nome *Fonologia* nas investigações linguísticas das línguas de sinais, em particular, da Libras.

Na *Proposta Nobregueana*, a terminologia *Sigmanulogia* origina-se a partir da combinação entre três outros termos: *Signo*, *Manual*, e *-Logia*. De acordo com Nóbrega (2016, p. 207), tais termos, são bastante significativos para a área de língua de sinais, tanto no território brasileiro quanto em outros países, representando, portanto, uma maior representatividade e possibilidade de uso dessa nova nomenclatura. A explicação de *Sigmanulogia* dá-se a partir da sua decomposição e da seguinte maneira: a apresentação do significado, referenciado no dicionário *Aurélio Online* (2016), de cada elemento que compõe esse nome. Para o primeiro termo (*Signo*), traz:

1 Sinal ou símbolo de algo; 2 Cada uma das doze partes do Zodíaco na esfera celeste; 3 Constelação correspondente a cada uma dessas doze partes; 4 Cada uma das figuras ou conceitos que representam a influência das doze partes do Zodíaco celeste sobre a vida ou a personalidade das pessoas; 5 Área de influência; 6 Unidade linguística que contém um significante (forma ou imagem acústica) e um significado (conceito); 7 Nome genérico das notas de música (NÓBREGA, 2016, p. 208).

Como visto, a palavra *Signo* é caracterizada por vários conceitos, entretanto o proponente orienta-se pelos conceitos 1 e 6, que fazem referência, respectivamente, a sinal ou símbolo de algo, e à unidade linguística que contém um significante (forma ou imagem acústica) e um significado (conceito), como sendo os significados mais pertinentes no trato com os estudos linguísticos da língua de sinais. O autor faz, ainda, alusão à constituição do Signo Linguístico (combinação de conceito e da imagem *acústica*) pensado por Saussure, já ressaltado na segunda seção do segundo capítulo, optando, entretanto, pela combinação de conceitos e elementos viso-espaciais. Em continuidade, o segundo termo (*Manual*) é assim conceituado:

1 Livro pequeno; 2 Livro que sumariza as noções básicas de uma matéria ou assunto; 3 Guia prático que explica o funcionamento de algo; 4 Relativo a mão; 5 Feito com a mão; 6 Que se pode mover à mão; 7 Que se pode facilmente trazer na mão; 8 Em que se trabalha com as mãos; 9 Que diz respeito a trabalho de mãos; 10 Que se transporta facilmente (NÓBREGA, 2016, p. 208).

Igualmente ao termo anterior, este recebe várias denominações. Como verificado, metade desses conceitos está diretamente relacionado às considerações linguística das línguas de sinais. Assim, são os itens de 4 a 8, nessa ordem, relativo a mão, feito com a mão, que se pode mover à mão, que se pode facilmente trazer na mão, em que se trabalha com as mãos, que sustentam a ideia terminológica desse autor, pois esses significados fazem referência às mãos, e, de alguma forma, aos usos delas enquanto elementos viso-espaciais na línguas de sinais. E sobre o terceiro termo (*-Logia*), Nóbrega (2016) faz apenas esta explicação: “[...] nos remete a um elemento que exprime a noção de estudo”, sem, necessariamente, basear-se nas definições dos dicionários etimológicos.

No que diz respeito à nomenclatura *Signema*, usada para substituir o termo *Fonema*, em menção às unidades mínimas das línguas de sinais, não há o mesmo detalhamento feito na terminologia *Sigmanulogia*. Porém, entende-se que a escolha deva ser o mesmo raciocínio (baseado nos conceitos de dicionários) utilizado para o levantamento o termo trocado por *Fonologia*. E com procedimento semelhante à perspectiva *Esteliteana* (2008), tratada na terceira subseção desta seção, a opção terminológica da presente proposta também se estende a toda a área de pesquisa do primeiro nível de análise linguística das línguas de sinais. Acredita-se que a dinâmica para a sua elaboração seja a mesma empregada na criação do termo *Sigmanulogia*. O quadro abaixo mostra a “equivalência” entre os termos usados nos

estudos da Linguística, incluindo os estudos das línguas de sinais, e os propostos por Nóbrega (2016). Todavia, à presente discussão, interessa somente os nomes *Signema* e *Sigmanulogia*.

Quadro 9 - Equivalência terminológica

Línguas orais	Línguas de sinais
Fonologia	Sigmanulogia
Fonética	Signética
Fonema	Signema
Alofone	Alosigne


Fonte: Nóbrega, 2016, p. 209.

Em oposição aos sinais FONOLOGIA e FONEMA, já existentes na literatura das línguas sinalizadas, o autor também delinea uma sinalização para os novos termos⁵¹ criados *Sigmanulogia* e *Signema*, com a justificativa de que é necessário pensar que, ao se criar uma nova terminologia para a teoria linguística da língua de sinais, deve-se considerar, também, o uso dessa nova nomenclatura associado à criação dos seus referidos sinais, para, assim, marcar a diferença entre os sinais condizentes aos termos das línguas orais. O sinal para a terminologia *Sigmanulogia* foi pensando da seguinte forma:

Figura 31 - SIGMANULOGIA



Fonte: Nóbrega, 2016, p. 211.

A ilustração acima é assim descrita por Nóbrega (2016): duas mãos de configuração número ⁵², orientação das mãos em diagonal entre direita/esquerda e cima/baixo, dedo médio das duas mãos pregado, com movimento retilíneo e simultâneo distanciando uma da outra. Já o sinal para a terminologia *Signema* é representado dessa maneira:




⁵¹ O autor também representa, por meio de sinal, o termo *Signética*, em referência a terminologia *Fonética* de domínio da oralidade, e o termo *Signo*, posto que já faça parte do vocabulário das línguas sinalizadas, para tratar do signo linguístico dessas línguas.

⁵² As numerações referem-se às Configurações de Mãos da Libras catalogadas por Felipe e Monteiro (2006), nesta discussão, apresentadas na **Figura 9** (página 51).

Figura 32 - Sinal SIGNEMA



Fonte: Nóbrega, 2016, p. 213.

Essa figura recebe do autor a seguinte descrição: uma mão com a configuração número  e sua orientação direcionada para o lado direito/esquerdo, o dedo indicador realizando um movimento semicircular com a outra mão, de configuração , com a orientação direcionada para o lado direito/esquerdo. E o motivo da configuração , segundo Nóbrega (2016), foi para dar a ideia de um gancho que está prestes a captar as unidades mínimas das línguas de sinais.

4.2.7 Proposta Masipeana

No artigo intitulado *A dimensão significativa da Língua Brasileira de Sinais*, apresentado à *Revista Educação, Artes e Inclusão*, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Vicente Masip⁵³ (2019) coloca em questão o fato de que, mesmo sendo uma língua gesto/visual, a Libras, atualmente, adota uma terminologia própria das línguas áudio/orais para descrever o seu significativo linguístico, visto anteriormente na seção dois do capítulo dois. Por esse viés, ele tece uma discussão contrastiva entre a caracterização dos constituintes mínimos das línguas orais e das línguas de sinais, com o intuito de levantar algumas coordenadas para a formulação de uma possível proposta do que venha a ser uma nova terminologia – mais específica e de acordo com a natureza da língua – para o significativo da Libras.

Nessa grande tarefa, inicialmente, o autor opta por expor uma síntese da sistematização sonora a partir da retomada dos conceitos clássicos presentes no ramo da

⁵³ Vicente Masip Viciano, ouvinte, professor Dr. da Universidade Federal de Pernambuco.

Linguística que se ocupa desse objeto, como, por exemplo: a distinção entre fonema⁵⁴ e som; os limites entre Fonologia, com sendo a área da Teoria do som, e Fonética, o campo de estudo do som propriamente dito; a ideia de alofone; a noção de oposição distintiva que interfere no significado das palavras; a existência de traços distintivos; entre outros conceitos, com base, principalmente, nos estudos de Trubetzkoy (1890-1938) e Roman Jakobson (1896-1982).

Assim, os mecanismos sonoros, no âmbito da Fonética, passaram a ser considerados a partir da sua perspectiva acústica, que, conforme o manuscrito, possibilitou um novo direcionamento nas investigações científicas do som, especialmente no que diz respeito à correspondência entre as dimensões articulatórias e acústicas desses sons. Desse modo, tornou-se concebível pesquisar os aspectos prosódicos – como o tom, a intensidade e a duração – na produção do som, assimilando, então, as suas propriedades físicas. Já no domínio da Fonologia Gerativa, esse som era tratado sob o ponto de vista dos universais linguísticos chomskyanos enquanto componentes constitutivos da gramática da língua na sua relação com o significado.

Para adentrar na dimensão significante da Libras, Masip (2019), utiliza-se de um vasto dado bibliográfico, trazendo para a discussão trabalhos que tratam desde questões cognitivas vinculadas à surdez a paralelos estruturais entre as línguas orais e as línguas de sinais moldados pelas definições de linguagem, língua, fala, oralização, sinalização, signo e sinal, de Saussure, Bakhtin e Vygotsky, até chegar nos trabalhos que abordam os aspectos linguístico-estruturais das línguas de sinais e, especificamente, da Libras. Em meio a esse trajeto, foram relatadas diversas pesquisas (muitas já apresentadas nesta produção) de linguistas interessados em decifrar o aparato dessas línguas, ora identificado e tratado como fonológico.

Feita a retomada linguística das principais considerações sobre as estruturas fonético-fonológicas das línguas orais e das línguas de sinais, o autor assinala os direcionamentos para uma nova proposta terminológica para a dimensão significante da Libras. Antes, faz, didaticamente, e como estratégia de estabelecer uma relação direta com a Libras, uma síntese do significante linguístico dos sistemas orais da comunicação em geral: a dimensão sonora desse *significante* é formada por uma *substância* (massa sonora), que é estudada pela Fonética (ciência das variantes linguísticas), e por uma *forma* (organização da massa sonora), que é estudada pela Fonologia (ciência dos parâmetros sonoros universais) (MASIP, 2019, p. 21). E continua a síntese com os desdobramentos da Fonologia e da Fonética:

⁵⁴ Fonema: a menor a menor unidade fonológica distintiva ou pertinente (TROUBETZKOY, 1976 *apud* MASIP, 2019, p. 3).

Oposição distintiva – Mecanismo fônico que permite distinguir por contraste o conteúdo cognitivo de uma palavra;
Traço distintivo – Cada uma das dimensões teóricas de um fonema;
Fonema – Mínima unidade fonológica distintiva; conjunto de traços distintivos;
Alofone – Variante de um fonema; realização física de um fonema (MASIP, 2019, p. 21).

Ainda na dimensão significativa das línguas orais, o autor categoriza os tipos de fonemas em: *segmentais* ou *inerentes* (divisíveis) e *suprasegmentais* ou *prosódicos* (não divisíveis). Esses representam o *Tom* (altura, cadência, melodia, sons agudos e graves, e se mede em hertz), a *Intensidade* (força, energia, medida em decibéis) e a *Duração* (tempo, medindo-se em milésimos de segundo), e aqueles constituem a *Vogal*, que do ponto de vista fonológico é o núcleo silábico e do ponto de vista fonético é uma emissão sem obstáculos, e a *Consoante*, sendo margem silábica, do ponto de vista fonológico e articulação com obstáculos, do ponto de vista fonético (MASIP, 2019, p. 21-22).

Nessa sumarização também são inclusas considerações sobre *Arquifonema* (conjunto de traços distintivos comuns a dois fonemas, tratando-se de uma abstração para designar consoantes que travam sílaba); *Semivogal*, a margem silábica, sob uma perspectiva fonológica, e uma emissão sem obstáculos, sob uma perspectiva fonética; *Sílaba*, sendo, sob uma perspectiva fonológica, um conjunto de núcleo e margem ou margens, e, do ponto de vista fonético, um conjunto de emissão ou emissões e articulação ou articulações; *Palavra fônica* como o conjunto unitário de fonemas ou alofones; *Acento paradigmático*, último acento de uma palavra fônica; *Grupo fônico*, como o conjunto unitário de palavras fônicas; e *Acento sintagmático*, último acento de um grupo fônico, os quais são tratados como *Outros Termos* na perspectiva do autor (MASIP, 2019, p. 22).

Após o levantamento dos elementos que constituem o significante oral, suas identificações terminológicas e conceituação, Masip (2019) inicia as coordenadas de uma reflexão que incita a criação de uma nova proposta terminológica para o significante linguístico da Libras. Segundo o autor, esse significante também é disposto por uma *substância* e uma *forma*. A primeira é a massa icônica e é estudada pela *Sinética*, essa sendo a ciência das variantes icônicas particulares, e a segunda é o modo como essa massa icônica organiza-se, sendo estudada pela *Sinologia*, que é ciência dos parâmetros icônicos universais; e para essa ciência, referenciam-se os seguintes detalhes:

Oposição distintiva – Mecanismo icônico que permite distinguir por contraste o conteúdo cognitivo de uma expressão sinalizadora;

Traço distintivo – Cada uma das dimensões teóricas de um sinema;
Sinema – Mínima unidade icônica distintiva. Conjunto de traços distintivos icônicos;
Alosine ou sinal – Variante de um sinema; realização física de um sinema (MASIP, 2019, p. 22).

Nessa perspectiva, as unidades mínimas icônicas distintivas, *i.e.*, os *Sinemas*, também se classificam, conforme o arranjo feito por Masip (2019, p. 23), em *Segmentais* ou *divisíveis* e em *Suprasegmentais* ou *não divisíveis*. Os primeiros, baseados na simultaneidade, são: a *Configuração da mão* (dedos, polegares, flexão; orientação da mão) e o *Ponto de articulação* (locação); os seguintes são: o *Movimento* (mãos, pulsos, antebraço), (unidirecional, bidirecional, multidirecional), (qualidade, tensão, velocidade), (frequência), (trajetória – sinais que apresentam L inicial ou final), (interno – Sinais que mudam a configuração da mão e sinais que mudam a orientação), a *Orientação da palma da mão* (para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita e para a esquerda), e as *Expressões não manuais* (faciais, corporais), as quais funcionam como *Marcação de construções sintáticas* (enunciados interrogativos do tipo sim/não; interrogativas QU; orações relativas; topicalizações; concordâncias; foco), *Diferenciação de itens lexicais* (referência específica, referência pronominal; partícula negativa; advérbio; grau; aspecto) e *Funções gramaticais* (marcação de concordância gramatical por meio da direção dos olhos, marcação com foco, marcação de frases negativas, marcação de frases com tópicos, marcação de frases interrogativas). Há ainda, semelhante à classificação dos constituintes das línguas orais, a categoria *Outros termos*, em que se encontram a *Expressão icônica*, conjunto unitário de *Sinemas* ou *Alosines*, e o *Grupo icônico*, conjunto unitário de expressões icônicas.

Em direção oposta ao que se apresenta na literatura especializada dos estudos em línguas de sinais, Masip (2019) direciona o parâmetro Movimento para a categoria dos formantes *suprasegmentais* ou *prosódicos*, isto é, considera-o não divisível e vinculado às especificidades das realizações dos sinais e não ao sistema linguístico formal da Libras. Entretanto, conforme visto na terceira seção do terceiro capítulo, que trata desse parâmetro, enquanto aspecto estrutural da Libras, o Movimento é, sobretudo, considerado um elemento *segmental* ou *inerente*, e, portanto, divisível em constituintes menores, os quais compõem a organização estrutural das línguas de sinais. Talvez a caracterização desse elemento quanto aos aspectos *tensão*, *velocidade* e *frequência*, por exemplo, seja a motivação para essa recategorização. De fato, tal parâmetro, em alguns contextos, passa a incorporar particularidades dos seus sinalizantes, mas isso não é uma regra, prevalecendo, portanto, as características inerentes ao Movimento.

Figura 33 - Sinal PESQUISAR



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2015, p. 1955.

Estruturalmente, o sinal ilustrado acima é realizado a partir da mão esquerda horizontal aberta com a palma para a direita e da mão direita em 1 com a palma para baixo e com o indicador apontando para frente e tocando a base do pulso esquerdo por meio de **movimento curtos** da mão direita para frente e para trás (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1955, grifo nosso), todavia, nada impede que, mediante o contexto de sinalização ou por interesse do sinalizante, seja acrescentada uma mais intensidade ao sinal.

5 (IN)ADEQUAÇÕES TERMINOLÓGICAS NA LIBRAS: OBSERVAÇÕES

A partir das considerações clássicas sobre os termos *Fonologia* e *Fonema* e do levantamento das propostas e/ou ampliações terminológicas tratadas no capítulo anterior, acentua-se, neste capítulo de finalização do trabalho, a discussão alusiva ao uso (in)adequado das nomenclaturas consagradas *Fonema* e *Fonologia* em referência à Libras como forma de refletir a respeito da adoção de nomenclaturas que façam jus às minúcias dos constituintes menores da Libras, assim como a sua respectiva área de estudo.

Desde os primórdios das investigações em línguas de sinais mediadas pelas descobertas de Stokoe, no que concerne à formação estrutural dessas línguas, comumente é possível encontrar a utilização das nomenclaturas *Fonema* e *Fonologia* em referência, nessa ordem, aos constituintes mínimos das línguas de sinais de uma forma geral e a seu respectivo campo de pesquisa, assim como o uso de expressões do tipo *sistema fonológico das línguas sinalizadas*, *estrutura fonológica dos sinais* ou *Fonologia das línguas de sinais*, como sendo a área que estuda a constituição dos seus componentes fonológicos, isto é, as unidades mínimas do sistema fonológico dessas línguas sinalizadas. E muitos são os pesquisadores que fazem a opção por esses termos em seus estudos investigativos em nome da vigência tradicional.

No caso da Libras, o hábito é referir-se à *Fonologia da Libras*, bem como às *unidades mínimas (parâmetros fonológicos) dos sistema fonológico da Libras*, conforme se verifica na ementa⁵⁵ da disciplina *Fonética e Fonologia* dos cursos, licenciatura e bacharelado, de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. O fato é que, na grande maioria de suas aplicações, tais vocábulos parecem mediante ao recurso gráfico aspas, o que, em certo nível, sinaliza a constante necessidade de se explicar e se desfazer a estranheza terminológica provocada por uma possível inadequação no uso de termos contrários ao caráter linguístico-modal das línguas de sinais. Segundo Costa (2013, p. 31), a esfera terminológica é o primeiro enigma ou desconforto quando se declara “fonologia de língua de sinais”, e, com base nas pesquisas levantadas em seu trabalho, as quais defendem o emprego das nomenclaturas clássicas nesse contexto, entretanto acrescenta:

Deve-se ponderar que não há qualquer transgressão na utilização da expressão “fonologia de língua de sinais”, já que muitos teóricos, sobretudo os que tem analisado a Língua Americana de Sinais e, por conseguinte,

⁵⁵ Constam os seguintes estudos linguísticos: Introdução aos princípios gerais da Fonética Articulatória. Relação entre fonética e fonologia. Introdução às premissas da descrição e análise fonológica. Processos fonológicos básicos (cf. QUADROS, 2014, p. 313).

contribuído para a análise de outras línguas de sinais, têm adotado essa terminologia (COSTA, 2013, p. 34).

Grosso modo, as terminologias *Fonologia* e *Fonema* estão ligadas, tradicionalmente, a questões de cunho sonoro. Nessa direção, ainda que os mais conservadores possam não reconhecer, parece haver certa incompatibilidade quanto à inserção desses termos clássicos no âmbito das pesquisas linguísticas em línguas de sinais, de modo que sempre seja preciso esclarecer o emprego de tais nomenclaturas. E a contextualização etimológica do termo *Fonologia* funciona como reforço a essa situação. A palavra fonologia é composta pelos morfemas gregos *phone*⁵⁶ e *logos*⁵⁷, que significam, respectivamente, som e conhecimento ou ciência. Assim, trata-se, no entendimento tradicional, de uma ciência que investiga o som, não existindo, portanto, alusão alguma às considerações de natureza sinalizada. Em contrapartida, a permanência na aplicação dessas nomenclaturas deve-se, também, a demandas de ordem tradicional, uma vez que se busca constantemente estabelecer relações entre as línguas de sinais e as línguas orais, por conta dos níveis de análise linguística entre as duas línguas serem análogos, como visto nas páginas iniciais desta produção.

“Nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais” (FERREIRA, 2010, p. 35-36). Na literatura especializada da área, esses parâmetros são também tratados como os fonemas das línguas sinalizadas, conforme as discussões do terceiro capítulo deste trabalho. Daí a comparação fonológica entre parâmetros e fonemas que atravessou a história das línguas de sinais e que persiste até os tempos atuais. Por mais que os parâmetros desempenhem, na construção dos sinais, o mesmo papel que os fonemas o fazem na formação de palavras nas línguas orais, isso não significa, de fato, que ambos possuem contextos linguísticos e necessidades iguais, e, portanto, não é suficiente para se que reconheçam e se nomeiem pelos mesmos nomes as unidades mínimas originárias de línguas com modalidades distintas.

Retomando os conceitos clássicos de *Fonema* e *Fonologia*, conforme visto no capítulo anterior, tradicionalmente, tais termos fazem referência aos estudos de ordem sonora, sendo o primeiro a unidade básica – unidade mínima e contrastiva de uma língua – do segundo, e o segundo, o campo de investigação do primeiro, enquanto signo linguístico. Assim, essas unidades mínimas distintivas entre si organizam-se para compor as palavras, as quais, por sua vez, combinam-se para formar as sentenças e os enunciados das línguas orais. Quadros e

⁵⁶ Fonte: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1992).

⁵⁷ Idem.

Karnopp (2014, p. 18), em menção à língua abstrata saussuriana (ressaltado na seção *Signo Linguístico da Libras*), salientam que os fonemas não são os sons fonéticos de fato, mas sim construções mentais abstratas que se realizam através dos sons pela aplicação de regras fonológicas, e por isso essa ideia pode ser aplicada aos fonemas das línguas sinalizadas. Os entendimentos cognitivos sobre a estruturação das línguas orais e das línguas de sinais assegurados pelos universais linguísticos são incontestáveis. O que se problematiza aqui são os usos dessas nomenclaturas conservadoras advindas da tradição sonora para intitular igualmente os constituintes das línguas sinalizadas.

A tentativa de preservar a identidade modal das línguas de sinais, nomeando-lhes os constituintes de acordo sua natureza linguística, lançada por Stokoe (cf. segunda seção do capítulo anterior) foi malograda e engolida pela força da tradição. Consoante Quadros e Karnopp (2004, p. 50), ao invés de utilizarem as terminologias propostas por Stokoe, os pesquisadores decidiram usar os termos tradicionalmente empregados em Linguística para as línguas orais, a fim de que os paralelos entre essas línguas e as línguas de sinais se tornassem mais evidentes. E, em momentos posteriores, deixando de lado a sua proposta terminológica, o próprio Stokoe passou a empregar o termo *Fonema* e *Fonologia* de forma ampliada para que, assim, envolvessem as manifestações das línguas de sinais.

Outra justificativa para a permanência no emprego das terminologias clássicas às línguas sinalizadas está ligada à concepção de língua natural defendida por Chomsky, já delineada nas primeiras páginas desta produção. Assim, estabelecia-se que as línguas de sinais, tidas como línguas naturais, partilhavam dos mesmos princípios das línguas orais, diferenciando-se apenas pela modalidade organizacional de cada uma. “Ambas têm um léxico (conjunto de símbolos convencionais) e uma gramática (regras que regem esses símbolos), apesar das diferenças entre fala e sinal” (QUADROS; KARNOPP, 2014, p. 48), e, por isso, podiam ter suas unidades menores e sua devida área de estudo nomeadas tais quais as das línguas orais, contribuindo, dessa forma, para a manutenção das nomenclaturas consagradas *Fonema* e *Fonologia*.

É exatamente essa correlação entre os sistemas linguísticos das línguas orais e das línguas de sinais que funcionou (e ainda funciona) como fundamento maior para a conservação de termos tradicionais conferido às línguas sinalizadas, chegando a ser, inclusive, uma questão de comodidade terminológica, como revela Costa (2013, p. 33), em alusão a Amaral *et al.* (1994, p. 59): “por uma questão de facilitação de terminologia e também para por em evidência o carácter linguístico deste sistema, passou-se a adotar a terminologia da

linguística para o estudo da língua gestual⁵⁸”. Vale pensar, pois, sobre a motivação para essa acomodação terminológica, talvez baseada em questões da ordem do poderio das línguas orais em relação às línguas de sinais, sustentando essas amarras e impossibilitando a independência, mesmo que seja apenas no domínio dos termos, das línguas sinalizadas.

A justificativa para a conservação dos nomes *Fonema* e *Fonologia* considerada mais relevante neste trabalho vem de Battison (1978), a qual, supracitada em Xavier (2006, p. 14), diz que o emprego de tais nomes para se referir às línguas sinalizadas se explica em razão de eles se referirem, na teoria linguística, a entidades abstratas, independente do seu canal de manifestação, ainda que tais termos sejam formados pela raiz grega ‘*phone*’, que significa som. Nessa direção, Quadros (2019, p. 42), reforça: “Os pesquisadores entendem que os termos ‘fonética’ e ‘fonologia’ referem-se aqui à área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo”.

Para reconsiderar algumas das justificativas acima, faz-se importante recuperar a noção de signo linguístico das línguas orais apresentada por Saussure – evidenciada na seção dois do segundo capítulo desta produção. Conforme a referida teoria, e de forma bem sucinta, o signo linguístico é constituído por um significante, isto é, imagem acústica, e por significado, ou seja, conceito, ambos considerados abstratamente e tratados como entidades psíquicas. A mesma noção, direcionada às línguas de sinais, recebe um reparo especial por conta da necessidade linguístico-modal de tais línguas: o significante, ora tratado como imagem acústica nas línguas oralizadas, agora é substituído por um significante representado por uma imagem visual (cf. OLIVEIRA, 2012). E os dois (tanto significante quanto significado) continuam no domínio mental, referindo-se à impressão da imagem visual (cf. FRYDRYCH, 2013).

Apreende-se dessa breve retomada que não há como fugir do fato de que as línguas de sinais, enquanto línguas naturais que são, portanto, submetidas aos princípios universais, são constituídas por signos linguísticos, formados, por sua vez, por um significante e um significado. Isso é uma evidência linguística. Agora, considerar/nomear o significante das línguas de sinalizadas como uma “imagem acústica” parece ser um tanto incoerente, terminologicamente falando. De maneira semelhante, não há como negar, e pelos mesmos motivos, que essas línguas, no nível mais básico de análise linguística, compõem-se por elementos menores sem significados, que se comportam como entidades abstratas, porém

⁵⁸ Usada como sinônimo de língua de sinais.

reconhecê-los pelos mesmos nomes é de igual incoerência. Isso sem entrar (retomar) no mérito da questão etimológica dos termos, abordada anteriormente. Assim, entende-se que o processo de abstração em línguas de sinais faz-se com base na natureza linguística dessas línguas, e, portanto, aqui, também não cabem considerações terminológicas que não representem essa particularidade modal das línguas sinalizadas.

É com base no seu caráter linguístico e especificidades na modalidade que as línguas de sinais demandam mudanças e/ou adaptações terminológicas também em outros domínios conceituais. No glossário terminológico feito por Quadros (2019, p. 26) para o auxílio nas pesquisas sobre a Libras, são apresentadas, partindo da ideia de sinal, as nomenclaturas *Sinalizante* e *Sinatória* em analogia, respectivamente, aos termos de tradição oral *Falante* e *Oratória*, e referindo-se, nessa ordem, à ‘falante’, mas que fala uma língua de sinais, ou seja, a pessoa que sinaliza uma língua de sinais, e à ‘oratória’, mas com a língua de sinais, ou seja, a arte de sinalizar, de se expressar de forma apropriada e de acordo com os objetivos pré-planejados para sinalizar de forma mais adequada, contundente, convincente e bonita.

Em contrapartida, Quadros (2019), mesmo reconhecendo a estranheza causada pelo emprego das nomenclaturas originadas pela raiz etimológica que faz referência ao som, defende: “embora o uso dos termos ‘fonética’ e ‘fonologia’ para as línguas de sinais possa causar estranheza, continuaremos a fazê-lo, junto com vários outros linguistas de línguas de sinais fazem [...]” (p. 42). E, conforme citado brevemente na terceira subseção da segunda seção do capítulo quatro, essa autora, no mesmo glossário terminológico, opta pela permanência na utilização dos termos *Fonema* e *Fonologia* para se referir, nessa ordem, às unidades mínimas da Libras e o seu respectivo campo de pesquisa, ainda que empregados entre aspas e com base na mesma motivação usada pela maioria dos estudiosos em línguas de sinais.

Neste livro, usaremos o termo ‘**fonema**’, compreendendo-o de forma mais abstrata, não nos referindo ao som, mas a unidades mínimas. [...]. Neste livro, usaremos o termo ‘**fonologia**’ das línguas de sinais para nos referir aos estudos das unidades mínimas e suas combinações, compreendendo o termo de forma mais abstrata, como vários linguistas que trabalham com diferentes línguas de sinais (QUADROS, 2019, p. 23, grifo nosso).

Na direção da proposta deste trabalho, parece ter um mínimo de conveniência quanto à natureza das línguas de sinais, em termos de aspectos terminológicos, a denominação feita por Bellugi e colaboradores (2002). Aparece em Costa (2013, p. 32) que esses autores, em referência à Língua Americana de Sinais, cogitaram a possibilidade da existência de um nível

fonológico para a língua de sinais, reconhecendo-o como “fonologia” sem som. Em contrapartida, aqui, registram-se duas observações sobre essa “renovação”: a primeira é de interesse da tradição dos termos, visto que houve a preservação da nomenclatura clássica (*Fonologia*) para não se distanciar dos estudos linguísticos já consolidados; e a segunda é natureza etimológica, pois a origem do “novo” nome ainda faz ligação às concepções sonoras, contrariando-se, por sua vez, com o seu próprio complemento “sem som”. Assim, essa perspectiva mostra-se um tanto controversa e ainda presa às bases clássicas terminológicas dos estudos sonoros, reforçando o insucesso das tentativas em resistir à soberania das nomenclaturas consagradas pela cultura oral.

O quadro abaixo sintetiza as propostas e/ou ampliações terminológicas, apresentadas na segunda seção do quarto capítulo desta produção, concernentes ao uso dos termos *Fonema* e *Fonologia* para fazer referência, respectivamente, às unidades mínimas das línguas de sinais (especialmente a Libras), bem como a sua área de estudo, a partir do qual serão discutidas as contribuições e/ou limitações de cada uma dessas perspectivas terminológicas, para que, ao final desta reflexão, fique evidente que não é por falta de termos apropriados às línguas de sinais – esses, em grau de maior ou menor adequação, já foram pensados – que se mantém a preferência no uso de terminologias advindas da tradição oral.

Quadro 10 - Síntese das Propostas Terminológicas

OR.	PROPOSTA	TERMOS	CONCEITO	AUTOR	ANO
01	<i>Proposta Stokeana</i>	<i>Quirema</i>	Unidade Mínima das Mãos	William Stokoe	1960
		<i>Quirologia</i>	Estudo das Unidades Mínimas das Mãos		
02	<i>Proposta Capovilleana</i>	(G) <i>SematosEma</i> ou (L) <i>SignumÍculo</i>	Unidade Mínima do Sinal	Fernando Capovilla	2015
		(G) <i>QuiriFormEma</i> ou (L) <i>ManusModusÍculo</i>	Unidade Mínima da Forma da Mão		
		(G) <i>QuiriToposEma</i> ou (L) <i>ManusLocusÍculo</i>	Unidade Mínima do Local da Mão		
		(G) <i>QuiriCinesEma</i> ou (L) <i>ManusMotusÍculo</i>	Unidade Mínima do Movimento da Mão		
		(G) <i>MascarEma</i> ou (L) <i>PersonallÍculo</i>	Unidade Mínima da Expressão Facial		
		(G) <i>SematosEmia</i>	Estudo dos (G) <i>SematosEma</i>		
03	<i>Proposta Esteliteana</i>	<i>Visema</i>	Unidade Mínima Visual	Mariângela Barros	2008
		<i>Visologia</i>	Estudo das Unidades Mínimas Visuais		
04	<i>Proposta de Descrição Fonético-Fonológico</i>	<i>Fonema</i>	Unidade Mínima da Libras	André Xavier	2006
		<i>Fonologia</i>	Estudo das Unidades Mínimas da Libras		
05	<i>Proposta FONOLIBRAS</i>	<i>Unidade Mínima Distintiva</i>	Unidade Mínima da Libras	Roberto Costa	2013
		<i>Fonologia</i>	Estudo das Unidades Mínimas da Libras		

06	<i>Proposta Nobregueana</i>	<i>Signema</i>	Unidade Mínima da Língua de Sinais	Valdo Nóbrega	2016
		<i>Sigmanulogia</i>	Estudos de Unidades Mínimas da Língua de Sinais		
07	<i>Proposta Masipena</i>	<i>Sinema</i>	Mínima Unidade Icônica Distintiva	Vicente Masip	2019
		<i>Sinologia</i>	Ciência dos Parâmetros Icônicos Universais		

Fonte: produção nossa (2020).

Embora os termos *Quirema* e *Quirilogia*, criados pela *Proposta Stokeana* (1960), sejam direcionados, inicialmente, para caracterizar os primórdios das pesquisas linguísticas de cunho estrutural sobre a Língua Americana de Sinais, foram utilizados para nomear os constituintes menores e o campo de pesquisa das línguas de sinais como um todo, e hoje representam a primeira tentativa, no quesito terminológico, de caracterizar e particularizar as línguas sinalizadas em relação às línguas orais, sendo, portanto, um marco histórico para essas línguas. E é por essa razão que é evidenciada dentre as propostas levantadas nesta produção para a discussão do uso das terminologias condizentes com a natureza linguística da Libras.

Partindo da raiz etimológica do termo *Quirema* (*quéri*, mão e *ema*, unidade mínima) e levando em consideração que há elementos que estão para além das mãos – marcas da face e do corpo e o espaço – os quais assumem, linguisticamente, funções específicas nas línguas de sinais, o par terminológico *Quirema/Quirologia*, pensado por Stokoe (1960), para nomear as unidades mínimas das mãos e o estudo das unidades mínimas das mãos, respectivamente, limita-se aos constituintes do domínio das mãos, não contemplando, assim, todos os elementos que formam a estrutura linguística das línguas de sinais, o que, conforme visto e constatado por estudos posteriores ao de Stokoe, inviabilizou, por vezes, a aplicabilidade e aceitação dessa proposta terminológica no âmbito investigativo das línguas sinalizadas.

Atualmente, essa perspectiva terminológica configura apenas inquietações do autor, que interessado em compreender o aparato estrutural das línguas de sinais, buscou identificar e conceituar os componentes mínimos dessas línguas, compondo, assim, a história linguística desses idiomas sinalizados. E mesmo colocadas de lado, no transcorrer das pesquisas em línguas de sinais, as nomenclaturas *Quirema* e *Quirologia* foram o ponto de partida para muitas pesquisas posteriores, seja como um modelo para ser aprimorado ou para ser refutado. E, em alguns casos, como visto no final da primeira subseção do quarto capítulo, até defendidas como as denominações que verdadeiramente representam as línguas de sinais. O fato é que tais terminologias proporcionaram avanços significativos na área da Linguística das línguas de sinais, como sendo a primeira proposta que cuidou da nomeação dos constituintes

menores das línguas de sinais e de sua referida área de estudo com base na especificidade majoritária da natureza linguística dessas línguas.

Ao fazer, pelo viés da etimologia, uma revisão taxonômica dos constituintes mínimos das línguas de sinais, em destaque a Libras, e das demais modalidades linguísticas, ainda que com intenções de cunho pedagógico, a *Proposta Capovilleana* (2015) propõe, alinhadamente, uma aproximação dos seus novos termos às especificidades e à realidade linguística das línguas sinalizadas, diferentemente do emprego dos termos *Fonema* e *Fonologia*, estreitando, assim, a relação entre a modalidade dessas línguas e os elementos que as compõem. De fato, do ponto de vista etimológico, esses termos pensados parecem estabelecer uma relação mais harmoniosa e direta com os elementos internos que os compõem, integrando-os em sua totalidade.

Assim, a partir da origem dos nomes, em termos de individualizar terminologicamente as línguas de sinais, essa proposta de “refundação” terminológica dos constituintes menores que formam as línguas de sinais é válida no sentido de ser condizente com natureza dessas línguas, no que diz respeito à modalidade linguística, no entanto demonstra demandar saberes específicos de ordem etimológica para que seja bem compreendida, visto que exige dos estudiosos e dos usuários da Libras, por exemplo, um considerável conhecimento sobre os processos que deram origem às palavras, o que, em certa medida, deixa comprometida a aplicabilidade dessa proposta. Talvez por conta desse requisito que não se verifica discussões posteriores em defesa dessa perspectiva terminológica no âmbito acadêmico, conforme se constata no posicionamento de Nóbrega (2016, p. 206): “Analisando as taxonomias terminológicas criadas por Capovilla (2015, p. 93), percebe-se a grande complexidade: a descrição linguística necessita, a nosso ver, também de termos mais precisos e, ao mesmo tempo, de fácil assimilação para o uso na ciência”. E, possivelmente, pelo mesmo motivo, a *Proposta Capovilleana* também não tenha se mostrado com grande repercussão em meio à comunidade surda brasileira. Mesmo com todo esse nível de estranheza nos termos adotados por Capovilla, essa proposta revela-se ampliada, o que dá conta de descrever muitos fenômenos linguísticos fundamentais na Libras.

Já a opção pelo termo *Visema*, acrescido do seu conceito “Unidade Mínima Visual”, encontrada na *Proposta Esteliteana* (2008), coloca as línguas de sinais sob uma perspectiva de generalização, tratando-as enquanto línguas apenas visuais, como apresentado na subseção 2.3 do quarto capítulo, quando a autora afirma: “[...] todo o resultado da realização das LS é visual [...]” (BARROS, 2008, p.15). Majoritariamente, as línguas de sinais assumem esse aspecto visual, entretanto não se pode desconsiderar a existências de línguas de sinais com

caráter excepcional, e que dispensam o papel da visão, como é o caso das línguas de sinais táteis utilizadas pelos surdos não videntes. O mesmo acontece com a preferência pelo termo *Visologia*⁵⁹, que significa “Estudo das Unidades Mínimas Visuais”. Nesse sentido, tais termos adotados na proposta não ilustra de fato todas as manifestações da comunicação sinalizada, fazendo referência somente às línguas de sinais visuais.

Outra incongruência encontrada nessa proposta refere-se a um anterior emprego (datado de 1968) do mesmo termo pensado pela autora, mas para nomear um fenômeno de natureza oralizada. Conforme visto anteriormente nas considerações de Capovilla (2015), para Fisher (1968), o termo *VisEma* faz alusão às unidades mínimas de recepção visual das línguas faladas em relação ao termo *FonEma*, que faz referência às unidades mínimas de recepção auditiva das línguas faladas. Desse modo, a utilização de um mesmo termo (*Visema/VisEma*), ora referindo-se à unidade mínima visual das línguas de sinais, pelo ponto de vista defendido por Barros (2008), ora fazendo referência à unidade mínima visual das línguas faladas, pela aplicação feita por Fisher (1968), conforme Capovilla (2015), sinaliza, por sua vez, o surgimento de mais um desencontro terminológico no que tange ao uso de terminologias advindas das línguas faladas para se reportar às línguas sinais, o que reforça a necessidade de se pensar em nomenclaturas plenamente distanciadas das já empregadas nas considerações linguísticas das línguas orais.

Ainda que a *Proposta de Descrição Fonético-Fonológico* (2006), de Xavier, não aborde, necessariamente, uma discussão sobre o levantamento de novas perspectivas terminológicas para as nomenclaturas utilizadas nas investigações dos elementos linguísticos que formam a estrutura das línguas de sinais, aqui, é levada em conta por marcar a persistência no uso dos termos de origem oralizada, contraponto à preferência por nomenclaturas que façam referência ao caráter modal das línguas de sinais, e por tratar de um estudo detalhado sobre os constituintes mínimos segmentais da Libras. O autor fez um minucioso levantamento dos segmentos que compõem o inventário, dito, fonológico da Libras com a identificação e caracterização dos segmentos de *movimento* e dos segmentos de *suspensão* formadores das unidades mínimas dessa língua. E mesmo validando as terminologias pensadas por Stokoe, ao reconhecer o cuidado e a visão identitária desse linguista para com a nomeação dos constituintes das línguas de modalidade distinta das línguas orais, essa proposta opta asseguradamente pelo uso das nomenclaturas tradicionais empregadas nas pesquisas acerca dos constituintes das línguas sonoras, ou seja, utiliza-se das

⁵⁹ Vale lembrar que a autora propôs um acervo terminológico – desenvolvido em torno da mesma raiz etimológica *vis-* – para todo o campo de estudo do primeiro plano de análise linguística das línguas de sinais.

terminologias *Fonema* e *Fonologia*, termos advindos da tradição clássica oral, para tratar as pesquisas em línguas de sinais.

A própria denominação da *Proposta FONOLIBRAS* (2013) direciona o caminho terminológico adotado pelo autor, por mais que a reflexão a respeito de novas nomenclaturas para o campo de estudo das unidades mínimas da Libras não seja o objetivo central⁶⁰ dessa perspectiva. Entretanto, apresenta uma releitura e ampliação conceitual para o termo clássico *Fonologia* e propõe uma expressão para substituir o termo tradicional *Fonema*, ambos usados consensualmente nas investigações em línguas de sinais, para, assim, contemplar de forma mais harmônica, no que tange às demandas terminológicas, essas línguas.

A revisão do conceito do termo *Fonologia* faz-se pelo entendimento de que essa área não se ocupa apenas do estudo dos sons, mas do estudo das unidades mínimas que possuem caráter distintivo num determinado sistema linguístico. Mesmo assim, o uso dessa terminologia, cuja raiz etimológica faz alusão às línguas oralizadas, é mantido pelo autor para designar a área de estudo dos elementos mínimos estruturais da Libras. Por outro lado, o seu idealizador reconhece que o conceito e o próprio nome da terminologia *Fonema* ainda está vinculado a questões do som e, portanto, faz a opção pelo uso da expressão “Unidade Mínima Distintiva” para se referir aos constituintes menores da Libras, a fim de não ser subversivo em sua pesquisa. De todo modo, essa expressão já faz referência, de alguma forma, ao próprio conceito do nome *Fonema*, adotado classicamente pelas línguas orais.

Ora, entende-se que, etimologicamente, tanto o termo *Fonologia* quanto o termo *Fonema* recupera noções de cunho sonoro, tradicionalmente aplicado aos estudos das línguas orais, como retratado no início deste capítulo. Assim, a justificativa pelo não uso do termo *Fonema* invalida a motivação pela ampliação conceitual e pela manutenção terminológica da nomenclatura *Fonologia*, o que não parece ser coerente a permanência na utilização dessas terminologias no trato com as línguas de sinais. Contudo, essa proposta, ainda que a sua preocupação primária não seja propriamente dito o levantamento de novas terminologias para as unidades mínimas da Libras e para a sua respectiva área de estudo, sinaliza a necessidade de uma revisão dos termos tradicionais oriundos das investigações em línguas orais: “Cabe, então, aos pesquisadores investir nas investigações das línguas de sinais, a fim de **adequar** ou **modificar** a terminologia clássica” (COSTA, 2012, p. 70, grifo nosso).

⁶⁰ FONOLIBRAS é uma proposta de instrumento de avaliação fonológica da Libras, pensada a partir do modelo prosódico de Diane Brentari (1998), estudos dos traços inerentes e prosódicos, aplicado à língua de sinais no geral (cf. seção 4.2.5 desta produção).

O par terminológico formado pelos nomes *Signema/Sigmanulogia*, para tratar, respectivamente, dos elementos mínimos e da área de pesquisa de tais elementos na Libras, em substituição, nessa ordem, aos termos legitimados pela oralidade *Fonema* e *Fonologia*, bem como as demais nomenclaturas pensadas na *Proposta Nobregueana* (2016), mostra-se categórico ao revelar a importância de novos e adequados termos a serem considerados no domínio da teoria linguística das línguas de sinais, como forma de valorizar essas manifestações sinalizadas nos âmbitos linguístico-científico e sócio-cultural. Entretanto, ao optar pelos termos *Signo*, *Manual*, e *-Logia*, acrescidos dos seus conceitos dicionarizados, para compor a nova terminologia *Sigmanulogia*, como sendo referente ao campo de estudo dos sinais realizados pelas mãos, o autor dessa perspectiva incorre na mesma postura abrangente da *Proposta Esteliteana* (2008), abordada na terceira subseção do capítulo quatro, e no mesmo caráter excludor da *Proposta Stokeana* (1960), referenciada na primeira subseção desse mesmo capítulo.

Como ressaltado ao longo desta produção, as línguas de sinais de uma maneira geral realizam-se, majoritariamente, pelas mãos, todavia, não se deve esquecer o fato de que, em tais línguas, também há a presença de outros elementos que ultrapassam esse aspecto manual, como é o caso da influência das Expressões Não Manuais e do elemento Espaço na sinalização com um todo. Igualmente, deve-se levar em conta que há surdos e usuários dessas línguas que não dispõem dos membros superiores (mãos e braços), e, portanto, sinalizam de uma forma bastante específica, com o uso, por exemplo, de outras partes do corpo. Por outro lado, ao promover o levantamento de sinais para as terminologias criadas, essa proposta de renovação terminológica em sua extensão demarca, na esfera da prática sinalizada, a validação das novas terminologias, possibilitando, assim, por meio desse aspecto ilustrativo, uma aproximação para com a comunidade sinalizante.

O levantamento dos termos – acompanhados por seus conceitos – *Sinema*, como sendo a *Mínima Unidade Icônica Distintiva*, e *Sinologia*, representando a *Ciência dos Parâmetros Icônicos Universais*, feito pela *Proposta Masipena* (2019) para substituir as terminologias *Fonema* e *Fonologia*, respectivamente, como um meio de revisar/atualizar as nomenclaturas clássicas (advindas dos estudos das línguas orais) utilizadas nas pesquisas em Libras, retoma um importante aspecto, o qual foi ressaltado na segunda seção do segundo capítulo deste trabalho, que versa do Signo Linguístico da Libras. Trata-se do caráter icônico das línguas de sinais.

Conforme visto anteriormente, a iconicidade não é uma característica inerente a essas línguas, uma vez que há sinais que não fazem referência alguma a sua realidade representada,

ou seja, são totalmente arbitrários. Mesmo quando esse aspecto icônico se faz presente em alguns sinais, comporta-se de maneira distinta a depender da língua sinalizada em uso, como verificado na **Figura 5** (cf. página 44 desta produção), que trata da iconicidade do sinal. Nessa direção, os termos *Sinema* e *Sinologia*, bem como a ideia de *massa icônica* aplicada a Libras, da forma como foram apresentados e conceituados, compreendem apenas as unidades de natureza icônica, não envolvendo, portanto, as demais unidades da Libras, isto é, as de natureza arbitrárias, e por isso não revelam tanta produtividade para intitular os constituintes menores da Libras, assim como o campo de investigação desses constituintes, podendo, inclusive, representar, em certa medida, um contrassenso em relação ao próprio *status* linguístico das línguas de sinais.

Em contrapartida, além de pensar uma renovação terminológica para o nível fonológico da Libras, essa proposta também se preocupa com as denominações de questões fonéticas, tratando, inclusive dos fatos da “prosódia sinalizada”. Também é bastante fecunda ao fazer a categorização das unidades mínimas distintivas (aqui, tratadas como icônicas) da Libras em *Segmentais* ou *divisíveis* e *Suprasegmentais* ou *não divisíveis*. Desse modo, mesmo que o acervo terminológico em questão ultrapasse o interesse desta produção, a qual vislumbra apenas as nomenclaturas *Fonologia* e *Fonema*, reconhece-se aqui uma abordagem ampla que compreende a totalidade e especificidades dos níveis de pesquisa da Libras. Assim, embora em uma perspectiva icônica das manifestações sinalizadas, as referidas terminologias de reformulação das nomenclaturas dos constituintes mínimos da Libras e dos seus respectivos campos de estudos, chamados de *Fonologia* e *Fonética* pela tradição, configuram-se, ao lado da *Proposta Capovilleana* (2015), como uma das mais completas abordagens de atualização terminológica no âmbito da literatura especializada da área.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da apresentação de uma visão geral da Libras – por meio dos seus aspectos histórico-contextuais, da organização estrutural do seu signo linguístico individualizado e do entendimento dos elementos que compõem a sua estrutura – e das discussões sobre os conceitos dos termos clássicos empregados pela teoria linguística do som, levantou-se, aqui, a reflexão sobre o uso das nomenclaturas tradicionais *Fonema* e *Fonologia*, aplicadas nas investigações das línguas orais, para tratar as unidades menores da Libras e o seu respectivo campo de estudo, habitualmente chamados de *Fonema* e *Fonologia da Libras*. Para tanto, foram evidenciados os estudos encontrados na literatura especializada da área, os quais, em níveis distintos, estavam direcionados para a discussão sobre o emprego dos termos *Fonema* e *Fonologia*, em referência, nessa ordem, aos constituintes menores da Libras e a sua referida área de pesquisa, seja em defesa da permanência dessas terminologias ou por meio de uma ampliação e releitura dos termos e conceitos já existentes, seja na promoção de novos conjuntos terminológicos.

Tão importante quanto à descoberta dos constituintes de uma língua é a sua devida nomeação. A constituição de uma terminologia própria reflete um momento decisivo na história da Ciência, conforme retratado na epígrafe desta produção, por isso é que a precisão terminológica é, também, um aspecto exigido pelo fazer científico enquanto constatações linguísticas. No entanto, tal individualidade terminológica não alcançou plenamente os estudos das línguas de sinais, se levando em consideração que nessa área ainda são utilizadas as nomenclaturas da cultura oralizada. E como ressaltado nas *Propostas Estelitaiana* (2008) e *Capovillena* (2015), por exemplo, os termos conservadores *Fonema* e *Fonologia*, bem como os derivados da mesma raiz etimológica, aplicados nas pesquisas em línguas de sinais não se mostram tão precisos para a descrição e identificação dos elementos que constituem a estrutura da Libras, tampouco para a nomeação do campo de estudo destinado à disposição e compreensão desses constituintes menores sinalizados.

Essa imprecisão apresenta um motivo bastante evidente, mas que, muitas vezes, por força da tradição oral já consolidada, é deixado em segundo plano: as línguas de sinais, em destaque, a Libras, estão dispostas, majoritariamente, na modalidade linguística visuoespacial, diferentemente das línguas orais, que são línguas orais-auditivas, como ressaltado no decorrer desta produção. E mesmo que as línguas de sinais aproximem-se das línguas orais quanto ao arranjo em elementos menores e à caracterização como línguas naturais, que partilham de universais linguísticos, a modalidade visuoespacial das línguas sinalizadas interfere

diretamente na organização estrutural de tais línguas, o que significa dizer que as terminologias aplicadas às línguas orais não devem ser diretamente atribuídas às línguas de sinais, reforçando, assim, a necessidade de nomenclaturas mais apuradas que atendam às especificidades dessa modalidade linguística.

Por outro lado, entende-se que toda opção terminológica, enquanto processo de nomeação das unidades mínimas da Libras e da sua referida área de estudo, no caso desta discussão, representa, portanto, um recorte da realidade e da percepção teórica/discursiva do seu proponente. Por isso, aqui, não se buscou proclamar, dentre as propostas de renovação e/ou adequação terminológica evidenciadas, as melhores nomenclaturas para substituírem os termos já consagrados pela tradição oral e atribuídos às línguas de sinais; também não se vislumbrou o levantamento de uma nova perspectiva para as terminologias *Fonema* e *Fonologia*, pelo contrário, apenas ergueu-se uma reflexão sobre a permanência do uso de nomenclaturas clássicas orais aplicadas às línguas de sinais, em especial, a Libras, justamente por se ter consciência de que o que está em jogo em toda essa discussão não é somente a ausência de um conjunto terminológico que, verdadeiramente, represente a natureza e particularidades das línguas sinalizadas, oposto a isso, nomenclaturas para tais é que não faltam, como mostrado por este estudo.

E mesmo com as diversas possibilidades terminológicas para a nomeação dos constituintes das línguas de sinais e do seu referido campo de investigação (desde as propostas iniciais, por meio do par *Quirema/Quirologia*, às mais atuais e modernas, pelos nomes *Sinema/Sinologia*), e com o constante reconhecimento, por parte dos linguistas, sobre a estranheza gerada pela atribuição de termos de raiz etimológica sonora às pesquisas em línguas de sinais, verifica-se, indistintamente, o uso das nomenclaturas *Fonema* e *Fonologia* para tratar os estudos linguísticos sinalizados. Nessa direção, constata-se que é a força hegemônica das línguas orais, tidas como majoritárias, sobre as línguas de sinais, consideradas minoritárias, que faz com que se mantenha o emprego dessas terminologias a fim de que o domínio da tradição sonora não seja contrariado e todas as investigações linguísticas partam, de algum modo, dessas línguas majoritárias. Assim, por trás de tudo isso, percebe-se que se trata de alguma influência político-discursiva, de natureza social, das línguas orais que asseguram (e, por que não, impõem), por vezes, a preservação desses termos.

Também é válida a compreensão de que o emprego de terminologias condizentes à especificidade modal da Libras não simboliza, por seu turno, apenas uma mudança de caráter terminológico, nem uma simples utilização de nomenclaturas originadas na esfera das línguas

de sinais. Simboliza muito além: representa, de fato, uma autonomia linguístico-terminológica, constituindo formas mais peculiares de conceber e de descrever essa língua, a partir das suas características espaciais e modalidade de realização, sem, necessariamente, relacioná-la aos costumes da língua oral, a qual se mostra com urgências diferentes das encontradas nas línguas de sinais.

Portanto, esta produção robustece a discussão acerca das terminologias tradicionais e de natureza oralizada – *Fonema* e *Fonologia* – utilizadas para nomear os constituintes mínimos da Libras e sua respectiva área de estudo, e se mostra em defesa do uso de nomenclaturas condizentes com a dinâmica linguístico-modal dessa língua. Assim, contribui para a ampliação dos estudos linguísticos de maneira geral (pensados, em grande parte, para as línguas orais), de modo a contemplar também as questões linguísticas de natureza sinalizada, principalmente no que tange às demandas terminológicas, e para o realce da língua da comunidade surda brasileira, que ainda carece de descrições e análises linguísticas cada vez mais consistentes.

A temática discutida neste trabalho direciona-se aos linguistas de maneira geral, aos estudiosos das línguas sinalizadas e oralizadas, aos surdos e usuários das línguas de sinais e a todos que, de alguma forma, se interessam em compreender os pormenores linguísticos das línguas de sinais, em particular, da Libras. Com isso, servirá como instrumento de pesquisa para que trabalhos posteriores, preocupados com o mesmo assunto, possa redirecionar as discussões a fim de aprimorar as questões terminológicas (ainda conservadoras) da Libras, as quais se mostram não finalizadas aqui.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Estélio Silva. *Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Teresina: EDUFPI/UAPI, 2010.
- BARROS, Mariângela Estelita. ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: *proposta teórica e verificação prática*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.
- BENASSI, Claudio Alves; PADILHA, Simone de Jesus. Fonologia da Libras: os parâmetros e a relação pares mínimos na Libras. *Revista Diálogos (RevDia)*, v. 3, n. 2, p. 94-106, 2015.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. Cap. 2, p. 19-33.
- _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Editora Pontes. 1989.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 25 abr 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 06 de março de 2019.
- _____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 06 de março de 2019.
- _____. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2 set. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 06 de março de 2019.
- CAPOVILLA, Fernando César. Paradigma neuropsicolinguístico para refundação conceitual e metodológico da linguagem falada, escrita e de sinais para alfabetização de ouvintes, deficientes auditivos, surdos e surdocegos. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. (Org.). *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. Vol. I: (sinais de A a H). 3ª edição (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. (Org.). *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. Vol. I: (sinais de A a H). 3ª edição (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

_____. (Org.). *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. Vol. II (sinais de I a Z). 3ª edição. (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 10ª edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

COSTA, Roberto César Reis da. *Proposta de Instrumento para a Avaliação Fonológica da Língua Brasileira de Sinais: FONOLIBRAS*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CUNHA, Antonio G. da (Coord.). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. (Org.). *Libras em contexto: curso básico: livro do professor*. 6ª edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERREIRA, Geyse Araújo; NAVES, Rozana Reigota. Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB). *VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras*. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 367-392, 2014.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIGUEIREDO, Lorena Mariano Borges; LOURENÇO, Guilherme. O movimento de sobranças como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n 48, p. 78-102, 2019.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística*. 6ª Edição. 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2011.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kummel. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2013.

GESSER, Audrei. *LIBRAS?: Que língua é esse?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. Apresentando a línguas e suas características. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Org.) *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos: EduFCar, 2014. Cap.2, p. 27-36.

INES. *A mudo surdez no Brasil*. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos, volume 6. Rio de Janeiro: INES, 2013.

_____. *Atas: Congresso de Milão [de] 1880*. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos, volume 2. Rio de Janeiro: INES, 2011.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. *The Signs of Language*, Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MASIP, Vicente. *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas*. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MÁXIMO, Nídia Nunes. *Fonologia da Libras: estatuto da mão não dominante*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. *Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2008.

NÓBREGA, Valdo Ribeiro Resende da. Sigmanulogia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais. *Revista Leitura*, v.1, n. 57, p. 198-218, 2016.

OLIVEIRA, Janine Soares de. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2015.

OLIVEIRA, Janine Soares de; WEININGER, Markus Johannes. Densidade de informação, complexidade fonológica e suas implicações para a organização de glossários de termos técnicos da língua de sinais brasileira. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 32, p. 141-163, 2013.

OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso Lessa de. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012.

PÊGO, Carolina Ferreira. *Sinais Não-Manuais Gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. (Org.). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2014.

ROSA, Emiliania Faria; BENTO, Nanci Araujo. *Libras - Licenciatura em EAD*. Salvador: UNEB / GEAD, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. Org. Simon Bouquet e Rudolf Engler. 12ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SEARA, Izabel Christina; NUNES Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2019.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. O Estatuto Linguístico da Língua Brasileira de Sinais e a Superação do Estigma na Educação de Surdos. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Bauru, v. 25, n. 3, p. 487-500, Jul.-Set., 2019.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

STOKOE, William C. *Sign language structure*. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.